

Gabriel Henrique de Souza
Cyntia Simioni França

Entrelaçando as memórias dos trabalhadores rurais em Araruna - PR

Semeando com o público e conhecendo
novas possibilidades de diálogos



 Pedro & João
editores

**Entrelaçando as memórias dos
trabalhadores rurais em Araruna-PR:
semeando com o público e colhendo
novas possibilidades de diálogos**

**Gabriel Henrique de Souza
Cyntia Simioni França**

**Entrelaçando as memórias dos
trabalhadores rurais em Araruna-PR:
semeando com o público e colhendo
novas possibilidades de diálogos**

Copyright © Autora e autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora e do autor.

Gabriel Henrique de Souza; Cyntia Simioni França

Entrelaçando as memórias dos trabalhadores rurais em Araruna-PR: semeando com o público e colhendo novas possibilidades de diálogos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 237p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1146-6 [Impresso]

978-65-265-1147-3 [Digital]

1. Trabalhadores rurais. 2. Memórias. 3. História Pública. 4. Walter Benjamin.
I. Título.

CDD – 370

Capa: Vitor H. Cruz com finalização técnica de Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I INTRODUZINDO A TEMÁTICA PARA O PÚBLICO	
CAPÍTULO I - É POSSÍVEL CULTIVAR EXPERIÊNCIAS NA MODERNIDADE?	21
PARTE II - FERTILIZANDO O CAMINHO TEÓRICO A PARTIR DOS DEBATES SOBRE MEMÓRIA	
CAPÍTULO II – CUIDADOS NO TERRENO DA MEMÓRIA	39
CAPÍTULO III – FERTILIZANDO O TERRENO DA PESQUISA COM OS PENSAMENTOS DE WALTER BENJAMIN	51
CAPÍTULO IV – FERTILIZANDO O TERRENO DA PESQUISA COM OS PENSAMENTOS DE E.P. THOMPSON	63
CAPÍTULO V – BUSCANDO AS SEMENTES: DESVELANDO OS SUJEITOS E O LUGAR DA PESQUISA	71
PARTE III - OS CULTIVOS E SEUS FRUTOS	
CAPÍTULO VI – OS GRÃOS PLANTADOS COM OS TRABALHADORES RURAIS	83

CAPÍTULO VII – 1º CULTIVO: CONVIDANDO OS TRABALHADORES RURAIS PARA NOVAS EXPERIÊNCIAS	87
CAPÍTULO VIII - 2º CULTIVO: VIVENDO NOVAS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL	95
CAPÍTULO IX - 3º CULTIVO: QUEM SOU EU NO ESPAÇO RURAL?	125
CAPÍTULO X - 4º CULTIVO: AS MEMÓRIAS RURAIS POR MEIO DAS IMAGENS	145
CAPÍTULO XI - 5º CULTIVO: O RELÓGIO E O CAMPO	171
CAPÍTULO XII - 6º CULTIVO: SABORES E SABERES PARA AS GERAÇÕES FUTURAS	185
PARTE IV - A PRODUÇÃO COMPARTILHADA DOS CULTIVOS	
CAPÍTULO XIII - 7º CULTIVO: ESCOLHENDO OS FRUTOS QUE SERÃO COMPARTILHADOS	211
CAPÍTULO XIV – LANÇANDO NOVAS SEMENTES PARA O MUNDO	221
(IN) CONCLUSÕES: REFLETINDO SOBRE OS FRUTOS COLHIDOS (E OS FRUTOS QUE AINDA VIRÃO)	227
REFERÊNCIAS	231

PREFÁCIO

O cheiro de terra, o canto dos pássaros
Depois de tanto tempo, me sinto em casa novamente
A cidade tem suas regalias
Mas jamais terei essa sensação de estar em casa
O campo, a roça, o sítio... Não importa seu nome
Para mim, sempre será a minha casa
(Gabriel H. de Souza)

Percorrendo os caminhos deste trabalho percebi o reencontro de um jovem com seu passado e sua metamorfose ao reconhecer a força de uma identidade que outrora foi renunciada e que hoje assume papel fundamental na redescoberta de um modo de viver singular.

Um garoto que queria ser professor e não sabia ao certo o que iria ensinar. Mas sabia que era por meio da educação que poderia fazer mudanças e buscar respostas para os anseios, dúvidas e questionamentos que brotaram no espaço rural: “Por que nada daquilo que eu aprendia no campo tinha relevância para a escola?”

É por meio dessas inquietações latentes neste professor-historiador, sujeito social e coletivo da e na história, que desperta a necessidade de produzir uma história a contrapelo, escrita por várias mãos, feita com as narrativas daqueles que foram silenciados nos livros de História. Uma história que busca escutar as memórias dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna-PR, e acolhe suas experiências vividas, sobretudo, para fazer compreender o que é o rural enquanto lugar, possibilitando e potencializando conhecer os seus saberes, fazeres, ensinamentos e as suas práticas socioculturais.

Este livro nos convida a apreciar um passeio no campo e precisa de uma escuta sensível, onde cada fala possa ser retida como um conselho para a própria vida, com vários sentidos e múltiplos significados.

As narrativas que brotaram neste material (inédito), foram colhidas em rodas de conversas, e denominadas “cultivos”. Estes encontros provocaram a explosão de memórias tanto nos trabalhadores rurais quanto no jovem que em outra época não conseguia estabelecer uma relação de significado entre o espaço escolar e o lugar onde morava.

Os sujeitos que compõem a autoria desta obra, compartilharam suas histórias de vida, situadas no tempo e no espaço para que outros trabalhadores pudessem se inspirar nelas para viver e reinventar novas experiências. De modo que os saberes, os fazeres, as crenças, as lendas, os ensinamentos e as tradições coletivas dos trabalhadores na relação com suas experiências vividas em Araruna, se tornem a semente da esperança e germine fortalecendo identidades e a coletividade no seu mundo comum.

Esta obra proporciona caminhos que conduzem a ressignificar práticas educativas e estabelecer relações significativas entre a cidade e o campo no espaço escolar, valorizando o saber de todos os estudantes, sem julgamentos de que o lugar limita a aquisição do saber.

Os frutos colhidos no campo da memória desses trabalhadores rurais encontram-se disponíveis em um site criado para compartilhar as experiências vividas na comunidade, como possibilidade de construção e produção histórica colaborativa, sem hierarquização de saberes acadêmicos e experienciais, onde a escuta sensível e atenciosa amplia a troca de experiências e resistência ao apagamento dos saberes locais.

Como professora, destaco a importância desta produção para o trabalho no chão da escola e de outros espaços coletivos que almejam a transformação do presente na busca de futuros outros. É uma semente preciosa, que os autores nos convidam para

semearmos juntos como possibilidade de resistência aos apagamentos e esquecimentos do modo de viver no campo, evidenciando os seus ensinamentos, experiências vividas, as relações coletivas que resistem ao avanço da modernidade capitalista, não apenas no estado do Paraná, mas em todo o Brasil.

Mas por que esse nome: cultivo?

O primeiro cultivo foi o momento da retomada de um vínculo distanciado para reestabelecer os laços e propor o convite para novas experiências coletivas com os trabalhadores rurais de Araruna. Acolhida a proposta, iniciaram-se as rodas de conversas, e o segundo cultivo foi chamado “Vivendo novas experiências no espaço rural”. Ao percorrer esse caminho percebemos um sentimento de pertencimento e no terceiro cultivo, uma proposta de busca por identificação “Quem sou eu no espaço rural?”.

Visualizamos a identidade do trabalhador do campo sendo fortalecida, as memórias rurais trazidas por meio das imagens fotográficas que recordam as relações afetivas, coletivas, familiares e do trabalho. Vimos também, que trabalhar no espaço rural é um exercício laborioso, carregado de singularidades em cada ofício realizado e que demanda o olhar atento ao “tempo”.

Olhar atento que nomeia o quinto cultivo “O relógio e o campo”. Já no sexto cultivo “Sabores e saberes para as gerações futuras” encontra-se a sabedoria valiosa e os conselhos tão importantes para manter pulsante as tradições no campo.

Eis que surge um desafio no sétimo cultivo, a “escolha” dos frutos que compartilhassem um pouco de todas as reflexões realizadas por pessoas inteiras, tecidas por alegrias e tristezas, lembranças e esquecimentos, lutas e resistências sobre a prática do seu viver cotidiano no espaço rural. Por fim, o oitavo cultivo intitulado “Lançando novas sementes para o mundo”, deixa brechas para outras histórias, outras memórias.

Para responder, mas não concluir, porque todo o processo de cultivo precisa regar, adubar, cuidar e colher e são etapas que dificilmente uma única pessoa poderia realizar com a mesma força do coletivo e por isso esse trabalho não se esgota aqui. Convido,

caro(a) leitor(a), a apreciar a beleza das memórias expressas em narrativas dos trabalhadores rurais de Araruna.

Campo Mourão, dezembro de 2023.

Marli Basseto

APRESENTAÇÃO

A presente obra¹ busca escutar as memórias dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna, interior do estado do Paraná, acolhendo as suas experiências vividas que, por vezes, foram apagadas da História local. Esta proposta surgiu a partir das seguintes perguntas: podem os(as) trabalhadores(as) do campo narrarem suas experiências vividas? O que eles(as) nos contam? Como seria a História de Araruna contada pelas lentes dos(as) trabalhadores(as) rurais? A partir dessas problemáticas, buscamos conhecer os seus saberes, fazeres, ensinamentos e as suas práticas socioculturais em Araruna.

No diálogo com o aporte teórico-metodológico de Walter Benjamin (1985), trabalhamos com os conceitos de memória, narrativa, experiência e rememoração, e, com Edward Palmer Thompson (1981), as noções de cultura, História, experiência e modos de produção de conhecimento histórico. Também são discutidas as compreensões acerca do que é o rural enquanto lugar para os(as) trabalhadores(as) a partir do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983).

Para colocar em ação a pesquisa, estimulamos os trabalhadores rurais a participarem de práticas de rememoração expressas em narrativas orais e iconográficas que foram elaboradas em imagens monadológicas.

As narrativas foram realizadas a partir de rodas de conversa, que foram denominadas de *cultivos*, em que o diálogo com os

¹ É fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “Cultivando experiências rurais: semeando como o público e colhendo novos espaços de memórias”, defendida em 05 de dezembro de 2023 pelo Programa de Pós-Graduação em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Campo Mourão, orientada pela professora Cyntia Simioni França.

trabalhadores rurais foi aprofundado, a partir das suas experiências vividas. Foram realizados 8 cultivos, cada um desenvolvido por meio de uma temática latente que representa as angústias, os saberes, fazeres, as tradições de uma comunidade rural no interior do estado do Paraná. Para o compartilhamento desses saberes, as narrativas colhidas dos trabalhadores rurais foram organizadas em uma Mostra Cultural em um espaço virtual (site) para sua publicização. Esta pesquisa se insere na interface com o movimento da História Pública, assumindo o itinerário de uma História feita com o público pela via da autoridade compartilhada (FRISCH, 2016) e para o público (SANTHIAGO, 2018).

A obra é fruto de um trabalho coletivo desenvolvido por mim, Gabriel Henrique de Souza, e pela minha orientadora, Cyntia Simioni França. Mas não foi apenas das nossas mãos que surgiu esse trabalho, todos os trabalhadores(as) rurais, protagonistas desta pesquisa, também contribuíram com suas narrativas e experiências no mundo rural. As artes presentes nessa obra foram idealizadas pelo artista Vitor H. Cruz².

A coletânea está dividida em 4 partes: parte I – Introduzindo a temática para o público; parte II – Fertilizando o caminho teórico a partir dos debates sobre memória; parte III – Os cultivos e seus frutos; e parte IV – A produção compartilhada dos cultivos. A parte I e II são narradas e escritas por ambos os autores, Gabriel Henrique de Souza e Cyntia Simioni França, já as demais partes são narrativas construídas a partir das experiências da pesquisa vividas por Gabriel e orientada no diálogo com a professora Cyntia.

No capítulo inicial, "É possível cultivar experiências na modernidade?", convidamos o leitor a questionar a viabilidade de semear novas experiências com o avanço da modernidade capitalista. Destacamos a relevância das memórias dos trabalhadores rurais de Araruna, no Paraná, como alicerce para a construção do conhecimento histórico local, ressaltando a essência

² Mais obras do artista podem ser vistas em: https://www.instagram.com/_nieth?igshid=MTNiYzNiMzkwZA==

do diálogo relacional entre pesquisador e os próprios protagonistas da pesquisa. Apresentamos as famílias envolvidas, participantes dos "cultivos" (rodas de conversa) que buscaram ressignificar as experiências vividas na comunidade e, assim, construir relações humanas mais significativas para o coletivo. Convidamos você a embarcar nessa jornada pela História Pública, onde as memórias se tornam o fio condutor de descobertas sobre os trabalhadores rurais de Araruna.

No terceiro capítulo, exploramos as intrincadas questões relacionadas à memória ao dialogarmos com as narrativas dos trabalhadores rurais. Inicialmente, questionamos a memória como mero objeto da História, contextualizando debates sobre sua emergência no século XIX e a mercantilização massiva. Ao criticarmos a cultura contemporânea da memória, refletimos sobre a relação entre memória e História, abordando com as perspectivas francesa e anglo-saxônica e ampliando com a noção de memória do filósofo Walter Benjamin que acolhe as memórias voluntárias e involuntárias nas práticas de rememoração.

No capítulo IV, "Enriquecendo o terreno da pesquisa com os pensamentos de Walter Benjamin", buscamos compreender as complexidades e potencialidades da modernidade capitalista. Benjamin aposta na rememoração para reinventar as narrativas das experiências vividas na modernidade.

No quinto capítulo, mergulhamos na interseção de nossas trajetórias com as ideias intrínsecas de E.P. Thompson, historiador cujo impacto ressoa em nossas reflexões sobre a cultura dos trabalhadores rurais. Thompson, um crítico contundente das abordagens "positivistas" e defensor de uma História diversificada, torna-se um guia vital em nossa jornada, desafiando-nos a enxergar a (s) cultura (as) como um tecido complexo de ritos, símbolos e resistências bem como reconhecermos como expressão e construção social, desconstruindo feixes para revelar as distintas experiências dos trabalhadores rurais. Thompson não é apenas uma referência teórica; sua visão inspira nossa pesquisa colaborativa, onde o conhecimento histórico é forjado no diálogo

constante com os sujeitos da pesquisa, revelando a vitalidade das vozes que clamam no passado e no presente e contribuindo para uma compreensão mais inclusiva e sensível da História.

No capítulo VI, empreendemos uma jornada pela pequena cidade de Araruna, mapeando os meandros da História local frequentemente omitidos. Focando na comunidade rural de Lirial de São Luís, onde sete famílias rurais são os fios condutores desta narrativa, resistindo ao avanço da modernidade capitalista. Inspirados por Yi-Fu Tuan, transcenderemos a geografia para explorar o "rural" como um lugar de profundo significado e pertencimento. Ao entrelaçar as memórias na paisagem, estas famílias prometem desvendar as sementes que brotam neste estudo, enriquecendo a compreensão do tecido social de Araruna.

No capítulo VII, intitulado "Os grãos plantados com os trabalhadores rurais" as rodas de conversa com os trabalhadores rurais se transformam em um diálogo respeitoso, promovendo a construção coletiva de uma História local significativa. Evitando a rigidez das pesquisas instrumentais, buscamos capturar a complexidade humana em suas memórias, no diálogo com a perspectiva benjaminiana. As metáforas das sementes esquecidas, que podem se tornar árvores frutíferas ou plantas espinhosas, trazem a riqueza e complexidade das lembranças dos trabalhadores rurais em imagens monadológicas (BENJAMIN, 1985). As "mônadas" compostas por narrativas orais, escritas e visuais revelam histórias individuais imersas no coletivo.

No capítulo VIII, intitulado convidamos os trabalhadores rurais para participarem do projeto e a construção de relações afetivas com a comunidade.

No capítulo IX, realizamos o acompanhamento individual das famílias de trabalhadores rurais, marcando um momento crucial na pesquisa. Essa fase permitiu a criação de laços significativos entre o pesquisador e os trabalhadores, despertando uma gama de emoções ao retornar ao ambiente rural.

No décimo capítulo, apresentamos o 3º cultivo, no qual ocorreu o primeiro encontro coletivo, reunindo todas as famílias na

residência dos pais do pesquisador Gabriel. A participação de cerca de 30 pessoas destacou o notável interesse da comunidade na pesquisa. As famílias foram convidadas a compartilhar suas histórias de vida relacionadas a um objeto que as acompanhava no campo, resultando em uma rica troca de memórias.

No capítulo XI, intitulado “4º Cultivo: As Memórias Rurais por Meio das Imagens”, narramos sobre o cultivo que reuniu as famílias na casa dos Bassani. Dividido em duas partes, o encontro explorou imagens históricas, como a foto de trabalhadores rurais em Araruna (1957) e a pintura “Festa de São João”. Essas imagens provocaram reflexões sobre festividades no campo e o impacto das inovações tecnológicas. Na segunda parte, cada família compartilhou suas fotografias destacando vivências festivas, encontros e celebrações. O capítulo enfatizou a abordagem das imagens como meio de aprofundar as discussões sobre as mudanças na percepção do tempo, do espaço e nas relações sociais.

No capítulo XII, intitulado “5º Cultivo: O Relógio e o Campo” trata do cultivo sediado na residência da família dos Malaco e com a presença de 30 participantes, incluindo o padre local, na qual refletimos sobre o tempo no contexto rural. Iniciando com o poema “O dia em que o relógio chegou no campo”, autoria do pesquisador, a roda de conversa propôs indagações sobre o significado do tempo na vida das famílias rurais. As mônadas apresentadas neste capítulo capturam as dúvidas e resistências em relação à passagem do tempo, questionando a eficácia do uso desse recurso nas vidas cotidianas.

No capítulo XIII, intitulado “6º Cultivo: Sabores e Saberes para as Gerações Futuras”, apresentamos o último encontro coletivo na residência dos Giupato Bassani e com a presença de todas as famílias participantes. Dividido em duas partes, o evento inicial abordou os sabores e os costumes medicinais presentes no cotidiano de cada família rural. Na segunda etapa, cada família compartilhou uma carta contendo saberes e experiências destinadas às gerações vindouras. A questão sobre a continuidade dos encontros pós-pesquisa revelou a importância significativa do

projeto não apenas para o pesquisador, mas também para todas as famílias envolvidas.

No capítulo XIV, apresentamos o ápice de meses de diálogo profundo com os trabalhadores rurais e suas narrativas. Inspirados pela parábola do vinhedo de Benjamin, mergulhamos na delicada tarefa de escolher saberes para o site e o livro, abraçando a abordagem de Frisch (2016) sobre autoridade compartilhada. Entre transcrições, seleções cuidadosas e diálogos constantes, o processo culminou em um retorno às famílias para a escolha final, onde as mãos dos trabalhadores rurais entrelaçaram-se coletivamente para escolher os frutos que seriam compartilhados, capturando a essência das narrativas rurais.

Neste capítulo final, mergulhamos no desfecho da pesquisa. O lançamento presencial do site, em parceria com a Casa da Cultura de Araruna e a Lei Paulo Gustavo, revelou-se um marco singular. Superando desafios e falta de apoio privado, optamos por celebrar o Dia do Agricultor, uma escolha carregada de significados. A cidade acolheu-nos na Casa da Cultura, onde as famílias rurais compartilharam suas experiências, partilhadas no site. Entre camisetas temáticas, discursos emocionados e um público diversificado, as histórias ecoaram, evidenciando o reconhecimento tão almejado pelos trabalhadores rurais. Em meio à chuva e à emoção, o evento selou um ciclo, mas não um adeus, pois as confraternizações persistem, reafirmando que a pesquisa transcendeu seu fim, semeando continuidades.

Compartilhamos os frutos colhidos e daqueles que ainda germinarão. Desde a idealização até a concretização do site e deste livro, o processo revelou que o valor da produção de conhecimento está na jornada, não apenas no resultado. Ao narrar as experiências dos(as) trabalhadores(as) rurais, o objetivo não foi resgatar memórias, mas amplificá-las a partir da própria realidade do mundo rural. O diálogo com a História Pública e as reflexões sobre o avanço da modernidade capitalista destacam a resistência dessas comunidades diante das imposições da lógica do capital que busca invadir o espaço rural. A pesquisa não apenas revela a luta por

direitos no campo, mas se configura como uma narrativa edificante para nós, um retorno à comunidade que nos transformou. O convite final é para que as reflexões e descobertas desta pesquisa continuem reverberando em múltiplos públicos e transcendendo os limites geográficos de Araruna.

Gabriel H. de Souza
Cynthia Simioni França

PARTE I

INTRODUZINDO A TEMÁTICA PARA O PÚBLICO



CAPÍTULO I - É POSSÍVEL CULTIVAR EXPERIÊNCIAS NA MODERNIDADE?

*Há tantas memórias perdidas entre nossa trajetória...
Mas algumas permanecem, apesar do tempo,
Das outras lembranças que constantemente
Entram em nossas vidas e da distância que estas estão do presente.*

*Há lembranças que nos remetem a bons momentos e ao pensarmos,
Nos deparamos sorrindo ao voltar ao tempo.
Outras, apertam nossos corações.
Pequenos momentos que nos machucaram em um determinado tempo
E que hoje não nos machuca mais.*

*Mas quando as lembranças surgem,
As feridas que pareciam estar cicatrizadas voltam a incomodar.
As lembranças são importantes, pois demonstram pedaços de nós,
E que se juntarmos cada um destes e reconstruir, surgirá o que somos hoje.
Cada detalhe, cada atitude, cada marca representa o que vivemos dia a dia.*

(Sarah Marcondes Lapenna)

Nas palavras da escritora Sarah Marcondes Lapenna a questão reflexiva são as memórias. Mas não apenas as memórias, mas também os esquecimentos, aquelas memórias que machucam e são difíceis de serem lembradas, que, por vezes, ficam às margens da narrativa histórica.

Compartilhamos uma pesquisa construídas com os(as) trabalhadores(as) rurais, tendo como mote de reflexão a História local na interface com suas memórias vividas em Araruna, uma cidade do interior do estado do Paraná. Por meio das memórias e narrativas dos trabalhadores rurais produzimos conhecimentos históricos. Também escutamos e potencializamos suas histórias de vida, situadas no tempo e no espaço para que outros trabalhadores

pudessem se inspirar nelas para viver e ressignificar as suas próprias experiências. Por fim, buscamos conhecer os saberes, os fazeres, as crenças, as lendas, os ensinamentos e as tradições coletivas dos trabalhadores na relação com suas experiências vividas em Araruna. Os encontros (cultivos) realizados com os trabalhadores rurais fizeram com que eles(as) revivessem sentimentos e conversas que há tempos estavam soterrados e consumidos pela rotina da modernidade capitalista, e ressignificassem novas formas de se relacionar entre si dentro da comunidade.

Mas afinal, quem são essas famílias que se dispuseram compartilhar suas memórias nesta pesquisa? Todas elas vivem no município de Araruna, cidade do interior do Paraná, com cerca de 15 mil habitantes. Apesar de pequena, são muitas as comunidades rurais que existem no município, chegando a mais de 20, contando com vilas rurais e distritos. Participaram dos encontros cerca de 30 pessoas, por isso, para facilitar a organização de cada família e entendendo os limites do pesquisador, trabalhamos com um casal de cada, totalizando para a pesquisa 14 trabalhadores(as) rurais. São estas as famílias: Souza (Iraci Ferreira de Lima Souza e Erasmo Carlos Alves de Souza); Bassani (Josi Bassani de Souza e Nilton Roberto de Souza); Maiolli (Maria Inez Maiolli e Celso Maiolli); Giupato Bassani (Cláudia Aparecida Bassani Mau e Durvalino Donizete Mau); Malaco (Evanir Cabreira Malaco e Luiz Malaco); Nascimento Giupato (Cleide Giupato do Nascimento e Severino Luiz do Nascimento) e Ramalho (Antônio Camilo Ramalho e Aparecida Bondezan Ramalho). Utilizamos os nomes reais de cada trabalhador(a) rural, pois eles autorizaram a partir da documentação e do projeto aprovado pelo Comitê de Ética.³

As famílias de trabalhadores(as) rurais participaram de 8 encontros, chamados de cultivos. Para que estes fossem desenvolvidos, partimos do pressuposto de que trabalhar a História Pública atrelada às reflexões em torno das memórias (essas que se

³ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética sob o número 64636422.8.0000.9247.

configuram para além de meros objetos), devem ser vistas como um meio potente para a produção de conhecimentos históricos para e com o público (trabalhadores rurais) nessa pesquisa. Não se trata de trabalhar de maneira distante com as memórias, numa relação de posse e dominação (GALZERANI, 2008). O trabalho com memórias como meio de produção de conhecimentos, nas palavras da professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2008), inspirada em Walter Benjamin⁴, é entender que, nós, como pesquisadores e os trabalhadores rurais, como sujeitos, produzimos saberes no palco das memórias. Para a autora, a relação do pesquisador com as memórias das pessoas “não é de exterioridade ou de posse do outro, nem mesmo de análises racionais explicativos para comprovação de fatos, mas uma relação dialogal, relacional no ato de produção de conhecimentos”, assim o “pesquisador imerge no contato com as memórias para depois emergir enriquecido no contato com o outro” (GALZERANI, 2008, p.8).

Benjamin trabalha com as memórias tanto por meio de um diálogo que se estabelece a partir da filosofia de Henri Bergson, quanto da psicanálise de Freud e Jung, e com os literatos, como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Marcel Proust. A memória, para Benjamin, não é um instrumento de exploração do passado, como mero fim, mas o seu meio: “É uma memória carregada de conhecimento, de saberes experienciais. A memória é onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1985, p. 239).

A partir das reflexões realizadas, buscamos conhecer os saberes, os fazeres, os ensinamentos e as práticas socioculturais dos trabalhadores rurais em Araruna. Como o município pode ser contado pelas lentes dos trabalhadores rurais? Quais trabalhadores rurais se dispuseram partilhar suas experiências

⁴Walter Benedix Schönflies Benjamin, nascido em Berlim, conhecido crítico literário, filósofo, ensaísta, ficcionista e poeta, possui grandes contribuições para o debate em História Pública, com suas contribuições em relação a memória, História e outros conceitos que quebram a hierarquização de saberes.

vividas na cidade? Pensamos que escutar os trabalhadores rurais, a partir do seu universo social é uma das possibilidades de compreendermos a potencialidade das memórias para (des)velar o contexto social, histórico e cultural de uma dada época bem como um ato de resistência ao apagamento de suas singularidades locais. Consideramos importante destacar que não é para “dar voz aos silenciados”, mais que isso, é um trabalho de escuta e reelaboração de sentidos com os trabalhadores rurais. Por isso, não buscou arquivar as memórias presentes nesses espaços, mas, ampliar suas vozes para que os diferentes grupos presentes na cidade interajam e conheçam essas experiências outras em Araruna, que, por vezes, são marginalizados de suas histórias pela historiografia “oficial” da cidade.

Em um paralelismo com o título da dissertação que inspirou este livro, *Cultivando experiências rurais*, ao dialogar com os trabalhadores, buscamos a possibilidade de semear novas experiências, sem esquecer daquelas sementes que caíram ao longo de suas jornadas. No futuro, esperamos que o broto de cada uma dessas experiências rememoradas possa render frutos, trazendo memórias desses e de outros trabalhadores rurais para a própria cidade de Araruna.

A partir desta contextualização, para que a pesquisa fosse concretizada e seus objetivos alcançados, os debates e as discussões em História Pública foram fundamentais para a elaboração, planejamento e desenvolvimento da proposta.

A reflexão sobre a História Pública é algo que tem crescido de forma acentuada nos debates historiográficos. Completando pouco mais de uma década, no Brasil os debates sobre o tema se intensificaram a partir do ano de 2011, quando foi desenvolvido o Curso de Introdução à História Pública, na Universidade de São Paulo (ROVAI, 2018). Desde então, a discussão sobre o trabalho do historiador no espaço público ganhou novos debates, trazendo algumas respostas, mas, principalmente, indagações para o futuro do nosso ofício. Mesmo sendo recente na realidade brasileira, os usos dos seus primeiros termos foram criados e utilizados em meados de

1970 nos Estados Unidos. Não cabe analisar onde surgiu a História Pública, quais seus objetivos e nem definir seu caráter teórico-metodológico, pois todas essas definições são amplas e possuem diversos caminhos a serem trilhados (SANTHIAGO, 2016).

O ato de publicizar sempre esteve presente em diferentes vertentes da História, a História Pública veio apenas institucionalizar os anseios de quem já era, de certa forma, um historiador público. O caráter da área é multidisciplinar como a História Oral, História Cultural, Antropologia, entre tantas outras. Nesse sentido, percebemos que as reflexões trazidas pela História Pública são como uma espécie de “guarda-chuva” conceitual, utilizando-se de diversas áreas e possuindo múltiplas vertentes para reflexões (SANTHIAGO, 2016). Nos preocupamos em trazer alguns questionamentos que consideramos pertinentes, não só para debater sobre conceitos em torno da História Pública, mas também que foram importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

A começar pela emergência da História Pública: por que ela está sendo tão debatida nos tempos atuais? A História, por muito tempo, foi discutida prioritariamente para, com e pelos historiadores, fechando-se em si mesma dentro das universidades e do ambiente da academia, deixando o público não acadêmico fora dos debates historiográficos. Além disso, reforço que a História Pública surge no ambiente acadêmico enfrentando diversas críticas da própria academia, cujos pesquisadores diziam (e ainda dizem) que ela não possui rigor científico, crítico e acadêmico (FAGUNDES, 2017). Tais pensamentos reforçam uma espécie de “autoridade” que certos historiadores acreditam ter sobre o passado, desconsiderando todas as discussões que envolvam o público.

Primeiramente, é importante ressaltar que, antes da institucionalização da História Pública no Brasil, muitas práticas históricas já eram realizadas por diversas entidades e pessoas: jornalistas, memorialistas, blogueiros, entre vários outros, que estavam preocupados com a história feita fora da academia. Enquanto isso, historiadores escreviam apenas para seus pares e deixavam de lado o público não acadêmico.

Pensar e “fazer” História Pública já fazia parte do cotidiano de inúmeras pessoas, sejam intelectuais ou não. Então, o que há de novo? A novidade é que houve um desenvolvimento de um movimento, por meio do qual passa-se a refletir e a debater de forma crítica sobre a área e busca-se ampliar seus diálogos com o público e em espaços públicos, para além do ambiente universitário.

Esse movimento de reflexão e ação no Brasil se intensificou, a partir da criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP) em 2012. Consideramos importante destacar a própria institucionalização do mestrado no qual fazemos parte, o Programa de Pós-Graduação em História Pública, sendo o primeiro Mestrado na área do país, mostrando que esse movimento de institucionalização se amplia.

O historiador Ricardo Santhiago (2016), em suas reflexões, traz quatro percepções possíveis para se pensar a História Pública: uma História feita *para* o público, *com* o público, feita *pelelo* público e História *e* público. A História *para* o público prioriza, em um primeiro momento, a ampliação do público consumidor da história; já a História *com* o público busca construir e refletir com uma história colaborativa, feita em conjunto com o público, sem perder a especificidade “científica” no processo de produção das Histórias; a História feita *pelelo* público se refere às formas não institucionalizadas de fazer História, muitas vezes são trabalhos relacionados diretamente à memória – por exemplo, páginas em redes sociais, livros, rodas de conversa feitas pelos próprios sujeitos da comunidade; e, por fim, a História *e* público, que estaria relacionada à reflexão crítica dos conceitos, métodos, teorias em torno da História Pública, ou seja, trabalhos relacionados à discussão teórica, com uma preocupação maior em debater criticamente sobre o tema (SANTHIAGO, 2016).

Nossa preocupação durante a pesquisa sempre foi com uma História feita *com* o público e uma História feita *pelelo* público, pois, produzindo a partir dessas vertentes, uma História feita *para* o público seria apenas consequência do trabalho conjunto.

Entendemos que apenas escrever *com* o público não seria o suficiente para essa pesquisa, pois a escrita feita *com* e *pelo* público muda completamente, não apenas o seu resultado, mas todo o seu processo, afinal, somos nós, enquanto pesquisador e pesquisadora, escrevendo com o público, mas dessa vez, tendo também as mãos dos(as) trabalhadores(as) rurais presentes em todas as etapas da pesquisa.

Com tais reflexões, buscamos dialogar com o público por meio da “autoridade compartilhada”, conceito elaborado por Michael Frisch. Nesse sentido, pretende-se ir além da hierarquização de saberes, e olhar para o público, não como mero consumidor, mas sim como produtor de suas próprias experiências, transcendendo a ideia de “historiador/plateia” (FRISCH, 2016, p. 60). Também não buscamos trabalhar com os sujeitos como se fossem meras vítimas da sociedade (ROVAL, 2018), mas sim a partir da autoridade compartilhada, pois ela entende que “o processo de interpretação e construção de significados, é, por definição, compartilhado” (FRISCH, 2016, p. 64). Frisch cita alegoricamente a ideia de que o espaço público digital é como uma cozinha, e nela todos podem participar e não apenas esperar pelo jantar (2016, p. 65), e é nesse sentido que construímos o site⁵, como um lugar em que os trabalhadores da zona rural possam ter um espaço para compartilhar suas experiências vividas em sua comunidade.

Ao dialogar e compartilhar saberes com os(as) trabalhadores(as) rurais de Araruna, identificando-os como sujeitos produtores de conhecimentos da pesquisa, buscamos ampliar a potencialidade das vozes que tantas vezes foram marginalizadas e que não tinham espaço na historiografia local oficial. Como o professor-pesquisador Inácio Jaquete afirma:

Foi uma contraposição, ou seja, uma ação contra hegemônica, que procurou contrariar a lógica de paradigma da ciência moderna, que

⁵ Mais detalhes sobre o desenvolvimento do espaço virtual se encontram nas reflexões finais da pesquisa.

muitas vezes entende esses sujeitos como simples fontes orais, cujo, suas narrativas são tomadas como apenas objeto de reflexão dentro dos muros acadêmicos, excluindo quase completamente os sujeitos produtores de conhecimento da sua própria História na relação com a comunidade em que vivem (JAQUETE, 2023, p. 54).

A partir das leituras de Jaquete, entendemos que os protagonistas desta pesquisa não são meros reprodutores de informações, porque foi com eles(as) que o conhecimento histórico foi construído, pelo viés da autoridade compartilhada (FRISCH, 2016), a partir das narrativas sobre suas experiências vividas nas comunidades rurais de Araruna.

O conceito de autoridade compartilhada (ou *“Shared Authority”*), apresentado pelo historiador inglês Michael Frisch (2016), é uma concepção na qual se aproximam os diálogos teóricos-metodológicos da presente pesquisa e que vem sendo trabalhada de maneira muito direta nas discussões da História Pública, como possibilidade de construção e produção histórica colaborativa e sem hierarquização de saberes acadêmicos e populares. Portanto, o que temos é uma necessidade de dialogar colaborativamente com diversos públicos ou sujeitos produtores de conhecimentos, sejam eles acadêmicos ou não.

Destacamos que essa perspectiva busca criticar uma visão cartesiana, ou seja, aquela ideia que somente historiadores possuem uma autoridade sobre a produção dos conhecimentos históricos. Ao refletir sobre a produção de conhecimento histórico com base na História oral, Frisch (2016) nos mostra que é fundamental a participação ativa de sujeitos, na qual devemos estabelecer uma relação dialógica, colaborativa e de autoridade compartilhada. Nesse sentido, se torna imprescindível que haja um reconhecimento da alteridade de saber, o que significa aceitar e reconhecer que tanto nós, enquanto pesquisador e pesquisadora, quanto os sujeitos envolvidos nas rodas de conversa somos portadores de diferentes autoridades e, portanto, produtores de

conhecimentos que devem ser conhecidos, reconhecidos e compartilhados sem nenhum tipo de grau de hierarquização.

A autoridade compartilhada é uma possibilidade de produção de conhecimentos históricos em que os sujeitos nas pesquisas são autores do processo. Assim, evitamos que os(as) trabalhadores(as) rurais sejam tratados como vítimas ou que suas memórias sejam transformadas em objetos de curiosidade, prontos para serem expostos e esquecidos em museus e arquivos de memória. Nesse construto, os sujeitos da pesquisa deixam de ser objetos de pesquisa ou apenas fontes de consulta que vão apenas depor as suas experiências e o pesquisador extrair informações e escrever sobre ele.

Ao enveredar pelo viés da autoridade compartilhada, buscamos enfatizar a ideia de coautoria, onde o pesquisador e os sujeitos estão em constante diálogo, sem hierarquização e respeitando os espaços e as possibilidades, produzem conhecimentos e saberes, assim como na plantação de um cultivo. Cada aspecto da pesquisa, seja o planejamento das datas dos encontros até a construção do site, foram pensados por meio da autoridade compartilhada, dialogando com os(as) trabalhadores(as) rurais. O ato de escuta aqui é entendido como uma possibilidade de reconhecimento de autoridade dos(as) saberes e fazeres dos trabalhadores(as) rurais, pois a escuta sensível e atenciosa amplia a troca de experiências e facilita o reconhecimento dos de conhecimentos outros.

Foi por meio de uma escuta sensível e pelo reconhecimento da autoridade compartilhada entre nós e os sujeitos da pesquisa que pudemos construir conhecimento histórico, juntos, em uma relação horizontal. Um dos exemplos que podemos citar de antemão é a narração dos(as) trabalhadores(as) rurais a partir das suas próprias maneiras de falar, seja com o “R” puxado ou palavras ditas de maneira não convencional, típicas de quem mora no interior. Tudo isso foi mantido nas narrativas como forma de resistir até mesmo a dita “escrita formal” ou “cultura”.

Cabe ressaltar que estes saberes e memórias possuem pouco ou quase nada de espaço nos livros de história, seja de Araruna ou de qualquer outra cidade. Elas são consideradas “menos relevantes” ou até mesmo esquecidas para que “histórias maiores” sejam contadas, como nos lembra Walter Benjamin (1987, p. 118). Essas vozes reunidas são “resistência ao apagamento dos saberes locais, por meio da ressignificação das suas narrativas com base na realidade sociocultural da comunidade, dando dessa forma lugar aquelas Histórias tidas como ‘menores’” (JAQUETE, 2023, p.56).

A *Shared Authority* (Autoridade compartilhada) nos mostra algo que já era próprio da História oral e foi ressignificado pela História pública, em que nós, historiadores (as) não somos os únicos detentores dos saberes, autores e intérpretes da História. Em vez disso, o processo de ressignificação e de construção dos conhecimentos históricos é compartilhada (FRISCH, 2016).

Realizando esta pesquisa ficou a reflexão: se tivéssemos mais contato com os saberes das comunidades rurais? E se os trabalhadores pudessem compartilhar suas realidades para os moradores da cidade de Araruna?

Nesse sentido, construir os conhecimentos históricos, divulgar e ampliar os conteúdos históricos para o público não significa simplificar para facilitar o entendimento (SANTHIAGO, 2016; ROVAI, 2018), mas semearmos juntos para criarmos possibilidades de resistência em meio a tantas imposições sob a lógica do capital que invade o campo.

Ao pensarmos na ideia de público, é comum remetermos o conceito da palavra para algo que é relativo a maioria das pessoas, ou ainda, que “público” está relacionado apenas a uma grande quantidade de indivíduos. A historiadora Renata Torres Schittino, ao refletir sobre os conceitos de público evidencia algumas perspectivas deste termo para os historiadores públicos. A autora busca na filósofa Hannah Arendt dois sentidos possíveis para o entendimento de “público”. O primeiro seria como algo que “se torna visível – o que vem a público, qual seja, pode ser visto e ouvido por todos” (SCHITTINO, 2016, p.38). Relacionado a esse

primeiro Arendt vai além do conceito grego da palavra e aponta a importância da esfera pública na existência da humanidade. Para ela, é tornando público, compartilhando entre seres humanos suas angústias, ouvindo e sendo ouvidos, pensando e percebendo novos pensamentos, trazendo à tona nossas dores e sentindo as dores dos outros que a realidade se torna plena em sua existência.

Enquanto seres relacionais, precisamos de um espaço para o compartilhamento das ideias, angústias e sentimentos. Percebemos o quanto esse espaço foi tirado dos(as) trabalhadores(as) rurais ao longo de suas vidas, muitas vezes, destruídos pelo avanço da modernidade capitalista, que não via mais “sentido” na existência de seus costumes e saberes coletivos.

Já na segunda concepção arendtiana sobre o público, um conceito importante para o entendimento dos sujeitos dessa pesquisa: o mundo comum compartilhado. Como a autora afirma, “esse mundo não é exatamente o mundo material, de artefatos construídos pelas mãos humanas, embora esses artefatos certamente façam parte do mundo. O mundo é o que surge ‘entre’ os homens – ao mesmo tempo separando e conectando” (SCHITTINO, 2016, p.40). Foi possível perceber esse “mundo comum compartilhado” dos trabalhadores rurais, e como ele se transformou (e ainda se transforma) com suas conexões, e ao mesmo tempo suas diferenças e singularidades. Ao trabalhar com as 7 famílias e seus diferentes modos de vida, foi possível trazer como cada uma possui suas próprias experiências dentro desse “mundo comum compartilhado”. Pensar a ideia de público a partir de Arendt, como afirma Schittino, é considerar:

Aquela noção de público como compartilhamento – como mundo comum. A partir daí penso que estamos em condições de conceber a ciência histórica como um discurso, como uma forma específica de abordagem, baseada principalmente em pressupostos metodológicos críticos. Mas, enfim, uma forma de abordagem da experiência da historicidade humana. (SCHITTINO, 2016, p.45)

A sobrevivência desse mundo só é possível se ele fizer parte da esfera pública, se ele de fato for compartilhado pela comunidade, caso contrário, esfacela-se e cai no esquecimento nas ruínas do tempo. “Quando Arendt está chamando atenção para a questão da permanência do mundo e sublinhando o sentido de público como mundo compartilhado, já está, portanto, desvelando uma crítica radical à modernidade e à contemporaneidade” (SCHITTINO, 2016, p.40). Junto aos trabalhadores rurais lutamos contra os apagamentos e esquecimentos do mundo rural compartilhado, evidenciando os seus ensinamentos, experiências vividas, resistindo ao avanço da modernidade capitalista.⁶

Enveredamos essa concepção de público enquanto compartilhamento. Pensamos a História Pública, não como uma fronteira, mas uma possibilidade de olhar para os lados possíveis desse mundo compartilhado, onde nós, enquanto pesquisador e pesquisadora, não somos apenas um mero divulgador das experiências rurais trazidas pelos trabalhadores e suas famílias, (SCHITTINO, 2016) mas, alguém que produz saberes com eles. Nas palavras de Rovai percebemos a importância de se trabalhar nesse sentido, pois:

⁶Walter Benjamin, ao buscar entender a sociedade europeia do final do século XIX e XX, entendeu que o século XIX não tinha capacidade de corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Com isso, houve a imposição de relações mentirosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é a Modernidade, dialogada nesse sentido com nas palavras de Baudelaire (BENJAMIN, 1985, p. 92). Para a historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani (2005, p. 54), Benjamin busca ampliar a ideia de modernidade capitalista quando traz de volta o movimento dialético entre cultura e economia, “uma vez que inclui, no interior do conceito de relações sociais de produção, a dimensão cultural, as visões de mundo e as sensibilidades”. Partindo dessa concepção amplificada de modernidade que Benjamin entende sociedade como o lugar das contradições sociais, ambiguidades e tensões impulsionadas pelo processo histórico-cultural em que se constitui a modernidade capitalista.

A História Pública requer envolvimento ético e devolução contínua entendendo-a como processo conflituoso, dinâmico e fragmentado, porque é alvo de disputas vivas entre as próprias comunidades, que devem ser, além de autoras, consumidoras e beneficiárias da publicização de suas Histórias e memórias. (ROVAI, 2018, p.196)

Entendemos que ao trabalhar nessa vertente nos configuramos enquanto pesquisador e pesquisadora preocupados, não com os resultados da pesquisa, mas com os problemas sociais e como eles podem ser superados por meio do trabalho conjunto com a comunidade.

Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o que esses trabalhos trazem em segundo plano. Ao trabalhar com as memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais pelo viés teórico-metodológico benjaminiano, buscamos ampliar os debates em torno da memória, não a utilizando como mero objeto de verificação da História, mas buscando entendê-la com uma área de conhecimento, com suas especificidades e debates próprios. Além disso, o diálogo dessas memórias pela História no ambiente rural é pouco debatido, como visto nas pesquisas.

Acreditamos que as reflexões sobre a História Pública para esta pesquisa são como gotículas de água que caem sobre um pequeno broto, nutrindo-o, regando-o, fazendo com que brote botões de flores reluzentes, e, assim, cresça com novos frutos, novas possibilidades de se trabalhar com o público.

Para além das reflexões teóricas, consideramos importante destacar também o processo de realização de cada cultivo. Mas por que esse nome: cultivo? Primeiramente, porque todo o processo da realização e da elaboração das rodas de conversa foi coletivo, assim como um cultivo de uma planta. Regar, adubar, cuidar e colher, são etapas que dificilmente uma única pessoa poderia concluir com êxito.

Os planejamentos desses encontros foram feitos com os membros do grupo *Odisseia*⁷. Cada detalhe foi pensado a partir da

⁷No grupo de estudos *Odisseia*, coordenado pela professora Cyntia Simioni França, na Unespar – Campus de Campo Mourão, estudamos o filósofo Walter Benjamin

realidade dos(as) trabalhadores(as) do campo, afinal, se um cultivo deixa de lado uma etapa (regar, adubar, etc), ele morre e não dá frutos, algo que não aconteceu com esta pesquisa. Muito pelo contrário, os frutos colhidos foram com a colaboração, à elaboração e ao planejamento com os trabalhadores rurais. Citamos o exemplo do mês em que os cultivos foram realizados – novembro – quando os trabalhadores estavam “menos” atarefados e podiam se dedicar mais às rodas de conversa.

No total, foram 8 cultivos: o primeiro, intitulado “Convidando os trabalhadores rurais para novas experiências”, foi quando ocorreu o primeiro contato com as famílias para convidá-las a participarem da pesquisa. Nesse dia, aproveitamos o momento para apresentar o projeto, mas também para me apresentar enquanto pesquisador. Para isso, eu, Gabriel, levei minha bota que usava para trabalhar no sítio, que me acompanhou por toda a vida, tanto como trabalhador do campo como pesquisador também.

No segundo cultivo, chamado “Vivendo novas experiências no espaço rural”, participei da rotina de trabalho de cada família, durante a qual pude vivenciar, junto com eles, um pouco das suas experiências com trabalho no mundo rural. Durante esse cultivo, pudemos nos conhecer melhor, estreitando os laços e mantendo uma relação mais humana, que foram fundamentais para os cultivos posteriores.

No terceiro cultivo, chamado “Quem sou eu no espaço rural?”, convidamos os(as) trabalhadores(as) rurais para uma roda de conversa coletiva, na qual cada família trouxe um objeto para contar sobre sua história no meio rural. O objeto aqui foi um meio para potencializar as falas de cada família, trazendo memórias que a tempos estavam soterradas e que vieram à tona durante o cultivo. Consideramos importante destacar que cada cultivo coletivo foi

como possibilidade de trabalhar com memórias em uma perspectiva a contrapelo das tendências prevaletentes da modernidade, abarcando racionalidades e sensibilidades, bem como o entrecruzamento de memórias voluntárias e involuntárias.

feito na casa de uma família, onde todos foram acolhidos e muito bem recebidos. Tais encontros ainda são realizados mesmo após o fim da pesquisa, o que evidencia que a experiência foi muito além da proposta deste estudo.

No quarto cultivo coletivo, intitulado “As memórias rurais por meio das imagens”, convidamos as famílias para trazerem uma fotografia que simbolizassem sua relação com os festejos, celebrações e encontros em comunidade. Para além das fotografias trazidas, também levamos para dialogarmos em conjunto uma pintura e uma fotografia de trabalhadores em Araruna antigamente, para potencializar nossa conversa sobre aquilo que ainda resiste na comunidade e aquilo que já se perdeu em meio à imensidão da modernidade capitalista.

No quinto cultivo coletivo, intitulado “O relógio e o campo”, dialogamos com o poema “O dia em que o relógio chegou no campo”, produzida por mim, para refletirmos o quanto a modernidade capitalista adentra o espaço rural e nos impede de ter mais tempo para mantermos nossas relações humanas, seja em um momento simples em família ou em um festejo em comunidade.

No sexto cultivo coletivo, intitulado “Sabores e saberes para as gerações futuras”, realizamos nossa última roda de conversa coletiva, na qual compartilhamos alguns sabores que fizeram (e ainda fazem) parte da vida de cada família, e também discutimos os saberes que cada trabalhador(a) rural gostaria de deixar para as gerações futuras. Cada família escreveu uma carta inspirada na fábula trazida do Esopo, “O fazendeiro e seus filhos”, que é citada por Benjamin em seus trabalhos para mostrar os saberes que os anciãos do campo podem carregar consigo.

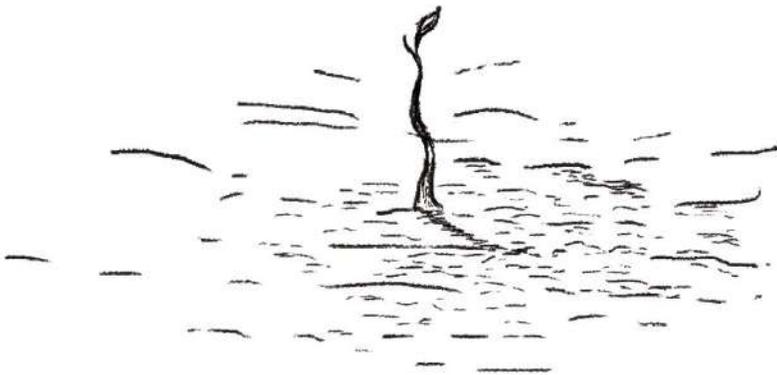
O sétimo cultivo, chamado de “Escolhendo os frutos que serão compartilhados”, realizamos uma conversa com cada família para apresentar os resultados da pesquisa que seriam disponibilizados no site. Nesse momento, o diálogo foi conjunto com o objetivo de construir o site sem que houvesse imposições do que seria publicado ou não. E, por fim, o oitavo e último cultivo, intitulado

“Lançando novas sementes para o mundo”, foi o momento em que divulgamos o site da pesquisa para o público.

Para que tais possibilidades floresçam, percebemos a necessidade de dialogar sobre as memórias que são imprescindíveis para entender cada etapa desta pesquisa, desde a elaboração das questões teóricas até a realização das rodas de conversa. Convidamos, caro(a) leitor(a), para mergulhar conosco nessa imensidão que é o debate sobre a memória.

PARTE II

FERTILIZANDO O CAMINHO
TEÓRICO A PARTIR DOS DEBATES
SOBRE MEMÓRIA



A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico que não apenas indica as camadas das quais se originaram seus achados, mas, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.

(Walter Benjamin, 1987)

CAPÍTULO II – CUIDADOS NO TERRENO DA MEMÓRIA

Pensar as questões relacionadas às memórias atualmente é algo complexo. É importante entender que se instaurou uma emergência da memória como uma das preocupações culturais, sociais, políticas e até mesmo econômicas nas sociedades ocidentais em meados do século XIX. Nesse processo, houve um deslocamento dos futuros presentes que se voltam aos passados presentes. (HUYSSSEN, 2000)⁸

Com a ampliação dos debates sobre memórias, principalmente com trabalhos relacionados às memórias do Holocausto, houve uma mercantilização em massa desse tema, globalizando-o em torno dos ideais capitalistas. Já na década de 1970 é possível notar na Europa e nos EUA um fascínio pelo retrô, pela comercialização da nostalgia, a obsessão pelo registro. Sua globalização, ao mesmo tempo que trazia esse caráter mercadológico, com programas e documentários de TV preocupados, não com as memórias das vítimas, mas sim com a venda delas, trouxe uma situação reversa, em que essas “memórias criadas” traziam o esquecimento e o esfacelamento delas. Quanto mais se lembrava, mais se esquecia.

Como o próprio Huyssen crítica, “é como se o objetivo fosse conseguir a recordação total” (2000, p.15). Essa acumulação, essa “recordação de tudo” que a memória pode trazer, é possível? A

⁸ Andreas Huyssen destaca como o passado é continuamente reinterpretado no presente, formando um processo dialógico de construção histórica. Sua abordagem teórica destaca a influência da modernidade na relação entre memória e identidade cultural, especialmente em ambientes urbanos. Huyssen também examina a projeção de futuros presentes, destacando como as expectativas do futuro moldam as ações no presente. Sua análise aponta como as camadas de memória se sobrepõem, e destaca como os espaços urbanos se tornam locais de negociação e conflito em relação à representação do passado.

“cultura da memória” vem sendo utilizada, não para trazer à tona os depoimentos, as memórias e os relatos das vítimas que resistiram as diversas calamidades construídos pela modernidade, mas também para comercializá-la como mero objeto.

Quanto mais se lembra, mais se esquece. A tentativa de agrupar e “guardar todas as memórias” é, de certa forma, impossível. Mas, por que o *boom* da memória é recente? Por que ele surge na nossa sociedade contemporânea?

A sobrecarga do mundo moderno gerou um medo da perda. Mas ora, medo de perder o que? Medo do declínio das experiências? Mas essa reconstrução de que “tudo era belo” em outros tempos torna-se um equívoco construído pela própria modernidade, pois tornam-se memórias imaginadas. Estas, com o tempo, esvaem-se como tudo que é produzido pela modernidade capitalista, e desaparecem da própria sociedade que a produziu.

A indústria da cultura ocidental apropriou da memória para relativizar e revisitar o passado como forma de “aprendizado”, e como “comemorações” dos fatos ocorridos. Uma busca pela memória com o intuito de dizer que o que aconteceu no passado ficou, as vítimas se foram e isso foi “necessário para o avanço da nação”. Mas será que devemos rememorar dessa forma? Transformando-as em algo para vitimizar os sujeitos sem qualquer tipo de interpretação humana dos fatos?

Além disso, há uma mudança na própria concepção da temporalidade na vida das pessoas. Tudo está veloz, rápido, ao mesmo tempo que chega e já vai embora, como água escorrendo pelas mãos. Essa velocidade desumana assusta, fazendo com que as pessoas busquem cada vez mais nas memórias aquele sentimento de alívio, de acolhimento, que não aparecem mais no meio do caos vivido nos dias atuais.

A memória de um determinado fato é particular de cada localidade, de cada grupo, de cada ser que viveu. A tragédia do Holocausto possui suas especificidades, assim como a Ditadura Militar no Brasil, e tantos outros acontecimentos trágicos que remetem à memória de suas vítimas para serem contados. Portanto,

como trabalhar com as memórias sem que elas sejam meramente imaginadas e sem que tragam simplesmente um conforto momentâneo?

Ao trabalhar com a memória buscamos ir além e não a utilizar como mero objeto da História. Sempre partimos do princípio de que a rememoração dos sujeitos parte do presente, e não como recordação total do passado. Consideramos, então, que “a elaboração da memória se dá no presente e para responder solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (MENESES, 1992, p.11; PORTELLI, 2016).

Por muito tempo, a memória foi tema amplamente discutido no campo da História. Porém, tais debates e pesquisas são recentes, a partir de meados da década de 1980. Autores franceses, alemães, americanos, sempre trouxeram contribuições, mas também limites na compreensão sobre o que é memória e o que é História. São debates que circulam tanto no campo da História quanto da psicologia, da pedagogia, da sociologia, e tantas outras áreas. (SEIXAS, 2004).

Um dos principais teóricos que discutem sobre a memória é o sociólogo francês Maurice Halbwachs. Mesmo não sendo historiador de ofício, suas reflexões sempre permeiam as pesquisas daqueles que buscam trabalhar com a memória no campo historiográfico. Ao elaborar seus estudos compreende a memória como coletiva, que faz tanta parte do indivíduo quanto de um todo mais complexo.

Sem dúvida, reconstruímos, mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros. As novas imagens se polarizam em torno do que, para essas outras lembranças, permaneceria sem elas, indeciso e inexplicável, mas que nem por isso deixaria de ser uma realidade. (HALBWACHS, 1990, p.77)

A partir dessa compreensão, entendemos que a memória que se constitui dentro do espaço rural é coletiva. Isso se evidencia no fato de seus costumes, suas formas de trabalho, suas vontades e angústias também serem compartilhadas entre si, mas nunca de maneira igual.

O autor também reflete em seus estudos que a memória só existe por intermédio da História. Para ele, “[...]então, o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p.80-81). Mas, e as memórias que permaneceram vivas em comunidades onde a escrita não possui relevância? E a tradição oral, o “boca a boca”, as conversas diárias, as rodas de conversa coletivas, todas essas formas de resistir que mantem vivas essas memórias ao longo dos anos? Certamente o registro dessas memórias e o compartilhamento delas permitem uma ampliação de alcance dos saberes desses sujeitos, mas não necessariamente a memória precisava ser “salva pela História”.

Halbwachs (1990) compreende que, onde a memória coletiva acaba, onde começa a História, como se a memória fosse prisioneira da História, como se ela não tivesse suas especificidades e dependesse unicamente da História para vir à tona.

Para nos ajudar na compreensão Pierre Nora, que também faz uma crítica à comercialização da memória, reforçando a crítica feita por Huyssen (2000), aponta como nossa sociedade está obcecada pelo arquivo, pela tentativa de catalogação de tudo em espaços de memória. Porém, ele nos traz algumas potencialidades para entender algumas indagações em torno dessa questão.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...].

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Destacamos que tais reflexões partem do contexto cultural francês no qual Nora vivia na época, em que sua característica principal era o esfacelamento da memória nacional, isto é, da memória da França enquanto nação. Sua crítica visa às novas políticas, práticas sociais e culturais trazidas pela modernidade. Para ele, “tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas é História” (NORA, 1993, p.14). Entretanto, será isso mesmo?

Ele concebe a memória como algo vivo, que sempre carrega consigo experiências do sujeito que narra. Ao refletir sobre a História e a memória, o autor acredita que no tempo em que vivemos a memória não existe mais. Para ele, a memória não pode existir dentro do contexto atual nos moldes que ela existia no passado, pois “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13).

Memória e História estão longe de serem sinônimos, pois ambas são opostas. Enquanto a memória é a vida, a História é a construção sempre caótica e incompleta do que deixou de existir. “A memória é um absoluto e a História só conhece o relativo” (1993, p.09). Assim, a História se transforma no meio de memória “fortificada” e os lugares de memória, acabam se tornando restos.

O “lugar de memória” é um termo definido por Nora, em 1984, para indicar a necessidade da construção de lugares (seja eles ligados a aspectos materiais, simbólicos ou funcionais), que tem a finalidade de preservar memórias, a partir da perda da história-memória, ou seja, de uma memória partilhada capaz de fazer ligação entre passado e presente (FRANÇA, 2020). A relação deixou de existir a partir do avanço da modernidade capitalista, da

produção em massa, da midiáticação, isto é, da construção e difusão dos costumes de maneira global, fazendo “desaparecer as singularidades locais”. Os lugares de memória, nesse sentido, são como pequenos repositórios em um ambiente sociocultural em que o passado já não consegue evidenciar respostas ao futuro. Nesse sentido, percebemos a ideia elucidada por Huyssen acerca da troca de futuros presentes por passados presentes.

A História entendida como disciplina científica, para Nora, procura se desprender da memória, tornando-a um mero objeto que deve ser lido com a criticidade do historiador, evidenciando uma forte interrupção da ligação entre passado e presente, do descarte da tradição como herança, ou seja, a não valorização das experiências vividas como sabedoria. Portanto, os lugares de memória são como restos da História que representam o que deixou de existir. Caso ela de fato existisse, para o autor, museus, arquivos, comemorações, monumentos, tratados, festas e rituais, entre outros lugares de memória, não teriam necessidade de existir.

Nora (1993) estabelece um diálogo direto com as ideias de Halbwachs (1990) ao discutir a forma de como a memória é uma espécie de apropriação do vivido por múltiplos grupos, sendo, em todo caso, afetiva, atual e criativa, em contrapartida a uma História que se molda a partir do registro contido nas exigências de distanciamento e crítica, de forma racional e mecanizada. Se a pesquisa caminhasse a partir de tal concepção, teríamos uma compreensão da História como senhora detentora do saber da memória.

Partindo da concepção trazida por Nora, podemos entender a memória como vida, como tradição múltipla, descontínua, afetiva, carregada de tensões que partem das lembranças e dos esquecimentos dos sujeitos. Assim como Halbwachs, a memória é um mero objeto da História. Para ele, tudo que chamamos hoje de memória, na verdade, é História, e “na mistura, é a memória que dita e a História que escreve” (NORA, 1993, p.24). Nesse sentido, o que temos é uma memória servente aos moldes historiográficos, como mero objeto, sem que seja possível entender suas

especificidades enquanto conhecimento. Então, como podemos ampliar tal percepção?

As ideias de Halbwachs e Nora, visando o diálogo entre memória individual e coletiva, em diálogo com Paul Ricoeur recupera a proposta sobre associar essa ideia de memória diretamente a um ente coletivo, um grupo ou uma sociedade. Nesse sentido, encontramos a memória dos outros por meio da recordação e do reconhecimento (RICOUER, 2007).

Ricoeur enriquece o debate proposto entre o individual e o caráter coletivo da memória defendido pelas teses fenomenológica e sociológica, respectivamente. Sobre a primeira abordagem, a referida memória pronunciada já é uma espécie de discurso que o sujeito faz consigo mesmo (RICOUER, 2007). Nesse sentido:

A História, então, é considerada não só como o desenrolar de uma análise do tempo, mas uma reflexão sobre o tempo em narração. Por isso, as definições dadas por Paul Ricoeur apontam para as características mais específicas deste trabalho, que parte da construção da História que não se prende à prática do historicismo. O conceito de memória coletiva, expressa e desenvolvida por Halbwachs, e o conceito de lugares de memória de Pierre Nora, encontram, na discussão de Paul Ricoeur, um espaço de relação, que define alguns motes de compreensão do que pode ser entendido por memória. Expresso por uma dialética, ao mesmo tempo em que é infiltrada pela concepção de História, chamado pelo autor de “memória histórica”, a memória encontra outros espaços menos formais de deliberar sentidos ao tempo que já se passou. (OLIVEIRA, 2022, p.72)

Assim, há uma compreensão mais ampla que sugere que o entendimento da memória partilhada tem uma dimensão comunitária, fora dos âmbitos acadêmicos. Aqui, fundimos a memória histórica com a memória viva e podemos compreender, a partir das discussões de Ricoeur, como as memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais sobreviveram por tanto tempo nas comunidades. Afinal, os ditos espaços formais de memória nunca

chegaram para essas comunidades, e a única forma de sobrevivência foi pelas vias não formais da História.

Ricoeur (2007, p.141) designou um item em que há uma troca concreta entre a memória viva da pessoa e a memória pública da comunidade em que os sujeitos residem. “Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto”. Nesta perspectiva, existe uma dinâmica de que tudo deve ser lembrado e nada deve ser esquecido, assim surgindo a busca pelo passado. Trata-se de uma compreensão de que o indivíduo, mesmo sendo parte viva de uma memória coletiva, também possui suas especificidades.

Mesmo ampliando as discussões de Halbwachs e Nora, as compreensões trazidas pelo filósofo Paul Ricoeur ainda estão presas a algumas limitações já explicitadas sobre a historiografia francesa, em que a memória ainda é mera servente da História. Por isso, exploramos outra corrente teórica, baseados na vertente anglo-saxônica.

Entendendo a visão francesa em torno da memória, surgiram outras compreensões contrárias em relação a ela, como a vertente anglo-saxônica, a partir dos historiadores James Fentress e Chris Wichham (1992), Tomas Butler (1989), Patrick J. Geray (1996), entre outros. Abordando de uma maneira geral, em suas pesquisas relacionadas ao campo da História oral, os autores fizeram críticas a respeito da separação e da hierarquização da História e da memória e como está estava sempre submissa a primeira. Apesar da aproximação trazida por esses autores entre memória e História, algo ficou evidente: perdeu-se, ao longo das discussões, em sua acepção de memória, as dimensões afetivas e involuntárias, articuladas ao esquecimento (FRANÇA, 2020; GALZERANI, 2008; SEIXAS, 2004).

Os pesquisadores ligados à corrente historiográfica anglo-saxônica trouxeram discussões teórico-metodológicas que deram um palco maior para a memória em relação à História. Porém, essa perspectiva ainda insiste na apropriação daquela pela História ou na compreensão de que toda memória é logo História, sem analisar

as especificidades de cada uma. É possível perceber que ambas as correntes historiográficas delineiam que a memória tem como função servir à História (GALZERANI, 2008; SEIXAS, 2004).

A historiadora Jacy Alves Seixas (2004) afirma que, nos debates dos pesquisadores da historiografia anglo-saxônica, é imperceptível as diferenças entre História e memória, pois “[...] a memória e o esquecimento aqui também só existem sob olhares da História, investindo-se na reconstrução de novas identidades, a partir de um critério utilitário-político” (SEIXAS, 2004, p. 42). O que temos, tanto nas acepções historiográficas francesas como nas anglo-saxônicas, é um afastamento entre as diferentes potencialidades das memórias, principalmente aquelas ligadas às “[...] experiências alargadas no/com o tempo” e o predomínio da dimensão racional, deixando de lado as sensibilidades (GALZERANI, 2008, 2013). Se trabalhássemos ao longo desta pesquisa sem a dimensão afetiva da memória, provavelmente teríamos apenas uma cópia bruta, sem sentido, daquilo que foi compartilhado pelos(as) trabalhadores(as) rurais.

Nesse entrecruzamento entre memória e História, devemos ficar atentos a uma problemática extremamente complexa, entre as historiografias francesas e anglo-saxônicas, que necessita de reflexões pontuais. Nesse sentido, “a memória na relação com a História deixa de ser memória para enquadrar-se nos procedimentos historiográficos? As memórias estão limitadas a serem fontes documentais para a produção de narrativas históricas? É possível uma aproximação da História com a memória sem a hierarquização de saberes?” (FRANÇA, 2020, p.302).

Compreendemos a necessidade de algumas problemáticas e limitações de tais compreensões, principalmente em torno da concepção francesa. França (2020) aponta que:

Nessa perspectiva francesa, algumas problemáticas são possíveis de apontar: a) a hierarquização dos saberes (História e memória) é questionável, principalmente na contemporaneidade, quando entendemos que as memórias possibilitam o questionamento do

discurso universal da História (SCHMIDT, 2006); b) a memória é prisioneira da História, uma vez que ela é historicizada, convertida em objeto da História – assim, a memória passa a existir a partir dos procedimentos teórico-metodológicos da História (SEIXAS, 2004; GALZERANI, 2008b) (FRANÇA, 2020, p. 301).

A tendência da historiografia francesa é hierarquizar História e memória como campos não iguais. A História seria a atividade intelectual, que opera por meio de um processo historiográfico, teórico-metodológico, e que utiliza ferramentas racionais e espontâneas para a interpretação e compreensão dos dados históricos. Os escritos históricos produzem uma variedade de características temporais de seus respectivos campos, especificando a continuação e a divisão cronológica. Enquanto isso a memória é historicizada e transformada em objeto da História, assim, aquela é antes de tudo compreendida apenas como fonte histórica (SEIXAS, 2004; GALZERANI, 2008).

Nesse sentido, como se distanciar da noção da memória, como mero objeto da História? Como ressignificar essas memórias, para que elas façam sentido para os trabalhadores rurais? Seixas (2004) nos ajuda a entender que:

Em poucas palavras: buscamos refletir sobre as relações entre memória e História também a partir de seus próprios refletores e prismas; necessário, portanto, incorporar tanto o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na História quanto o da memória involuntária. Necessário, igualmente, atentarmos para o movimento próprio à memória humana, ou seja, o tempo-espaço no qual ela se move e o decorrente caráter de atualização inscrito em todo percurso de memória. (SEIXAS, 2004, p.44)

Por meio da rememoração, dialogamos com as memórias dos trabalhadores. Essa ação não foi apenas um rememorar pelo simples ato de relembrar o passado para trazer “justiça” aos esquecidos. Não utilizamos aquela rememoração segundo os pesquisadores franceses, que veem na memória uma

hierarquização dos saberes, como algo questionável, uma memória que se torna prisioneira da História como mero objeto. Mas também não partimos da vertente anglo-saxã, que mesmo aproximando memória e História, deixa de lado as dimensões afetivas e involuntárias. Foi nas reflexões de Benjamin que aprofundamos os entendimentos em relação à memória.

CAPÍTULO III – FERTILIZANDO O TERRENO DA PESQUISA COM OS PENSAMENTOS DE WALTER BENJAMIN

Em qualquer época, os vivos descombrem-se no meio-dia da História. Espera-se deles que preparem um banquete para o passado. O historiador é o arauto que convida os defuntos à mesa.
(Walter Benjamin)

Walter Benedix Schönflies Benjamin nasceu em Berlim, Alemanha, no dia 15 de julho de 1892. Sua família era judia e tinha condições financeiras para oferecer a ele estudos e boas condições de vida. Mas isso não era visto com bons olhos por ele. Benjamin observava as contradições de sua vida tranquila com aqueles menos favorecidos, que iam desde mendigos até prostitutas, e isso o incomodava muito. Durante sua vida, foi filósofo, ensaísta, ficcionista, poeta, entre várias outras nuances, por meio das quais ele contribuía (e ainda contribui) para a compreensão de aspectos relacionados à memória, História, modernidade, tempo e tantas outras questões. Foi um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt, mas logo começou a se distanciar de seus pares e se alinhar aos ideais que realmente tivessem significados para si.

A sua noção de crítica da modernidade capitalista não é o simples fator tecnológico adentrando o campo, com seus maquinários automatizados e cheio de facilidades, é muito além. Como essas tecnologias alteram o modo de viver, pensar e agir. Mais do que isso, até que ponto tais tecnologias melhoraram as nossas relações humanas?

Benjamin quando narra Paris e Londres traz a ambivalência de cidades ricas, tecnológica, cheia de novidades, mas carregadas de misérias, onde se excluem outros sujeitos da História. A modernidade é uma tentativa de reger a vida de todos, mas que

ele acreditava que ainda existiam meios de resistir a esse avanço, por meio da rememoração.

Benjamin analisa a modernidade, a partir das leituras em Baudelaire, poeta que viu em sua época, nas ruas de Paris, aqueles que eram deixados às margens da sociedade, como os mendigos, os órfãos, as prostitutas, enfim, aquilo que a cidade tentava esconder para transpassar uma ideia moderna, limpa e sem problemas sociais. Porém, para Benjamin, a modernidade não é apenas carregada de hostilidades que assombram os sujeitos. Ela também apresenta potencialidades de se reinventar no mundo, a partir de novas práticas socioculturais. Isso só é possível se encontrar modos de reinventar narrativas sem que elas se distanciem de suas experiências.

Benjamin percebe, mediante as leituras da poesia de Baudelaire, a denúncia de uma desvalorização, não só dos objetos, mas também dos sujeitos que são marginalizados (GAGNEBIN, 2014). Ele afirma que jamais poderemos voltar a esse passado perdido que foi consumido pela modernidade, mas podemos reconstruir um novo, a partir dos escombros, das ruínas daquilo que ainda sobrevive.

Para resistir a esse avanço, é preciso ter um cuidado ao trabalhar com as memórias, pois esta ação pode enveredar pela perspectiva da problematização dos abusos dos usos da memória, mas também não as posicionando como verdades absolutas, e sim ressignificando as na relação com as experiências vividas. Contudo, como fazer isso em nossa sociedade, mergulhada na individualidade e no embotamento das experiências coletivas?

O pesquisador Elison Antonio Paim contribui com essa reflexão elucidando a concepção de História e tempo para Benjamin:

Benjamin nos convida a acolher uma concepção de História que dê conta do tempo presente. Um tempo saturado, de agora (BENJAMIN, 1994), que rompe com a percepção de um tempo vazio e homogêneo. Nesta acepção, o historiador constrói experiências

com o passado a partir do seu agora. Assim, a História se constrói no balizamento de experiências do passado e do presente. O autor captura a existência de disputas e tensões entre presente e passado. Diante de tal possibilidade, somos provocados a problematizar nosso presente em relação com o futuro (PAIM, 2019, p.230).

Uma das principais críticas de Benjamin é a concepção de tempo linear e progressivo, do passado, presente e futuro demarcados. A modernização trouxe mudanças tecnológicas, sociais e culturais que trouxeram efeitos profundos em nossa percepção do tempo. Por exemplo, o desenvolvimento da fotografia e do cinema tornou possível captar e reproduzir imagens instantâneas, rompendo a noção tradicional do tempo como uma duração contínua.

Além disso, Benjamin argumenta que a aceleração da vida moderna, com o advento do capitalismo industrial e da sociedade de consumo, levou a uma perda gradativa da conexão com o passado e à alienação do presente. Ele descreveu esse sentimento como uma espécie de “tempo vazio”, no qual as experiências se tornam efêmeras.

Benjamin explorou o conceito de “tempo messiânico”, que é o conceito de um tempo em que passado, presente e futuro não estão linearmente ligados. Esse conceito representa a oportunidade de encontrar salvação e significado no presente em vez de simplesmente seguir em linha reta em direção a um futuro desconhecido. Em outras palavras, o conceito de tempo de Benjamin é complexo e inclui uma compreensão da aceleração e fragmentação da experiência temporal na modernidade bem como formas de reconstruir uma relação mais autêntica e significativa com o tempo.

Benjamin ainda traz outras contribuições pertinentes ao trabalho do historiador, pois entende que a produção de conhecimentos históricos é pelo método desviante: “O que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam minha rota – Construo meus cálculos sobre os diferenciais de

tempo – que, para outros, perturbam as “grandes linhas” de pesquisa” (BENJAMIN, 2009, p. 499). É a partir das palavras dele que buscamos acolher as memórias dos trabalhadores rurais, para tanto, estive aberto ao inesperado, ao inconcluso, ao insignificante, as miudezas de suas experiências vividas e vistas como sobras da historiografia tradicional.

Durante as rodas de conversa, percebemos que os(as) trabalhadores(as) rurais se aproximam da figura do “narrador” benjaminiano, apresentado em duas famílias diferentes. A primeira seria aquele marinho comerciante que viajou o mundo e possui muitas experiências para contar. Mesmo com sua importância, identifiquei nos trabalhadores rurais, protagonistas desta pesquisa, a segunda família de narradores, que seria aquele camponês sedentário que está há muito tempo na sua terra e tem saberes e ensinamentos a partilhar com as futuras gerações. Não é um narrador que fala, que reproduz uma série de informações, mas sim “o narrador benjaminiano que sabia dar conselhos” e que “expressa em palavras, mas não de forma cansativa e definitiva” as suas angústias e saberes em uma narrativa descontínua e aberta a inúmeras possibilidades (FRANÇA, PAIM, 2018, p.42).

A narrativa do narrador benjaminiano é “uma maneira artesanal de comunicação”, esta que vem se perdendo ao longo do processo de produção capitalista na modernidade, pois não encontra mais ouvintes para a partilha de narrativas e nem mesmo uma comunidade que desfrute de um mundo compartilhado com seus códigos, costumes e linguagens culturais (SCHITTINO, 2016). Emergir esse narrador significa um ato de resistência ao apagamento das pessoas em suas comunidades, a diluição das singularidades locais e perda das referências de suas práticas socioculturais coletivas.

Tanto Benjamin como Freud fazem uma denúncia ao dizerem que o narrador, e suas formas de transmitir experiência por meio de sua sabedoria e práticas socioculturais, entram em decadência justamente a partir da Primeira Guerra Mundial, quando os soldados voltam para suas casas e não conseguem expressar

nenhuma narrativa sobre o que aconteceu nos campos de batalha. Freud chama de *trauma*, já Benjamin de *choque*, mas ambos chegam à conclusão de que esse acontecimento, fruto da modernidade capitalista, foi um dos precursores na crise do narrador (GAGNEBIN, 2013). A problemática em torno da narração e da memória não é exclusiva da literatura, mas também da reflexão em torno da historiografia crítica, política e militante. A morte do narrador está atrelada também ao esfacelamento da experiência, pois uma não sobrevive sem a outra.

O tempo/espço da narrativa estão em declínio com o avanço do capitalismo. Nela, podemos perceber o sujeito enquanto parte de um todo social, que faz parte de uma coletividade, e esse coletivo cada vez mais desaparece em nosso meio. Esse contexto faz com que cada vez mais os indivíduos transformem suas memórias em fatos isolados, como se tudo fosse possível de uma lembrança total. Com o advento do romance e da informação (muito citado por Benjamin em suas obras), os sujeitos acabam perdendo sua habilidade de narrar, habilidade esta que é cada vez mais corroída pelo avanço da modernidade (GAGNEBIN, 2014).

Na concepção benjaminiana, o tempo atual é marcado pelo declínio das experiências narrativas. A “acelerada” modernidade capitalista, não há mais tempo para ouvir Histórias – principais vias de transmissão da experiência em seu sentido mais pleno. Os textos jornalísticos, fontes de informação sucinta e de fácil assimilação não se incorpora à experiência do indivíduo guiado pelo imediatismo, pela efemeridade do instante. (FREITAS, 2015, p.162)

Com os avanços das novas tecnologias, a difusão da informação diminui cada vez mais o espaço da experiência trazida pelos narradores. A informação é algo raso, pois não permite de fato uma reflexão, ela simplesmente existe em um dia e no outro já não tem mais utilidade. A experiência trazida pelo narrador benjaminiano, identificado nos trabalhadores rurais, está em decadência, pois cada vez menos são ouvidas em nossa sociedade,

e cada vez menos pessoas possuem essa capacidade de intercambiar experiências.

O “narrador” vem de uma vasta tradição de memória oral e popular, o que permite que ele, enquanto pessoa sábia, narre suas aventuras a partir de experiências (*Erfahrung*). Nas rodas de conversa com os trabalhadores da comunidade Lirial de São Luís, é possível perceber vários narradores (GAGNEBIN, 2013).

Por mais distante que esteja, o narrador benjaminiano ainda sobrevive nas comunidades rurais. Mesmo com a modernidade batendo a porta, a experiência narrada nas palavras dos narradores ainda tem sua utilidade, o que “pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p.200). Por isso, a narrativa não é como a informação, que se dissolve e escorre por nossas mãos em questão de minutos. A narrativa, carregada de experiências, conserva suas forças e, mesmo depois de muito tempo, é capaz de se desenvolver. Isso ocorre pela facilidade do narrador em transitar por diversos seguimentos de sua História. Como Benjamim (1987, p.215) lembra “comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva”.

O narrador não faz como os grandes teóricos da História, que trazem narrativas lineares e tentam ordenar cada palavra que ditam. Ao adentrar em suas narrativas, percebemos o quanto o narrador é sábio, pois:

Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é

poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1987, p.221)

Os conselhos do narrador são visíveis nas falas dos trabalhadores rurais. Quando falam, trazem consigo a experiência do trabalho no campo, das festas na comunidade, de relações que jamais poderiam ser vistas se eles não tivessem o poder da narrativa. Tudo isso só é possível porque o narrador “tem suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1987, p.214).

Ele não é um mero transmissor de informações, porquanto é sábio e, ao realizar o ato de narrar, sabe que aquilo é realmente importante para que seja passado de geração em geração, algo que realmente mereça continuar vivo nas memórias de seus descendentes. Isso preserva sua experiência do esquecimento, e continua viva na comunidade na qual ele vive. O ato de narrar não serve apenas para salvar e conservar aquilo que foi narrado, como uma mera catalogação das memórias. A narrativa, que de fato foi feita pelo narrador, não precisa se preocupar em sobreviver, nem com o esquecimento, pois sabe que sua existência continuará viva no seio de cada um da sociedade (GAGNEBIN, 2013).

É por meio dessa narrativa que a experiência transmitida tem um saber prático, um ensinamento moral, plural e próprio da narração, sem ser aquela fala cansativa e corriqueira que estamos acostumados a ouvir em nosso dia a dia corrido (GAGNEBIN, 2008), a qual pode vir como conselho de vida ou até mesmo como um provérbio. A experiência em Benjamin não é como a vivência, carregada de pressa e atropelada pelos males da modernidade. Ela é a fonte do narrador, que passa de pessoa para pessoa e tem suas falas escutadas e seguidas, e não esquecidas e jogadas fora. Seu conselho (sabedoria) é dado por meio das palavras, não de maneira definitiva, mas com certos receios: “Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 204).

Mesmo sendo cada vez mais difícil essas narrativas na contemporaneidade, Benjamin convida a recriar. É possível perceber, durante as rodas de conversa, o quanto ainda resiste o narrador benjaminiano nas falas dos trabalhadores rurais. O grande narrador surge do povo e das camadas artesanais da nossa sociedade. Somente ele tem a capacidade de narrar, sem estar preocupado com a linearidade de sua narrativa, fluindo por todos os cantos as memórias de sua experiência.

Benjamin não se preocupa na memória trazida de maneira proposital, pelo desejo de saber sobre uma História, mas sim uma memória que está enterrada, que nunca veio ao solo. Nesse sentido, ele dialoga com Bergson, Proust e Freud para refletir sobre alguns dos aspectos dela.

Em Bergson, Benjamin busca as questões relacionadas à memória voluntária. Para o autor, esta relaciona-se ao cotidiano de nossas vidas. Ou seja, é um exercício a partir de estímulos corriqueiros. Benjamin busca no literato Marcel Proust e na memória involuntária meios para ampliar essa noção.

A dinâmica entre lembrar e esquecer em Benjamin está ligada ao conceito de Marcel Proust sobre memória involuntária: “as formas de lembrar e de esquecer, como as de narrar, são os meios fundamentais da construção da identidade, pessoal, coletiva ou ficcional” (GAGNEBIN, 2014, p.218). É nele que Benjamin percebe a potencialidade do esquecimento, que se torna extremamente importante para o ressurgir da memória, ou seja, a memória involuntária, daquilo que surge, mas não quer surgir, mas tomou forma novamente no ato de rememorar. Em outras palavras, o trabalho de Penélope, que:

[...] aproxima texto, tecido, tecelagem e trabalho de rememoração, definido com precisão como um entrecruzamento entre o lembrar (a trama) e o esquecer (a urdidura). O véu de Penélope é a obra conjunta do tecer e do desmanchar, como o texto é a trama do lembrar e do esquecer (GAGNEBIN, 2014, p. 235).

Nesse sentido, o esquecimento tem um papel fundamental na memória. Não a amnésia ou os processos de esquecimento forçado desenvolvidos pelo capitalismo,⁹ mas um esquecimento adquirido, desenvolvido por um “trabalho de lembrança tão profundo que permite fazer as pazes com o passado” (GAGNEBIN, 2014). Com isso, entendemos a importância da memória involuntária, aquelas que fogem do controle, tanto do historiador, quanto do sujeito, e não em um tempo *continuum* e interrupto da História. A memória involuntária:

[...] lança o indivíduo à outra dimensão temporal, ampla e indeterminada, na qual espaço e tempo são contemplados pela passagem da tradição. Nela, os conteúdos poderiam ser acessados espontaneamente, valendo-se de um fluxo ininterrupto de pensamentos não contaminados pelo aparente discurso da memória oficial (FREITAS, 2015, p. 168).

Tais memórias, muitas vezes ignorada e até mesmo criticada por algumas historiografias, na acepção benjaminiana ganha formas para reconstruir Histórias, a partir dos estilhaços das lembranças dos trabalhadores rurais. Como afirma Seixas (2004, p. 51), nesse sentido, “a memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata”.

A filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2014) em diálogo com Benjamin, ressalta a importância da memória, não para salvar os vencidos, mas para libertar possibilidades de luta e ação no presente. Para isso, o ato de lembrar seria o ponto primordial para a possibilidade de uma escrita a contrapelo, preocupada com as sensibilidades, os sentimentos. Nas palavras de Gagnebin:

9 À medida que a modernidade capitalista se desenvolve, há uma tendência à homogeneização cultural e à perda de memórias coletivas. As experiências passadas, muitas vezes relacionadas à tradição e à História, são obscurecidas e esquecidas em meio ao ritmo acelerado da vida moderna.

A “rememoração” (*Eingedenken*) é coletiva e política, mas não é de forma alguma uma “comemoração” oficial, organizada com bandeiras, desfiles e fanfarras para comemorar uma vitória, ou, então, um pedido de perdão (como parece ter se tornado uma prática governamental, aliás, muito honorável, em certos países.) Pelo contrário, Benjamin a associa à *memória involuntária* de Proust, traduzindo muitas vezes “*mémoire involontaire*” por “*ungewolltes Eingedenken*” (rememoração involuntária), em particular nos primeiros parágrafos de seu ensaio sobre o autor da *Recherche*, consagrados à dinâmica do esquecer e do lembrar (GAGNEBIN, 2014, p.260).

Cabe ressaltar que trabalhar com a memória involuntária não quer dizer que tudo deve ser relativizado, mas sim que nossas lembranças estão atreladas ao presente que vivemos. A partir da concepção de memória de Benjamin, é possível mudar as formas de vermos o passado, transformando nossa concepção no presente e dando luz ao nosso futuro. A professora França resalta essa concepção ao dizer que:

A rememoração benjaminiana acolhe as memórias voluntárias e involuntárias. Embora prevaleçam, nas pesquisas contemporâneas, as noções de memória em uma perspectiva voluntária e racional, a dimensão involuntária das memórias tem se mostrado promissora na produção de conhecimentos históricos e educacionais. Quanto às memórias voluntárias, elas se distanciam das singularidades e ocupam um espaço privilegiado nas relações entre História e memória (FRANÇA, 2020, p.306).

O trabalho de rememoração de Penélope, como Benjamin nos traz, é tecido artesanalmente, em que o mais importante é o movimento duplo dos fios, da dinâmica do esquecer e do lembrar, e ambos, esquecimento e lembrança, são evidenciados como “experiência do passado” (GAGNEBIN, 2014, p. 240). O historiador Fábio Vedovato (2021, p. 57) destaca que Benjamin entende que a memória não é apenas como um “movimento consciente e

intencional, mais que isso, entende-as plenas de esquecimento. Assim, no ato de produção de conhecimento histórico junto com o movimento das memórias voluntárias emergem as involuntárias (afetividade e esquecimento)". Nesse sentido, abre brechas para um novo florescer no presente, para o desabrochar de uma nova semente, esquecida, negligenciada e "fazer-lhes justiça, da única maneira possível: utilizando-os" (BENJAMIN, 1985, p. 502).

No que diz respeito à dimensão temporal, os pensamentos benjaminianos podem contribuir por meio da relação entre memória e narrativa, pois o autor busca nas rupturas, nas brechas das narrativas dos sujeitos, rompendo com a ideia de tempo linear e interrupto. Nesse sentido, o ato de rememoração em Benjamin é atravessado pelos estudos de Bergson para pensar a memória voluntária e de Proust no diálogo com a memória involuntária, como aquela que vem ao nosso encontro sem ser chamada (GAGNEBIN, 2013). As memórias involuntárias em Proust não surgem simplesmente para preencher linhas na escrita da História., mas está a ligadas à afetividade, ao íntimo, àquilo que estava soterrado e surgiu como um desabrochar no solo. Benjamin amplia essa noção acolhendo as memórias voluntárias e involuntárias.

Nos preocupamos com o ato de rememorar, atentando-se às nuances que se estabelecem entre passado e presente, e que possam render frutos para o futuro. Benjamin entende que o passado não é para ser buscado em um tempo de outrora, que antecede o presente que vivemos, mas que ele existe e não podemos controlar.

A partir dessas reflexões sobre rememoração, é possível perceber a memória como ponto de partida não é o passado, mas o presente daquele que vive e narra. A rememoração em Benjamin, mais do que tudo, é um ato de resistência aos apagamentos da modernidade no tempo presente, sendo a memória como um meio de produção de conhecimento.

Dialogamos com as memórias dos trabalhadores rurais e elaboramos em imagens monadológicas. As mônadas são fragmentos de memórias que saltam de uma história que está sendo contada dentro do fluxo *continuum*, e cabe ao historiador

perceber os lampejos dessas memórias voluntárias e involuntárias expressas nas narrativas orais e escritas. “A mônada configura-se uma imagem da realidade em miniatura, a partir de um ponto de vista sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o mundo sob um ponto de vista” (BENJAMIN, 1985) Nas mônadas podemos flagrar uma história individual que se encontra com um coletivo, possibilitando uma abordagem micro e macro da História. Para Benjamin “O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma mobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido” (BENJAMIN, 2008, p.231).

Entendemos que as mônadas se configuram como uma metodologia neste trabalho, em que se apresentam como pequenos fragmentos de memórias, mas que carregam consigo uma infinidade de leituras. A partir das mônadas, buscamos acolher o saber da experiência, que entrecruza objetividade e subjetividade, racionalidade e sensibilidade.

Evidenciamos uma crítica trazida por Rovai (2018, p.189) na qual ela afirma que “não se deve simplesmente popularizar as histórias esquecidas” desses trabalhadores e “criar um excesso de informações”. A intenção dessa pesquisa caminhou ao contrário desta ideia, buscando ouvir as experiências pessoais que se encontram com o coletivo, percebendo os interesses e as necessidades desses trabalhadores rurais (ALMEIDA, ROVAI, 2013).

Ao invés de arquivar ou entender completamente todas as memórias presentes nesses espaços, buscou-se ampliar suas vozes para que os diferentes grupos presentes na cidade conheçam experiências outras que estão presentes em Araruna, alargando a dimensão humana e histórica dos indivíduos, dos trabalhadores rurais que por vezes são marginalizados de suas próprias narrativas pela História “oficial” da cidade.

As consome com sua hora de dormir, hora de trabalhar,
hora de amar, hora para tudo!
Mas no campo ainda (re) existem muitas senhoras e
senhores
Que não ligam para o que o relógio tem a dizer
E contemplam a vida a partir do que a mãe natureza tem
para oferecer.
(Gabriel H. de Souza)

Assim como fez Thompson em sua obra *A miséria da teoria ou um planetário de erros* (1981), pedimos licença ao leitor para que façamos uma pausa. Não a mesma pausa que o autor fez para abordar a lógica histórica, mas sim uma pausa para conhecer os pensamentos de Thompson. Antes, acreditamos que os conhecimentos prévios de algumas nuances do escritor sejam necessários. Edward Palmer Thompson nasceu em 3 de fevereiro de 1924, em Oxford, Inglaterra. Iniciou sua vida acadêmica enquanto historiador na Universidade de Cambridge, mas interrompeu seus estudos para lutar na Segunda Guerra Mundial contra os males do nazismo. Com o fim do conflito, Thompson se formou em 1946 e tornou-se militante do Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB). Durante toda sua vida, sempre foi preocupado com as questões trabalhistas, participando de protestos e movimentos da classe operária (THOMPSON, 1998), e todo essa participação refletia em suas obras. Para além das questões do trabalho, o historiador sempre foi muito preocupado com as questões culturais que permeavam sua época, e, por isso, seus estudos também abordavam reflexões acerca da temática. Faleceu no dia 28 de agosto de 1993, mas suas obras ainda possuem inúmeras contribuições para o trabalho do historiador atualmente. Quando Thompson escreve em suas obras, ele critica seus pares apontando que as linhas teóricas “positivistas” possuem modelos muito engessados, e que devemos caminhar para uma direção que amplie essa perspectiva.

A começar pelas suas ideias em torno da História. Thompson concebe a História para além das teorias positivistas, que tentam

enquadrar cada acontecimento da humanidade em “caixinhas”, como se tudo fosse passível de ser “aplicado e testado”. Para ele:

A História não é uma fábrica para a manufatura da Grande Teoria, como um Concorde do ar global; também não é uma linha de montagem para a produção em série de pequenas teorias. Tampouco é uma gigantesca estação experimental na qual as teorias de manufatura estrangeira possam ser ‘aplicadas’, ‘testadas’ e ‘confirmadas’. Esta não é absolutamente sua função. Seu objetivo é reconstituir, ‘explicar’, e ‘compreender’ seu objeto: a História real (THOMPSON, 1981, p.57).

Nesse sentido, Thompson nos convida a adentrar uma possibilidade de escrita da História que é diverso, que possui uma multiplicidade em seus temas, mas, principalmente, conclusões que são contestadas. Para ele, isso não é um problema, afinal, a História em si não é um laboratório experimental do qual temos total controle das variáveis. Ela se modifica a partir de cada geração, e, com isso, as preocupações, os anseios e as vontades se modificam, e, conseqüentemente, transformando os modos que a própria História é vista (THOMPSON, 1981). Pensando tal aspecto, percebemos que a leitura que faço junto aos trabalhadores rurais pode, um dia, quem sabe, se modificar, e talvez até perceber novas nuances a partir de inquietações de outros historiadores. Já que o conhecimento histórico é “provisório e incompleto (mas, não por isso, inverídico), (b) seletivo (mas, não por isso, inverídico), (c) limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só ‘verdadeiro’ dentro do campo assim definido” (THOMPSON, 1981, p.49).

Mas Thompson não contribui nessa pesquisa com seus estudos apenas sobre o pensamento da História. Suas reflexões em torno da cultura também endossam nossa discussão teórica. Mas, por que a (as) cultura (s)? Por que não “aspectos econômicos”, ou “lutas de classe”, por que justamente a (as) cultura (as)? Bem, para entender essa escolha, é preciso entender primeiramente que Thompson, ao

analisar a (s) cultura (as), percebe que ela resiste aos avanços da modernidade capitalista. Nesse ato de resistir, o autor nos alerta de que não é possível retornar à era pré-capitalista, mas devemos a todo instante lembrar os códigos da época, as expectativas, as necessidades, para que as relações entre os seres humanos voltem a ter seu cerne principal a própria humanidade, evidenciando assim que, onde existe repressão, também existe resistência.

Nesse sentido, ao trabalhar com as práticas socioculturais dos trabalhadores rurais, pensamos que seja um processo de (re) existência, por meio do qual eles podem rememorar práticas que antes estavam esquecidas e se merecem ser recuperadas e ressignificadas à luz do presente. Afinal, o passado não é um simples fato separado que pode ser analisado, mas sim uma soma de diversos comportamentos humanos, que se relacionam a partir das diversas cultura (s).

Thompson entende que a cultura(s) não é um simples “feixe” que pode ser analisado como uma única coisa. O conceito é múltiplo e carrega consigo inúmeras especificidades, como ritos, modos simbólicos, atributos da hegemonia, a transmissão de costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob forma historicamente específicas das relações sociais de trabalho (THOMPSON, 1998).

[...] o trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer ‘natural’ numa comunidade de agricultores, especialmente nos meses da colheita: a natureza exige que o grão seja colhido antes que comecem as tempestades. E observamos ritmos de trabalho ‘naturais’ semelhantes acompanhando outras ocupações rurais ou industriais: deve-se cuidar das ovelhas na época do parto e protegê-las dos predadores; as vacas devem ser ordenhadas; deve-se cuidar do fogo e não deixar que se espalhe pelas turfás (e os que queimam carvão devem dormir do lado); quando o ferro está sendo feito, as fornalhas não podem apagar (THOMPSON, 1998, p.271).

Ao perceber as diferentes formas que os camponeses da época lidavam com o tempo, Thompson revela um ato de resistir contra

o tempo das fábricas. Assim como no poema que abriu esta seção, os trabalhadores rurais nos dias de hoje também buscam resistir a todo instante ao avanço do relógio no campo. E esse ato de resistir ainda persiste, como percebemos durante a pesquisa. O tempo passa de maneira diferente e isso é deslocado da nossa realidade capitalista, que a todo momento quer nos regradar com seus horários. Na pesquisa isso fica ainda mais nítido, quando os trabalhadores rurais, em seus cotidianos, têm o trabalho e a vida social se relacionando de maneira mútua, sem distinções. A casa e o trabalho para eles são as mesmas coisas, e as regras impostas pela modernidade capitalista, que tentam controlar esse tipo de prática sociocultural, não possuem espaço (THOMPSON, 1981). O sino da escola, o alarme do despertador ou o aviso da indústria não cabem na realidade rural desses trabalhadores.

Se olhássemos para essa realidade por um viés apenas econômico, por exemplo, poderíamos entender que os trabalhadores vivem seu trabalho por mera ambição, acumular bens ao longo de sua vida. Mas, ao olharmos pela dimensão cultural trazida por Thompson, percebemos que suas práticas culturais estão atreladas ao trabalho. As festas ao final de uma colheita, os encontros depois dos cultos religiosos, as confraternizações após uma silagem farta fazem parte das vidas desses sujeitos. Portanto, não se trata de olhar apenas pelo viés econômico, mas também pela dimensão cultural, uma vez que os indivíduos são sujeitos histórico e socialmente construídos.

Considerando essas reflexões, esse diálogo tecido com os trabalhadores rurais também potencializou a busca por outras relações que fossem capazes de evidenciar a história de sujeitos comuns, a dimensão humana, afetiva, sensível entre os trabalhadores, visualizando-os como produtores de conhecimentos históricos por meio do viés coletivo e pelo trabalho colaborativo (THOMPSON, 1981).

Ao pensar a sociedade por meio das experiências, Thompson entende que os seres humanos “experimentam suas experiências como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura. A

cultura é um conjunto de significados (com) partilhados e construídos pelos sujeitos em seu cotidiano, sendo tanto expressão da sociedade como também instituinte da esfera social” (VEDOVATO, 2021). Os sujeitos da pesquisa se constituem e são constituídos pelas suas experiências vividas em seu dia a dia, seja no mundo do trabalho, do lazer, nos espaços familiares e religiosos, entre outras possibilidades, sempre de modo relacional e dialogal (THOMPSON, 1981). Nesse sentido, Thompson entende a cultura, aproximando-a da noção de experiência, na qual ele afirma que:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...] elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares de parentesco, e reciprocidades, como valores [...] na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p. 189).

Na obra *Costumes em Comum*, Thompson (1998, p. 17) ainda retorna ao conceito de cultura, dizendo que ela “[...] também é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos”. Nesse sentido, a (s) cultura (s) não só pensamos como expressão da sociedade, mas inerente a ela. Entendemos aqui que as práticas socioculturais dos trabalhadores rurais são resultantes do que eles produzem e das suas lutas e resistências.

Para compreender as complexidades culturais dos sujeitos desta pesquisa, devemos pontuar que a questão da dominação e da resistência não são polos que se afastam, porque fazem parte de um mesmo complexo de relações que se inter-relacionam. Entendendo as relações culturais dentro de tal multiplicidade, compreendemos que existem “culturas rurais”, desconsiderando um conceito único, pois possui uma ampla rede de significados e experiências que

entram em conflito e ao mesmo tempo se aproximam. Não negamos a existência de elementos comuns entre tais culturas, mas compreendemos que cada trabalhador(a) rural reelabora seus próprios significados dada sua realidade específica. Como o autor afirma, não podemos:

Esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado o componente; os ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho (THOMPSON, 1998, p. 22).

Afinal, não adianta nós, enquanto pesquisadores/historiadores, tentar impor nossas ideias em uma complexidade cultural aos sujeitos da nossa pesquisa, pois eles possuem “uma clamorosa vitalidade própria, vozes clamam do passado, afirmando seus significados próprios, aparentemente revelando seu próprio conhecimento de si mesmas como conhecimento” (THOMPSON, 1981, p.27). A “transmissão coletiva” desses conhecimentos, aqui ganha espaço, podendo desabrochar como uma flor no jardim das memórias.

Finalizamos essa parte da pesquisa mostrando como Thompson visualizava a produção desse conhecimento histórico:

Essa totalidade não é uma ‘verdade’ teórica acabada (ou Teoria); mas também não é um modelo fictício, é um conhecimento em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas. O desenvolvimento desse conhecimento se dá tanto na teoria quanto na prática: surge de um diálogo e seu discurso de demonstração é conduzido da lógica histórica (THOMPSON, 1981, p.61).

Thompson, ao compreender que o conhecimento histórico é construído por meio de um diálogo, ou como gosto de compreender, “diálogos”, vemos que essa relação entre sujeito e “objeto” se configura como dialógica e interativa. Ao dialogar com as memórias dos trabalhadores rurais, deixo de usá-las como mero objeto de estudo, porquanto elas retornam para a comunidade e fazem sentido para eles. Todas essas reflexões foram feitas dialogando a partir das suas experiências enquanto sujeitos históricos produtores de conhecimento histórico (THOMPSON, 1981; BENJAMIN, 1985).

Consideramos importante destacar que a escolha de Thompson para esta pesquisa parte das suas obras que abordaram sobre as questões rurais. Suas abordagens sobre as mudanças da classe trabalhadora, a ascensão do capitalismo frente ao feudalismo e como tudo isso impactou a cultura popular, principalmente nas comunidades rurais, ajudam-me a entender muitos dos aspectos sociais, políticos e culturais ao longo dos diálogos com os(as) trabalhadores(as) rurais de Araruna. Sua valorização pelo testemunho oral para entender as transformações em meio às comunidades rurais da Inglaterra, os movimentos agrários, as lutas de classe no campo, possibilitam compreender os movimentos de resistência e de denúncia trazidos pelos sujeitos desta pesquisa. Mesmo em um lugar e tempos completamente diferentes, é nítido o quanto as leituras de Thompson podem contribuir para desvelar muitas questões apresentadas por esses sujeitos.

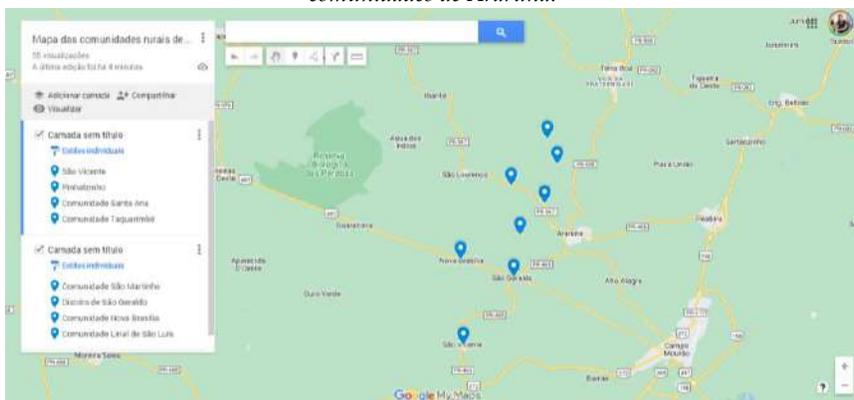
CAPÍTULO V – BUSCANDO AS SEMENTES: DESVELANDO OS SUJEITOS E O LUGAR DA PESQUISA

O local onde se encontram os trabalhadores rurais é uma cidade no interior do Paraná chamada Araruna. Percebemos que pouco sobre a História local da cidade era narrada, principalmente em relação ao ensino de História ofertado nas escolas. Os professores seguiam à risca o conteúdo programático, e quase nunca falam sobre as “origens” da cidade. Quando discutíamos sobre a História de Araruna, víamos as narrativas dos grandes empresários e políticos da região.

A cidade, segundo dados do IBGE, possui cerca de 15 mil habitantes. Sua economia se baseia na agricultura, mais especificamente nas plantações de soja, milho e trigo, além de cultivos de mandioca, café e cana de açúcar. Também conta com áreas voltadas para a pecuária de corte e leite, e, mais recentemente, avicultura. Sua delimitação territorial faz divisa com cidades como Peabiru, Terra Boa, Cianorte, Farol, Tuneiras do Oeste, Jussara e Campo Mourão.

Neste mapa temos a primeira imagem quando alguém pesquisa “Araruna” no GPS. Percebe-se, e isso não é exclusividade da cidade, a exclusão das comunidades rurais que começa na própria constituição territorial do município. Quando pesquisamos as cidades nos mapas e GPS, o que temos como plano principal é a configuração da cidade, e muito pouco ou nada das comunidades rurais, como se elas não existissem.

Mapa 3 – Mapa construído com os(as) trabalhadores(as) rurais destacando as comunidades de Araruna.



Fonte: Google Maps. (Disponível em https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1Lu4_6sqOQpcmsa0WVK-Fk2KB5w4Vm08&usp=sharing).

Quando amplificamos o mapa, percebemos que a cidade de Araruna está muito além das fronteiras urbanas, e possui diversas comunidades rurais, como São Geraldo, São Martinho, Nova Brasília, Lirial de São Luís, Santa Ana, entre tantas outras. Conseguimos vislumbrar a grandeza que de fato o município possui, com suas riquezas que vem principalmente do campo.

Araruna possui algumas indústrias¹⁰ A.J. Rorato e a Pinduca Alimentos, sempre lembradas ao falarmos sobre o que foi a cidade no passado. Essa história é narrada junto à ideia de que os

¹⁰ Atualmente, sua área industrial possui cerca de 40 indústrias. Fonte: <https://www.solutudo.com.br/empresas/pr/araruna/industrias#:~:text=Encontramos%2039%20ind%C3%B1strias%20em%20Araruna%2C%20PR>

“pioneiros”, ao chegarem com suas famílias comecem a desmatar a região, trazer o “progresso” e a “desenvolver” a cidade. Em projetos anteriores percebemos ao conversar com alguns moradores da cidade que a grande maioria acreditava na importância da narrativa apenas das “grandes personalidades” e que suas Histórias não seriam “relevantes” para serem narradas. Compreendemos esta visão uma narrativa muito comum em cidades pequenas, onde são valorizadas apenas a versão de pessoas consideradas “importantes”, e as demais narrativas dos diferentes grupos ficam à margem, sem espaço para contarem suas Histórias.

Outra experiência foi ao desenvolver um livro da cidade, encomendado pela prefeitura a partir da Lei Aldir Blanc. Nesse caso estivemos em contato com pessoas políticas, consideradas “poderosas” na cidade, que queriam uma narrativa que priorizasse a dos “grandes pioneiros desbravadores”, dos “grandes empresários” que trouxeram o “progresso econômico” para Araruna, e a narrativa dos “grandes políticos” que ajudaram no desenvolvimento da cidade. O título, escolhido pela prefeitura, “Araruna: a História de uma cidade empreendedora” já demonstrava essas narrativas. Como eu fazia parte dos escritores da obra, buscamos ao máximo incluir outros sujeitos na narrativa do livro, porém, devido à quantidade limitada de páginas que tínhamos e à necessidade de incluir apenas as pessoas “importantes” da cidade, o único ato possível foi a escrita de poucas páginas que abordaram algumas comunidades rurais da cidade, sendo narradas pelos moradores a partir das minhas pesquisas.

Mas o que foi narrado nas páginas deste livro não é suficiente para dizer que “toda” a História de Araruna foi escrita. Muitos grupos ficaram, novamente, às margens da narrativa local, como as mulheres, os trabalhadores das indústrias, os LGBTQIA+, entre vários outros que também compõem o todo de nossa cidade. E mais do que isso: a narrativa que foi colocada no livro sobre as comunidades rurais não é suficiente para abordar as Histórias, memórias, costumes, entre outras práticas que sobrevivem. Por isso, acreditamos que esta pesquisa potencializar as vozes dos indivíduos, ampliar também a própria

História local do município, para que outras pessoas possam se reconhecer como sujeitos históricos.

A comunidade Lirial de São Luís, situada à cerca de 10 quilômetros da cidade de Araruna, é o local onde residem as sete famílias que me ajudaram na trajetória desta pesquisa. Nem sempre seu nome foi remetido ao lírio branco e à pureza, que vinha da homenagem ao santo católico São Luís Gonzaga. Os moradores, por muito tempo, nomearam a comunidade como “Pé de galinha”, nome este associado ao formato que o centro da comunidade tem quando olhado pelo mapa geográfico, no qual o encontro das estradas de chão com a rodovia cria uma imagem parecida com o pé de um galináceo.

Mapa 4 – Mapa central da comunidade Lirial de São Luís, onde podemos perceber o formato de um “pé de galinha”



Fonte: Google Maps.

No centro da comunidade, no cerne de seu nome, a problemática se apresenta: o encontro do rural com a modernidade. As estradas de chão, que mudam com a chuva e sol, desaparecem

com o vento e voltam a tomar diversas formas no decorrer dos tempos, vão de encontro ao asfalto da rodovia, duro, com pouco ou quase nada de mudança com o passar dos anos. Nas estradas de chão, as famílias que moram nessa comunidade, com seus costumes que resistem, desaparecem e voltam a tomar diferentes formas, e que vão de encontro a esse asfalto sem vida, que é a modernidade. Modernidade está que consome suas experiências, seus saberes, seus modos de vida. De que maneira a comunidade, e seus moradores, se transformam a partir desse encontro?

A primeira família de trabalhadores(as) rurais é a família Bassani, do casal Josi Bassani (que nasceu e cresceu na comunidade) e Nilson Roberto de Souza¹¹ (que morava na comunidade São Martinho e depois passou a viver no Lirial, há 23 anos atrás), que trabalham na comunidade e sobrevivem da pecuária leiteira. Suas vidas foram construídas na comunidade, mesmo mudando algumas vezes o seu trabalho, desde o café trazido pelos seus avós até o gado leiteiro que se tem na propriedade nos dias de hoje.

A segunda família é a Maiolli, com o casal Maria Inez Maiolli, que tem 63 anos, e Celso Maiolli, que tem 68 anos, ambos vivem na comunidade desde o seu nascimento. Os Maiolli, por muito tempo, sobreviveram a partir da criação de frangos em um aviário. Porém, com o passar dos anos, as imposições das indústrias ficaram cada vez mais desumanas, e, com isso, eles tiveram que fechar seu meio de sobrevivência. Hoje ambos já estão aposentados e vivendo tanto da engorda de alguns boizinhos, quanto da roça.

A terceira família de trabalhadores(as) rurais é a Giupato Nascimento, com o casal Severino Luiz do Nascimento, que tem 69 anos de idade e há 56 anos mora na comunidade, e Cleide Giupato do Nascimento, que tem 60 anos de idade e ali vive há 59 anos. O casal sobrevive na comunidade a partir do seu trabalho com uma diversidade enorme de frutas, legumes e verduras, todas

¹¹ Os sobrenomes foram escolhidos pelas famílias e não necessariamente fazem parte do nome completo de cada trabalhador(a) rural.

produzidas a mão na propriedade e distribuídas a partir de uma cooperativa. Ambos são aposentados, mesmo assim, jamais pararam de produzir juntos em sua propriedade.

A quarta família de trabalhadores(as) rurais é a Giupato Bassani, com o casal Cláudia Aparecida Bassani Mau, que tem 45 anos de idade e vive na comunidade desde que nasceu, e Durvalino Donizete Mau, que tem 56 anos de idade e começou a morar na comunidade com 2 anos de idade. A família sobrevive hoje do manejo do gado leiteiro e cuida de algumas roças, diferentemente do passado, que a base do trabalho familiar era voltada para o café.

A quinta família de trabalhadores(as) rurais é a Malaco, com o casal Luiz Malaco, que tem 58 anos de idade e mora na comunidade desde 1985, e Evanir Cabreira Malaco, que tem 59 anos de idade e mora na comunidade desde que nasceu. A família sobrevive atualmente a partir do manejo da roça, plantando soja, mandioca, milho e outras variedades. Diferente das outras famílias, que a maioria dos seus membros foram embora, a família Malaco permanece praticamente toda unida na luta do trabalho no campo.

A sexta família de trabalhadores(as) rurais é a Ramalho, com o casal Antônio Camilo Ramalho, que tem 55 anos de idade, e Aparecida Bondezan Ramalho, que tem 52 anos de idade, e vivem juntos na comunidade há 32 anos. A família é uma das poucas da região que trabalham com o cultivo de rosas, e é a única que não mora na comunidade Lirial de São Luís, mas na comunidade Santa Ana, bem próxima do Lirial. Mesmo trabalhando atualmente com flores, a família já trabalhou com roça, gado e outras atividades também.

A sétima família de trabalhadores(as) rurais é a Souza, com o casal Iraci Ferreira de Lima Souza, que tem 48 anos de idade, e Erasmo Carlos Alves de Souza, que tem 57 anos, meus pais. Nós vivemos na comunidade desde o ano de 2005, quando começamos com roça e café, e, aos poucos, fomos mudando para o manejo do gado leiteiro.

Mas, porque entre as dezenas de famílias que vivem na comunidade, logo essas 7 famílias? Pela relação afetiva ao local e pertencimento com a comunidade,

Para responder essa pergunta de maneira mais concisa, trazemos também outro questionamento: afinal, o que seria esse lugar que chamamos de “rural”?

Yi-Fu Tuan é um geógrafo sino-americano e nasceu em 5 de dezembro de 1930 em Tianjin, na China. Sua família tinha boas condições de vida, e, por isso, teve bons estudos, formando-se em geografia na Universidade de Oxford, e posteriormente tendo grau de bacharel e mestre em 1951 e 1955, respectivamente. Seu título de doutor foi obtido em 1957, na Universidade da Califórnia. Suas obras ganharam grande reconhecimento no mundo para ampliar as compreensões acerca da geografia humanística¹², e acreditamos que seus estudos possuem grande contribuição para alguns entendimentos nessa pesquisa.

Não buscamos aqui definir esse ambiente rural como mero lugar geográfico, sendo um contraponto a ser comparado com o urbano¹³. Longe disso. A ideia de rural vai além desta dicotomia, definida por suas características a partir de questões econômicas, sociais, que dividem e limitam nossa compreensão. O lugar, o rural aqui é visto relacionado com a ideia de sentimento de pertencimento (PORTELLI, 2016; TUAN, 1983). O lugar está relacionado com a nossa vida, aquilo que damos valor. Mas não é qualquer indivíduo que tem esse sentimento com o lugar. Para se ter essa sensação, esse sentimento, é preciso tempo, e como Tuan (1983, p.203) nos diz: “O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes, sua experiência e apreciação de lugar

¹² A geografia humanista é uma corrente da geografia que pesquisa experiências das pessoas e grupos em relação ao espaço com o fim de entender seus valores e comportamentos. Nesse sentido, esses estudos buscam entender e pesquisar mais especificamente aspectos humanos da relação dos homens com o espaço e o ambiente, como os valores, as crenças, os símbolos e as atitudes.

¹³ O conceito etimológico de “urbano” tem suas raízes no Latim *urbanus*, cujo significado é “pertencente à cidade”. Em outras palavras, o espaço urbano, ou zona urbana, está relacionado à cidade e sua organização. Nesta pesquisa, abordamos as comunidades rurais Lirial de São Luís e Santa Ana como uma área urbana, embora caracterizada por uma forte organização social e modos de vida típicos de uma cultura rural.

é superficial”. Por isso, ao selecionar essas 7 famílias para a pesquisa percebemos o sentimento de pertencimento ao rural, onde o movimento da modernidade havia atravessado suas vidas, com suas pressas e correrias, mas que eles ainda buscam meios de resistir a esse avanço. Essas famílias, com suas vivências e experiências tiveram tempo para se sentirem pertencentes a esse lugar que chamamos de rural.

São pessoas que vivem na comunidade há muito tempo, e podem sentir esse lugar a partir de “Uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p.203).

A concepção trazida por Tuan se aproxima da figura do narrador sedentário benjaminiano, que vive a experiência e narra a partir das suas raízes naquela localidade. A partir dessa ideia, concebo o rural como um lugar múltiplo, que abarca não só as casas ou os sítios onde residem os trabalhadores rurais, mas também a comunidade, as plantações, os animais, o chão cheio de barro após um dia chuvoso, o canto dos pássaros em um dia ensolarado, a natureza em sua magnitude, enfim, toda essa gama ampla que transpassa os sentidos e sentimentos dos sujeitos da pesquisa e que fazem um verdadeiro “sentir” desse mundo.

Evidenciamos as ideias da filósofa Anne Cauquelin (2007) para ampliar essa dimensão das camadas de memória e como elas se relacionam a nossa percepção em relação ao espaço. Cauquelin, em seu livro *A Invenção da Paisagem: De Pascal a Impressionismo*, explora a relação entre a memória e a percepção visual na arte da paisagem. Ela argumenta que a memória desempenha um papel fundamental na maneira como percebemos e apreciamos as paisagens.

A autora busca compreender como a memória afeta nossa compreensão das formas, cores e texturas presentes nas obras de arte, destacando que nossa experiência de uma paisagem é atravessada pelas memórias visuais que temos de paisagens

passadas. Nossas memórias anteriores de paisagens, sejam reais ou imaginárias, influenciam nossa percepção e interpretação das paisagens que encontramos.

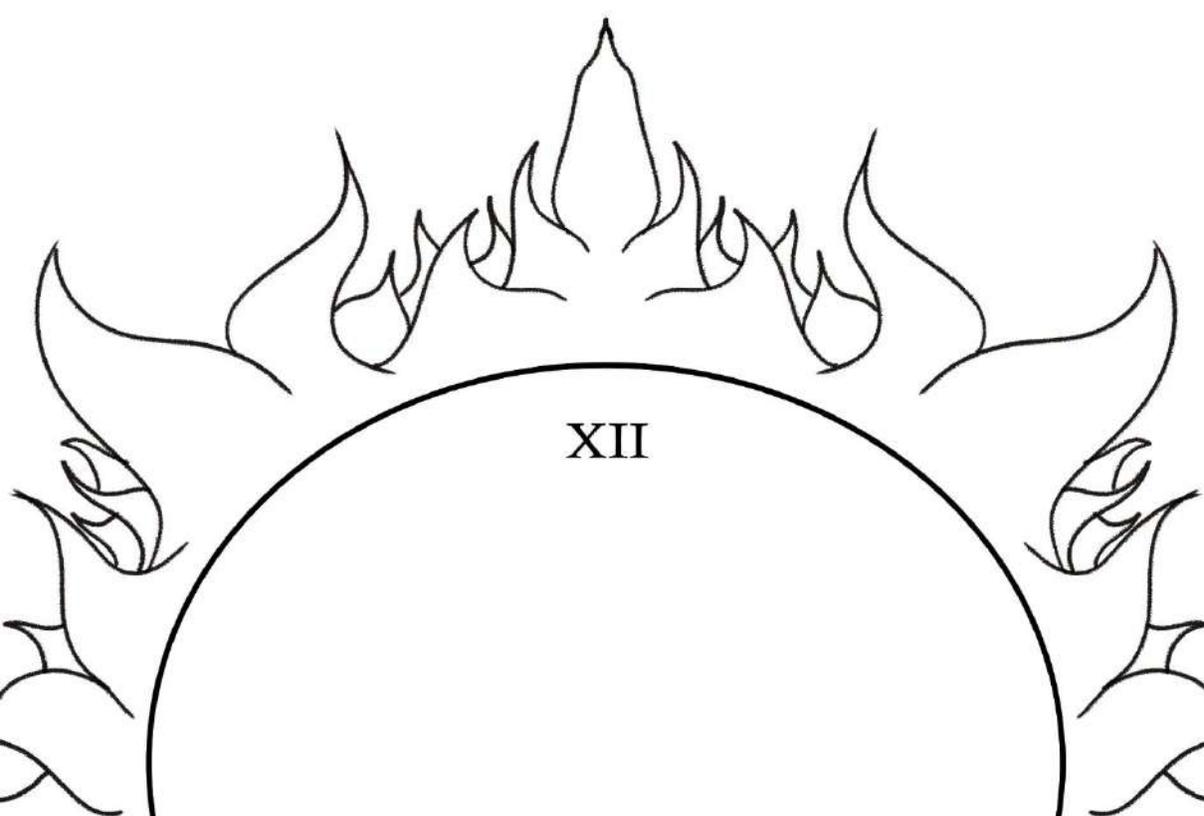
Além disso, Cauquelin (2007) enfatiza que a memória permite que nós conectemos diferentes elementos de uma paisagem e compreendamos a sua complexidade, como se fosse camadas. Ela argumenta que a memória nos permite reconhecer padrões, relacionar elementos individuais a um todo maior e construir uma compreensão mais profunda da paisagem. Em outras palavras, a memória não se limita apenas às experiências pessoais, mas também incorpora lembranças coletivas e culturais. Por meio desta, somos capazes de reconhecer e apreciar referências simbólicas, mitos e Histórias associadas a certas paisagens.

Compreendemos que Anne Cauquelin (2007) defende que a memória desempenha um papel essencial na nossa percepção e apreciação da paisagem. Ela nos permite construir conexões, compreender a complexidade e interpretar as paisagens com base em nossas experiências passadas e memórias culturais, assim como as ideias de Tuan em relação a sua concepção de lugares. Por meio das ideias de ambos os autores, percebemos a complexidade e a diversidade que esse mundo rural carrega dentro das concepções trazidas pelos(as) trabalhadores(as) rurais.

O “lugar”, nesse sentido, é onde residem e trabalham os sujeitos dessa pesquisa, o lugar onde se encontra o rural, o lugar onde eu, Gabriel, vivi boa parte de minha vida, é um lugar que “é uma pausa no movimento. [...] A pausa que permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p.153). Dentro do reconhecimento, da sensação de pertencimento deste lugar, estão atravessadas suas culturas, seus modos de vida, e mais do que isso, suas experiências, seus saberes, que, por vezes, são negligenciados pela modernidade, mas que no rural encontram sentidos e significados. Foi nesse lugar chamado rural que conversamos com os protagonistas da pesquisa. Convidamos, caro(a) leitor(a), a conhecer as sementes que estão brotando nessa pesquisa.

PARTE III

OS CULTIVOS E SEUS
FRUTOS

A decorative border at the bottom of the page, featuring a large central circle with the Roman numeral 'XII' inside. The circle is surrounded by stylized, flame-like or leaf-like shapes that curve upwards and outwards, creating a symmetrical, crown-like appearance.

XII

CAPÍTULO VI – OS GRÃOS PLANTADOS COM OS TRABALHADORES RURAIS

Estou em casa
Estou em casa, eu pensei
E esse pensamento tomou conta de mim
Estou em casa, estou em casa...
O cheiro de terra, o canto dos pássaros
Depois de tanto tempo, me sinto em casa novamente
A cidade tem suas regalias
Mas jamais terei essa sensação de estar em casa
O campo, a roça, o sítio... Não importa seu nome
Para mim, sempre será a minha casa
(Gabriel H. de Souza)

Do encontro de saberes foi possível emergir uma História local que fizesse sentido para os trabalhadores rurais (THOMPSON, 1998). Foram nas diferenças e na troca de ideias que se deu a construção dos saberes com a comunidade, por meio das rodas de conversa.

A diferença e a divergência de visões de mundo são vistas como possibilidades para evidenciar questões que estavam latentes, impossibilitadas de serem faladas, e que, com as rodas de conversas foram refletidas em conjunto com os sujeitos da pesquisa.

Para essa pesquisa, um caderno de campo foi muito importante, no qual foram anotadas questões pertinentes, além da gravação (como gestos, sentimentos e outras questões relacionadas aos sujeitos da pesquisa); a questão do respeito para com os trabalhadores, sempre deixando claro o que seria perguntado durante as rodas de conversas, assim como o retorno das transcrições para compartilhar e saber o que poderia ser publicado ou não; e, por fim, evidenciando com relação às documentações que seriam assinadas por eles para utilização dos direitos autorais da entrevista.

Um grande desafio foi fugir das pesquisas instrumentais e técnicas. Quando colocamos nossa pesquisa, principalmente relacionadas às ciências humanas, em caixas e as organizamos com tabelas, gráficos e afins, estamos diminuindo a complexidade do ser humano como se fossemos números a serem analisados e engavetados.

Não buscamos enquadrar cada fala dos sujeitos participantes, como se fosse possível tabelar, separar e dividir tudo que foi vivido durante a experiência que foi realizar essa pesquisa. O intuito é assumir o método de pesquisa benjaminiano que nos deixa brechas para escrever sobre aquilo que foi esquecido e marginalizado e uma narrativa aberta às leituras plurais. Mas, como produzir um conhecimento histórico a partir dos resíduos, daquilo que estava a tanto tempo escondido? Foi durante os encontros com os trabalhadores rurais, estimulados pelas práticas de rememoração, que conseguimos produzir as narrativas dialógicas, interativas e inventivas.

As rememorações são fragmentos de memórias com a potencialidade de ver um todo social, abrangendo assim o particular do indivíduo e o mundo a sua volta. As “mônadas (miniaturas de significados), é um conceito que o pensador coloca em ação no diálogo com o físico Leibniz, onde as potencialidades são trazidas a partir das centelhas de sentido e que [...] podem ter a força de um relâmpago” (GALZERANI, 2002, p. 62). É como uma semente: muitas vezes o agricultor deixa cair em sua caminhada e esquece da sua existência e nunca mais volta a procurá-la. Porém, quando retorna ao mesmo caminho que fez, muito tempo depois, percebe que aquela semente esquecida se tornou uma bela árvore, como o caminho de quem revisita uma memória feliz.

Contudo, também existe aquela semente que foi esquecida, apodrecendo e ficando só, no meio do caminho. E, por último, temos aquela semente que foi esquecida, nasceu, mas não cresceu com tanta plenitude como a primeira. Devido à falta de cuidados do agricultor, a semente cresceu sem raízes profundas, sem galhos fortes e sem frutos saudáveis. Quando o agricultor encontra tal

planta, a sensação é de angústia, tristeza e até mesmo raiva por não ter cuidado da semente que havia caído. Essa lembrança é como os resquícios que Benjamin nos chama atenção, pois no ato de rememorar não serão apenas árvores frutíferas e saudáveis que virão à tona: também surgirão plantas espinhosas e difíceis de lidar.

Foi no diálogo com as memórias dos trabalhadores rurais, que construímos as mônadas. Cada uma com seu próprio significado, apresentando uma realidade dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna. Assim, as experiências deles são como possibilidade de entender pequenas partículas que permitem a valorização do próprio sujeito, mas que, ao mesmo tempo, ampliam a visão sobre um grupo maior (dos trabalhadores rurais) a partir das suas conexões e entrelaçamento de memórias individuais e coletivos.

Cada mônada foi construída a partir de pequenos lampejos, ou, nesse caso, sementes esquecidas, revividas em nossas rodas de conversas (os cultivos), e que rememoram momentos de felicidade que já não eram mais lembrados, angústia, dores que pareciam estar cicatrizadas, mas que ainda machucam e até mesmo conflitos que fizeram e fazem parte da vida dos trabalhadores rurais e merecem ainda agir sobre tais problemas no presente. Todas mostram a amplitude de cada sujeito dentro de sua própria realidade social.

Os títulos das mônadas foram escolhidos a partir de pequenos trechos das próprias narrativas dos trabalhadores rurais, reforçando aquilo que estava mais latente em sua rememoração. Os títulos, além de intensificarem as narrativas dos sujeitos, dialogam com outras mônadas, e esse intertexto sugere múltiplas interpretações e leva cada leitor a uma leitura singular, partindo das suas experiências historicamente, situadas no tempo e no espaço.

Para além das narrativas escritas, construímos com os trabalhadores rurais, narrativas visuais, que carregam consigo desde momentos de encontro na comunidade, até momentos mais íntimos em família. Cada imagem carrega também o poder de trazer novas rememorações naquele que lê, pois partilham a realidade de muitas famílias que tinham diversos costumes, e que

hoje só existem na memória. Por exemplo, as fotos dos pratos típicos cada família é um convite a relembrar dos cheiros e dos sabores do campo, que já esteve presente na vida de muitos que estão lendo agora. E por que foram esquecidos?

Para construir tais mônadas, a escuta e a transcrição não foram mecanizadas. Foi um árduo exercício de escuta sensível, de ir e vir sempre que necessário, construindo assim mônadas que não necessariamente fazem parte de uma mesma narrativa, de um único encontro, mas algo que foi produzido ao longo de todos os cultivos. Resignificar essas imagens monadológicas no diálogo com as narrativas dos trabalhadores rurais não foi uma tarefa fácil. Sempre buscou-se trazer as experiências de cada indivíduo imerso na coletividade, sem perder a amplitude e o brilho único que cada um carrega nas suas singularidades.

Nesse sentido, o percurso metodológico de escrita das mônadas foi muito mais um exercício de humanidade do que um mero requisito acadêmico a ser preenchido. As mônadas evidenciaram as tensões nas quais se inserem as práticas culturais, plurais e contraditórias de cada ser (GALZERANI, 2008; FRANÇA, 2015). Vamos conhecer o primeiro cultivo, caro (a) leitor (a)?

CAPÍTULO VII – 1º CULTIVO: CONVIDANDO OS TRABALHADORES RURAIS PARA NOVAS EXPERIÊNCIAS

Durante o primeiro cultivo, eu, Gabriel, e os moradores da comunidade começamos a dialogar sobre a participação no projeto. Consideramos importante destacar que o cronograma das visitas e das conversas coletivas foram pensadas a partir da minha disponibilidade enquanto pesquisador, mas também pensando nos trabalhadores rurais, pois realizei o convite perto do final do plantio da safra do ano de 2022, e sabia que eles teriam “menos” trabalho até que os primeiros brotos saíssem da terra. Assim foi pensando a partir da realidade do campo, do tempo da natureza, afinal, não poderia deixar as conversas para o momento da colheita ou do plantio, por exemplo, pois sabia que a disponibilidade dos trabalhadores seria praticamente nula.

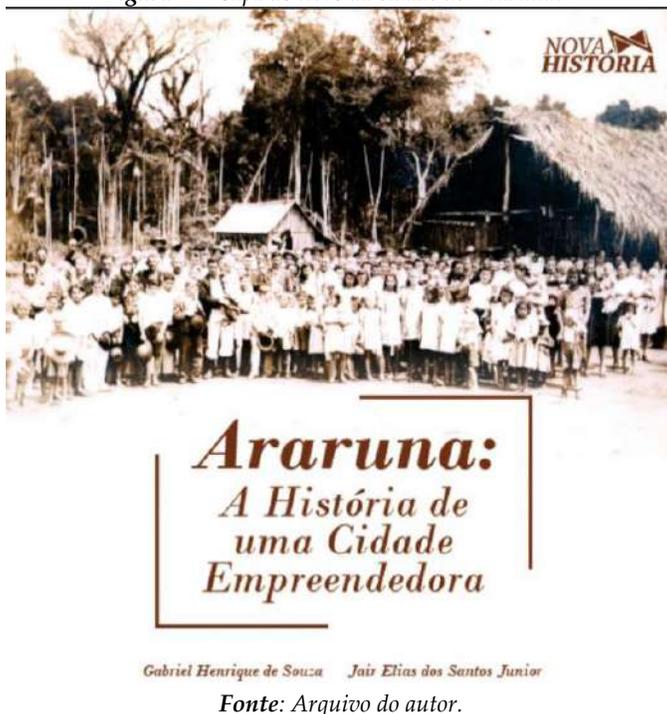
Consideramos importante destacar também que, com todas as famílias, aproveitei o momento do convite para apresentar quem é o pesquisador e morador da comunidade, o Gabriel. Foi uma tarefa difícil para mim, afinal, aproveitei o gancho do terceiro cultivo para me apresentar a partir de 2 objetos, e demorei um certo tempo para decidir quais objetos seriam esses. Depois de muito pensar, decidi que seria meu par de botas e o livro que escrevi sobre Araruna. Com todas as famílias, quando terminava de explicar como seria a pesquisa, eu buscava os 2 objetos no carro e me apresentava. Com o par de botas, expliquei para eles quem era o trabalhador do campo Gabriel, que usava elas para se proteger do barro, da poeira, dos animais etc., e recordei que era sempre meu pai que orientava na utilização da mesma. Jamais vou esquecer dele falando “Nunca saia descalço, é muito perigoso sair sem botas lá fora”.

Fotografia 1: Meu par de botas.



Fonte: Arquivo do autor.

Figura 1 – Capa do livro da cidade de Araruna.¹⁴



Já o livro trouxe para mostrar aos moradores que, além de trabalhador do campo, tenho minha paixão como historiador e pesquisador. Assim como na pintura “Um par de sapatos”, de Vincent Van Gogh¹⁵, simboliza a vida dura dos trabalhadores

¹⁴ Toda a construção do livro foi encomendada pela prefeitura de Araruna, em comemoração pelo aniversário da cidade. O título, as escolhas narrativas e até mesmo algumas fotografias foram escolhidas em conjunto com a prefeitura, que preferiram priorizar a narrativa de empresários, “pioneiros” e políticos da cidade. Porém, algumas poucas narrativas foram inseridas no livro após muito debate e empenho, onde conseguimos narrar a história de algumas poucas comunidades rurais e incluir alguns grupos religiosos marginalizados, como os umbandistas. No seu próprio título, percebemos uma narrativa que prioriza as grandes empresas e os empresários da cidade.

¹⁵ Houve uma polêmica em torno do quadro de Van Gogh envolvendo dois pensadores distintos: Martin Heidegger e o crítico Meyer Schapiro. Essa controvérsia diz respeito à compreensão da essência da arte, especialmente no

rurais, depois de um longo dia chuvoso, surrada, mas que carrega consigo um simbolismo de luta e perseverança. Para além disso, conversamos sobre o trecho que conta sobre a história do Lirial, no qual apenas 2 páginas compunham no livro. Problematicamos para que, ao longo desse novo projeto de pesquisa, pudéssemos trazer Lirial de São Luís, pois são muitas famílias no local e as memórias presentes que ainda resistem na comunidade.

O primeiro contato foi com a família Josi Bassani de Souza, no dia 10 de outubro de 2022. Eu, Gabriel, decidi falar com eles primeiro, pois tenho mais afinidade com o trabalho com o gado leiteiro, e a principal renda da Josi e da sua família é o manejo do gado. Sempre lembro dela sendo a primeira mulher a participar do arrancadão de tratores que acontecia na cidade.¹⁶ Quando cheguei em sua residência, fui muito bem recebido. Apenas ela estava em casa, os demais estavam aproveitando o momento de estiagem para o plantio. Sentamo-nos durante uma tarde ensolarada para conversar sobre a pesquisa e sobre todos os anseios, problemáticas e intenções da pesquisa. Dialogamos também sobre a importância dela e de sua família participarem, não apenas para terem sua História contada quando o site estivesse pronto, mas também para o breve retorno daquele sentimento das rodas de conversa que existiam no campo antigamente. Ela concordou com todas as

contexto de pinturas em telas. Segundo Heidegger, a arte transporta o espectador para uma dimensão além do simples valor de uso de um objeto comum, permitindo-o adentrar o mundo retratado pela obra. Ele exemplifica sua teoria através do quadro “O par de sapatos” de Van Gogh, argumentando que ele nos conduz ao mundo dos sapatos e da pessoa que os usa. Por outro lado, Schapiro rejeita a tese de Heidegger, afirmando que os sapatos retratados por Van Gogh não são comuns, mas sim objetos pessoais do próprio artista, revelando algo sobre ele de certa forma. Participando da discussão, o filósofo Jacques Derrida enfatiza a importância da compreensão da noção de “reconstituição” na obra de arte. Essa polêmica destaca como diferentes filósofos e críticos podem interpretar obras de arte de maneiras distintas, levantando questões intrigantes sobre a natureza da arte, sua relação com o artista e sua capacidade de transmitir significados além do óbvio.

¹⁶ Mais informações disponíveis em: <https://www.tribunadointerior.com.br/sem-categoria/arrancadao-de-tratores-em-araruna/>

questões trazidas, e logo já aceitou o convite, e ainda acrescentou dizendo que na nossa sociedade, atualmente, dificilmente temos esses momentos de conversa, principalmente com os mais jovens, que só ficam no celular, isolados em algum canto.

Confesso que essa conversa deu um grande alívio para convidar os demais trabalhadores, pois, além do aceite do convite, a trabalhadora Josi foi extremamente receptiva com as problemáticas trazidas pela pesquisa. Ao final, pedi para ela que me passasse os nomes de todos que moravam no sítio e trabalhavam com ela, que são as seguintes: José Bassani; Maria Santa de Melo Bassani; Amarildo Bassani; Regina Ademir Bassani; Beatriz Vieira Bassani; Nilson Roberto de Souza; Josi Bassani de Souza; Rodrigo Bassani de Souza; William Viera Bassani; Milena de Souza Bassani e Mateus de Souza Bassani.

A segunda família que convidamos para participar da pesquisa foi do trabalhador Celso Maiolli, também no dia 10 de outubro de 2022. Diferente da família da Josi, Celso mora apenas com a sua esposa, Maria Inez Maiolli, pois os filhos e demais parentes já se mudaram para outros lugares. Tenho um carinho muito grande pela família dele, pois era em sua casa que eu deixava o carro antes de pegar a van para ir para a faculdade. Voltar para sua casa me trouxe os bons momentos que eram a ida para a universidade. Além disso, Celso também foi um dos moradores que me ajudou na busca por informações sobre o Lirial para a escrita do livro. Quando cheguei com o convite, antes mesmo que eu terminasse de explicar todas as partes da pesquisa, Celso já aceitou imediatamente. Seu entusiasmo em participar do estudo já era perceptível em 2020, quando conversei pela primeira vez sobre o livro. Agora, sua vontade ficou maior ainda, principalmente sabendo que será uma escrita feita pelas próprias experiências das famílias da comunidade.

A terceira família convidada foi do trabalhador Severino, também conhecido como “Seu Severino”, ainda no dia 10 de outubro de 2022. Assim como Celso, Severino mora apenas com sua esposa, Cleide Giupato do Nascimento, pois os demais familiares

foram estudar e morar fora. Quando cheguei no sítio do Seu Severino, já avistei seus lindos pomares: pés de maçã, goiaba, nectarina, uva... sem falar no cheirinho de pão assado que sua esposa estava fazendo. Consideramos importante destacar que a família do Seu Severino produz para uma cooperativa familiar que entrega pães e outras produções do sítio para a região. Pois bem, quando cheguei em sua casa, ele estava terminando de passar pesticidas nos pomares. Logo que me cumprimentou, já disse que em breve pretende manter a produção totalmente orgânica e sem agrotóxicos. Depois de um bom bate papo sobre suas plantações, fiz o convite para o Seu Severino e sua esposa e eles logo aceitaram.

Destacaram a importância de tal trabalho, principalmente devido ao momento político que vivemos.¹⁷ Mesmo não sendo minha pretensão no dia, Seu Severino destacou sua indignação com tudo que estava acontecendo na comunidade: a divisão pelas questões políticas, a agressividade, o negacionismo da pandemia, como atual presidente Jair Bolsonaro estava acabando com a ideia de bondade da igreja, enfim, foi uma conversa bastante proveitosa dado ao contexto político e social. Nesse encontro fui com a minha esposa, e, no final da conversa, o casal que nos recepcionou tão bem nos deu alguns pêssegos direto do pé como sinal de gratidão pela nossa visita.

A quarta família foi a trabalhadora Cláudia e o trabalhador Durvalino, conhecido como “Dorva”, no dia 15 de outubro de 2022. A família em questão possui uma grande ligação comigo, Gabriel, pois quando fazemos silagem¹⁸, eles sempre estavam presentes para ajudar, até mesmo quando estávamos começando no ramo. No dia, a conversa foi com a Cláudia, pois assim como as demais

¹⁷ Os convites foram realizados em novembro de 2022, quando o Brasil passava pelo período eleitoral, e a tensão entre os principais candidatos Lula e Bolsonaro também chegavam no campo.

¹⁸ Silagem é a forragem verde armazenada na ausência de ar e conservada mediante fermentação em depósitos próprios chamados silos. A silagem é um alimento volumoso utilizado para suplementar as pastagens durante a época em que a disponibilidade de forragem é baixa.

famílias, eles estavam aproveitando a estiagem e fazendo o plantio. Um dia antes de fazer o convite, estivemos em sua casa para um jantar para comemorar o aniversário de seu filho, Daniel. Festas como essa são uma das poucas que ainda resistem na comunidade, sendo um dos momentos que todos se reúnem. Após fazer o convite e receber seu aceite, conversamos sobre as questões trazidas pela pesquisa, e, ao final, ela passou a receita do bolo (que estava delicioso) da festa do dia anterior. Os membros que vivem no sítio são: Cláudia Aparecida Bassani Mau; Daniel Bassani Mau; Durvalino Donizete Mau; Maria Aparecida Giupato; Geni Bassani Jacques; Renato Pereira Jacques; Luana Bassani Jacques; Júlia Bassani Jacques; Antônio Bassani e Rosa dos Santos Bassani.

A quinta família convidada foi do trabalhador Luiz Malaco e Evanir Cabreira Malaco, meus vizinhos que moram ao lado da propriedade dos meus pais, no dia 15 de outubro de 2022. Luiz, ou como nós chamamos, Bituta, e sua família, trabalham com a terra mais voltada para o cultivo de soja, mandioca e outros grãos. Por muito tempo, quando subia e descia com as vacas pelos pastos de casa, sempre via ao lado a família trabalhando com a terra. No dia do convite, quem me recebeu foi Evanir, pois os demais estavam plantando. Conversamos por horas sobre as questões trazidas pela pesquisa. Após o aceite do convite, foram algumas questões sugeridas, como fazer os encontros na casa de cada família (que ainda não tinha pensado) e realizar uma partilha em cada encontro, com cada família levando um prato para dividir com os demais. Os membros que moram na propriedade, além de Evanir e Bituta, são: Rodrigo Machado Francisco, Monica Cristina Malaco Francisco, Débora Malaco Francisco, Rafaela Malaco Francisco, Dierlei Júnior Malaco, Bárbara Patricio Malaco, Kaio Patricio Malaco e Kauã Patricio Malaco.

A sexta família convidada, no dia 15 de outubro de 2022, foi do trabalhador Antônio Camilo Ramalho. Dentre os convidados, essa era a que menos tinha contato pessoal, mesmo assim, a recepção foi muito boa. A família Ramalho trabalha com o cultivo de flores, algo pouco comum na região. Mais incomum ainda são

as famílias que cultivam flores deixarem o público externo entrarem em suas propriedades. Felizmente, a família Ramalho ensina e explica como é realizado o cultivo de cada espécie de flor para excursões que os visitam. Interessante pensar que o trabalho com o público já existe dentro do trabalho dessa família.

Depois de uma boa conversa e de um bom café, a família disse que aceitaria participar da pesquisa com algumas ressalvas, já que nas datas previstas dos encontros, que seriam aos sábados, provavelmente eles estariam trabalhando em algum evento para entrega das flores. Mesmo assim, deixamos combinado que, dada a possibilidade, a família iria participar. Os membros da família que moram na propriedade são: Antônio Camilo Ramalho; Aparecida Bondezan Ramalho; Rafael Bondezan Ramalho; Geovana Ramalho; Danielli Bondezan Ramalho; Anthony Bondezan Ramalho; Nicolas Ramalho e Joana Ramalho.

A sétima e última família são meus pais e eu, Gabriel. Deixei minha família por último porque, de certa forma, não fiz um convite formal como as outras famílias, afinal, falava da pesquisa para eles desde o começo. Destaco que meu pai, Erasmo Carlos Alves de Souza, e minha mãe, Iraci Ferreira de Lima Souza, vivem na comunidade há pouco mais de 15 anos. Mesmo morando a “menos” tempo que as demais famílias, que vivem há mais de 40 anos, o sentimento de pertencimento com a comunidade é muito forte. Quando viemos para a comunidade, tínhamos pouco gado leiteiro, e a renda girava em torno da produção de café e do trabalho da minha mãe na cidade. Hoje, temos um sítio voltado totalmente para o leite.

Com todas as famílias convidadas, marcamos os dias que seria realizado o segundo cultivo com cada família. A recepção calorosa e afetuosa de cada trabalhador(a) me instigou ainda mais no desenvolvimento da pesquisa. Foi graças a eles que o desenvolvimento de cada cultivo se deu de maneira tão positiva. Passemos agora para o segundo cultivo, durante o qual começamos de fato a criar laços com cada família.

CAPÍTULO VIII - 2º CULTIVO: VIVENDO NOVAS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL

8.1 Primeira família: Josi e Nilson Bassani

O segundo cultivo iniciou-se no dia 29 de outubro de 2022, com as famílias dos trabalhadores rurais, durante o qual começamos o acompanhamento individual na lida do campo com cada família em seu próprio ambiente de trabalho. Foi aqui que começaram a serem criados laços com os trabalhadores. Além desses vínculos, tive um misto de sensações ao voltar para o campo: quando eu, Gabriel, coloquei minha bota novamente para acompanhá-los, um turbilhão de emoções surgiu em minhas memórias. Foi como se tivesse voltado a ser o adolescente que trabalhava com o pai, mas dessa vez com outra forma de olhar o mundo.

Em todos os encontros, levamos um caderno de campo, no qual anotei cada detalhe da experiência vivida. As gravações das rodas de conversa ficaram apenas do terceiro ao sexto cultivo, que são os encontros coletivos.

A primeira família que pude acompanhar foi do casal Nilson e Josi Bassani. Logo quando cheguei em sua propriedade, às 6 da manhã, fui muito bem recepcionado pelo Nilson que já estava indo tocar as vacas para dentro da sala de ordenha. Muitos que nunca acompanharam o trabalho com leite podem estranhar o horário, mas é algo comum começá-lo antes do sol nascer. Já pudemos começar ali mesmo a conversa, sobre como a lida com o gado leiteiro exige uma enorme dedicação de todos da família. Cada um possui sua função: um grupo fica responsável por tirar o leite, outro por tratar do gado, outro por cuidar da roça, e assim por diante. Ninguém fica parado.

O primeiro lugar ao qual fui apresentado foi a sala de remédios, também conhecida por eles como “farmacinha” das vacas. Como qualquer produtor de leite, a família Bassani sabe que o preparo é a melhor forma de se trabalhar com o gado, afinal, qualquer imprevisto causado por alguma doença deve ser tratado imediatamente, e ter um remédio de prontidão ajuda a salvar inúmeros animais.

Depois da “farmacinha”, observei a sala de ordenha, local onde é tirado o leite das vacas. Lá, acompanhei Nilson, Josi e mais um funcionário que trabalha com a família, os demais membros estavam em outros afazeres. A tecnologia é muito presente nesse espaço, com ordenhas de extração automática que medem a quantidade de leite que cada vaca produz, e “sai” dos tetos das vacas assim que termina seu leite. Aproveitei esse momento para conversar com eles sobre a época em que tudo era manual, quando não existiam essas tecnologias. Aos poucos, eles foram recordando da época em que os bezerros precisavam ficar perto da mãe para liberar o leite, se não, ficava impossível de ordenhar o leite com a mão.

Durante cerca de uma hora e meia ficamos na ordenha para terminar de tirar o leite. Durante esse tempo, também percebemos que os animais, assim como em praticamente todas as propriedades, possuem um brinco com um número para identificação. Questionei se eles ainda davam nome aos animais, um hábito comum antes dessa padronização, mas disseram que é algo impossível, principalmente por causa do acompanhamento das vacinas, medicações etc., e por causa da quantidade de animais.¹⁹ Essa realidade evidencia que a modernidade capitalista tira do proprietário até mesmo o poder de nomear sua criação, pois caso isso aconteça, a “desordem” chega e não deixa categorizar seus animais.

Durante o tempo da ordenha falamos de como a família era em uma quantidade muito maior antes do falecimento do avô, este

¹⁹ No dia em questão, produzindo leite eram cerca de 80 animais, tirando os bezerros de corte, as vacas secas e as novilhas.

que veio para a região para realizar o cultivo do café. Assim como muitas famílias que foram atingidas pelas geadas e as pragas na década de 1980, a propriedade que antes era só plantação de café e possuía mais de 20 famílias foi, aos poucos, retirando os pés de café para realização de novas culturas. Com isso, muitas famílias se dispersaram e foram para a cidade, gerando um fluxo de êxodo rural enorme na região naquela época. Diferente da maioria, a família Bassani permaneceu quase toda unida, e o sítio que era do avô foi dividido em duas partes. Nesse processo, a maioria dos membros permaneceram na propriedade, e foi justamente o trabalho com o gado leiteiro que manteve a família unida.

O casal foi relatando que, após o falecimento do avô, eles pensaram em desistir do leite, afinal, o trabalho era árduo e o retorno era mínimo. Porém, pensaram que se fossem para qualquer outro manejo, seja da roça ou do gado de corte, muitos membros da família teriam de buscar trabalho na cidade ou em outra propriedade. Para a família Bassani, o trabalho ultrapassa as barreiras da questão econômica, sendo quase que uma liga que mantém a família unida.

Após o término da ordenha, a trabalhadora Josi me acompanhou para mostrar outras partes do trabalho na propriedade. Assim que estávamos saindo, encontramos o pai dela, o senhor mais velho que reside na propriedade. Ele estava se preparando para tratar dos bezerros, todo animado, sem demonstrar nenhum tipo de cansaço. A Josi me disse que, mesmo com sua idade, ele jamais deixou de trabalhar com as vacas. Sempre está entre a família, ajudando no que pode.

Continuamos nossa caminhada para ver que ali a família também produz porco, galinha, horta, entre outras produções que servem para uso próprio. Durante nossas conversas, foram muitas as lembranças revividas pela Josi. A primeira delas foi quando estávamos na mangueira da ordenha onde as vacas ficam para descansar e comer, observando o trator fazendo a limpeza, e ela se recordou do primo que tinha o apelido de “rapa bosta”. Antigamente, antes dos tratores e do maquinário, todo o processo

de limpeza era feito com rodo, pá e carriola. Esse primo, na adolescência, ia até a propriedade, de bicicleta, e passava a manhã toda para terminar a limpeza dos espaços. Hoje seus filhos não acreditam que seu pai, já bem-sucedido, tivera que trabalhar dessa forma.

Durante uma pausa para o café, outra história lembrada foi sobre a escolinha rural que existia na comunidade. Josi se lembra de como as comidas eram servidas em canecas: em um dia, era macarronada, no outro, serviam na mesma caneca o café com bolacha. A merendeira era a Dona Luiza, que sempre atendeu as crianças com muito carinho. Uma memória involuntária, tão rica quanto as de Penélope, vindas do emaranhado de lembranças que a tanto tempo estavam soterradas. O sabor do café, presente em sua mesa no café da manhã nos dias de hoje, ainda relembram os momentos vividos na infância da trabalhadora Josi.

Após a pausa para o café, continuamos andando na propriedade. Muitos saberes foram compartilhados, desde a parte da alimentação do gado até a lida da terra para plantação. Durante nossa conversa, o pai da Josi, que já tinha ido na roça e retornado, veio até eles para dar um conselho: refazer o plantio em uma determinada área, porque a chuva estava chegando. O pai, já de idade e debilitado em relação à saúde, não deixa transparecer isso em sua vida. O conselho que ele dá é de um narrador sedentário, como Benjamin nos evidenciou, aquele que transmite seus conselhos a partir das suas experiências vividas no campo.

Depois de ouvir o conselho, alguns membros da família foram para a roça realizar o plantio e a trabalhadora Josi continuou me acompanhando. Ela sempre se recorda das suas amigas que gostam de vir para o sítio, sair da cidade e da rotina de seus escritórios. Além disso, ela também rememorou como foi difícil encontrar um veterinário que realmente agregasse no trabalho, porquanto é muito comum que os laticínios, as associações e as cooperativas enviam profissionais que acreditam saber mais que os trabalhadores do campo. Concordei com ela, pois meus pais passam pela mesma situação. Foi difícil encontrar uma veterinária

(que agora os acompanha a mais de 6 anos) que realmente trouxesse consigo a teoria e agregasse na prática do trabalho.

Quantas vezes, trabalhadores(as) rurais de tantas localidades, são menosprezados(as) por aqueles que dizem ter “o saber científico e verdadeiro”? É como se o saber desenvolvido por eles ao longo de tantas décadas não servisse para nada, e que o único conhecimento que importa é o acadêmico. Novamente, o que temos é uma modernidade que tenta reprimir todo e qualquer saber que fuja dos padrões ditos como “corretos” dentro da sociedade, padrões esses que raramente estão ligados aos saberes dos trabalhadores(as) do campo. Não estamos aqui menosprezando o saber científico, mas sim problematizando e afirmando que ele não deve ser o único, e que o diálogo entre diversos tipos de conhecimento deve estar presente na realidade do campo.

Ao final do nosso encontro, a trabalhadora Josi reforçou a sua empolgação com a pesquisa. Disse que esses momentos em conversa estão cada vez mais escassos em nossa vida, e relatou um caso que me deixou extremamente contente. Durante uma das festas de Nossa Senhora na comunidade, ela comentou sobre a pesquisa com outros moradores da comunidade. Durante essa conversa, surgiu a ideia de continuar as rodas mesmo depois do fim da pesquisa, mesmo que seja uma ou duas vezes por mês. Fiquei realizado ao ouvir tal relato, pois um dos objetivos da pesquisa já estava se concretizando.

Fotografia 2 – Registros do segundo cultivo com a família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 3 – Registros do segundo cultivo com a família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

8.2 Segunda família: Evanir e “Bituta” Malaco

A segunda família que eu, Gabriel, pude acompanhar foram os Malaco, no dia 29 de outubro de 2022, no período vespertino. Logo quando cheguei em sua propriedade já tinha uma certeza: hoje não vão trabalhar. Isso ocorreu devido a uma forte ventania com chuva, que chegou rapidamente na região, e isso atrasou a passagem dos insumos agrícolas na plantação. Diferente do tempo das fábricas, que continuam trabalhando intensamente mesmo com

sol, chuva, geadas e afins, no campo o que se segue é o tempo da natureza, e o(a) trabalhador(a) sabe que esse tempo deve ser respeitado. Mesmo assim, passei uma tarde muito proveitosa com a família, em que pude aprender mais sobre a lida na roça.

Em um primeiro momento, para fugirmos da chuva, ficamos na casa do casal Evanir e Bituta. Começamos nossa conversa ali, mas senti que progredia de maneira muito mecanizada, um bate e volta de perguntas e respostas. Porém, quando a chuva passou, pudemos ir ao barracão onde ficam todos os maquinários agrícolas. Lá, a conversa começou a fluir naturalmente, com o Bituta narrando suas lembranças em relação ao cultivo da roça.

Bituta sempre trabalhou com seus filhos e o seu genro na roça. Hoje, este não trabalha mais diretamente com a soja e a mandioca, pois decidiu montar ali mesmo na propriedade um barracão metalúrgico para arrumar equipamentos e peças agrícolas da comunidade. Mas o filho do Bituta ainda trabalha com ele. A conversa no barracão aconteceu com os três, falando sobre as dificuldades e as transformações do plantio, da colheita etc.

Uma das primeiras lembranças trazidas por Bituta foi sobre quando ele ainda não morava no Lirial, mas sim no Pinhalzinho, uma comunidade próxima. Ele recorda que vinha de bicicleta para cuidar das terras, que antes era café, e depois foi mudando para o algodão, mandioca, entre outros plantios. Ele afirma que hoje, para cuidar de uma roça de 100 alqueires, apenas duas pessoas e o equipamento certo é o suficiente para realizar o trabalho, mas na época, um número muito maior de pessoas era necessário para fazer todo o trabalho manual. Ele comenta como a mão de obra foi sendo substituída pelas máquinas, e, como isso, foi esvaziando o campo. Antes, era muito comum a troca de trabalho, em vez do pagamento, por exemplo.

Porém, a tecnologia não é vista com maus olhos. Ele rememora que todo o trabalho do plantio até a colheita da mandioca era feito com tração animal, o que fazia com que os animais sofressem pelo grande esforço. Também se recorda das primeiras plantadeiras, que facilitou muito o trabalho, as primeiras colheitadeiras, que

facilitaram a colheita, todas essas memórias foram surgindo a cada equipamento que ele observava no seu barracão.

As dificuldades no plantio sempre existiram, como ele afirma: o preço da venda, o clima e o tempo que podem acabar com uma lavoura, erro próprio e assim por diante. Mesmo assim, Bituta nunca pensou em desistir e ir para a cidade, sempre considerou maneiras de lidar com os problemas e ficar no sítio.

Durante nossa conversa, algo que ficou muito nítido foi a questão do tempo de trabalho. Seu filho lembrou, por exemplo, que existem produtos que precisam ser passados durante o período da noite, e é muito comum madrugarem dentro da cabine de um trator. Nesse sentido, eles se lembram como a tecnologia ajudou no conforto desse processo, com GPS, contagem de grãos etc., mas que eventualmente acontecem alguns problemas que precisam ser resolvidos na madrugada.

Outras memórias foram surgindo enquanto estávamos no barracão e o barulho da chuva batia nas telhas. Uma delas foi em relação ao preço da antena parabólica, que hoje nem é utilizada na propriedade. Bituta se lembra que a primeira adquirida por um parente próximo custava 350 sacos de farinha, e hoje nem ao menos vendem do mesmo modelo.

Outra questão lembrada pela família é a confiança que se tem das pessoas do campo, em que os maquinários são comprados em sociedade, sem que haja qualquer contrato. A confiança é mútua, e a ajuda também. Além das facilidades, Bituta também destaca que foi pouco prudente na sua vida na roça. Erguia balaios pesados, pulava de alturas enormes dos caminhões, tudo isso resultou em alguns problemas na coluna, como ele conta.

Hoje ele afirma que viver apenas de uma cultura na roça é algo praticamente impossível, pois um período de muita seca ou muita chuva pode deixar grandes prejuízos. Por isso, a mandioca ajuda

bastante, pois pode ser colhida em diferentes períodos, mas ele reforça que a fiscalização dos “boias frias”²⁰ dificulta o cultivo.

Diferente da família Bassani, na propriedade não se tem cultivo de outras plantas, apenas a criação de animais. A família optou por manter apenas o manejo da roça. No final da nossa conversa, o filho do Bituta comentou de um caso em que ele estava em curso de formação em uma cooperativa, e quando ele entrou em um elevador cheio de “engravatados” e disse “bom dia”, todos estranharam. Uma das questões levantadas foi justamente a hospitalidade que existe na comunidade, e que fora dela parece estar se perdendo cada dia mais. O individualismo trazido pela modernidade capitalista afasta e priva cada vez mais as pessoas de se permitirem a fazer algo que até então era muito simples: ter relações humanas. Depois de uma longa e proveitosa conversa no barracão, fomos tomar um delicioso café preparado pelas mulheres da família.

Fotografia 4 – Registros do segundo cultivo com a família Malaco



Fonte: Arquivo do autor (2022).

²⁰ Após o ano de 2010, a fiscalização em torno do trabalho dos “boias frias” foi intensificada. Isso acabou pegando muitos trabalhadores desprevenidos, pois muitas das multas acabavam chegando sem saberem o motivo. Com a fiscalização, os grupos de “boias frias” também diminuíram na região, pois as imposições trabalhistas eram muitas para que o grupo fosse contratado.

Fotografia 5 – Registros do segundo cultivo com a família Malaco



Fonte: Arquivo do autor (2022).

8.3 Terceira família: Cláudia e “Dorva” Giupato Bassani

A terceira família a qual pude acompanhar no dia a dia do trabalho foi a Giupato Bassani, no dia 06 de novembro de 2022. O trabalho da família, por ser mais voltado para a pecuária leiteira, começa cedo na propriedade. Quando cheguei às 6 da manhã, toda a família já havia levantado para começar o trabalho. Fui muito bem recepcionado pelo filho da Cláudia e do “Dorva”, este que já havia estudado comigo e com quem convivi bastante nos jogos de bola e em encontros na comunidade. Quando cheguei na ordenha, percebemos que a responsabilidade é mais voltada para as mulheres, e três delas estavam organizando o gado. O trato fica por conta do filho, enquanto o Dorva e o pai da Cláudia ajudam em todos os trabalhos.

Acompanhando o manejo da ordenha, conversamos sobre como seus antepassados haviam chegado na região. Eles relataram que a maioria deles vieram do estado de São Paulo, e quando chegaram na propriedade “tudo era mata”, e precisaram destocar e retirar a mata original para começar a plantação de café, e que, antes do leite, as mulheres da família sempre ajudaram na lida da roça. Inclusive, a mãe de Cláudia, a mais velha que estava conosco, disse que somente deixará de ordenhar, se não aguentar mais. Durante essa conversa, também comentaram como a família

antigamente era mais unida devido à necessidade de mais mão de obra para o trabalho.

Assim como as demais propriedades que tem o leite como principal trabalho da família, com os Giupato Bassani essa realidade não muda muito. O trabalho é diário, seja feriado, final de semana, todos os dias esse serviço acontecia. A criação de porco, galinha, horta e bezerros de corte ajudam na renda da família. Mas, mesmo com esses aspectos parecidos com as demais famílias, a perspectiva em relação ao trabalho é completamente diferente.

Durante nossas conversas, a família comentou na vontade de parar com o leite, por vários motivos. Primeiro, por causa da falta da valorização. Foi relatado que o valor pago pelo produto hoje não é o suficiente para manter a produção e ainda conseguir um lucro significativo. Os laticínios tornam-se inimigos dos produtores, pois tiveram que desmanchar as sociedades feitas entre eles e pagaram o menor valor possível. Outro motivo seria a tuberculose, doença que atingiu a propriedade em 2018. Cerca de 50 cabeças precisaram ser sacrificadas nesse processo, e o prejuízo para todos foi muito grande. Por último, o único filho da família não tem interesse em manter o ofício, pois sua vocação está mais voltada para o plantio e a roça em si. Outro problema foi a perda de poder de compra da cidade. Com isso, existe uma dificuldade em vender o porco, a galinha e outros produtos produzidos na propriedade. Por isso, eles acreditam que a roça gere uma renda mais favorável e menos trabalhosa, se comparada com o leite.

Pouco antes do fim da ordenha, acompanhei o Dorva no trato dos porcos e das galinhas. Ele relatou os cuidados necessários para manter as vacas com boa condição para produção, e como era difícil fazer isso. Ele deu o exemplo de uma vaca com doença do carrapato, que precisa ser tratada o mais rápido possível. Uma pessoa que já trabalha a tempos logo percebe o problema, mas um empregado novo dificilmente veria tal detalhe e talvez perderia o animal por causa disso. Outro exemplo da dificuldade é a dedicação e tempo cedidos aos animais. Dorva rememora que precisou fazer uma cirurgia, e ficou alguns dias internado. Nesse

meio tempo, os cuidados do gado ficaram para os demais membros da família, e ele sabia que o serviço se tornou mais difícil.

Durante nossas conversas ele também relatou como queria que sua propriedade fosse um modelo na área do leite antes de ser atingida pela tuberculose. O objetivo era produzir e melhorar cada vez mais, mas isso tornou-se apenas um sonho.

Outro aspecto interessante é a relação com os saberes de agrônomos e veterinários. Assim como a família Bassani, eles possuem visitas frequentes de pessoas que ajudam na nutrição, no cuidado da terra e dos animais. Dorva relatou que tentam impor seus saberes para eles, como se nada soubessem nesses mais de 60 anos de trabalho. Assim como na família Bassani, aqui temos a imposição dos saberes científicos em detrimento dos saberes dos moradores da comunidade.

Mesmo com todas as dificuldades, por mais que a intenção seja sair do leite, a família nunca pensou em se mudar para a cidade, pois, segundo eles, lá as pessoas mal se olham; a relação é vazia; e citaram até a construção dos muros, que devem ser sempre enormes para que um não veja o outro. Também narraram o caso de um vizinho que ia na casa deles conversar com o falecido pai. Era só terminar o serviço que antes do anoitecer eles estavam conversando na varanda. Narraram ainda, casos de amigos e parentes que são obrigados a sair do sítio e entram em depressão e, muitas vezes, não possuem apoio, subsídio, ou até mesmo o básico para se manterem firmes no campo. O que geralmente acontece é o contrário: imposições e pressões de todos os lados para aumentarem sua produção em escalas desumanas, que impedem que os moradores sobrevivam com o seu trabalho.

Depois de um delicioso café, fomos para a parte final do serviço naquele dia, que seria rapar a mangueira. Fazer a limpeza do local que as vacas ficam é essencial para que o trabalho não acumule no domingo. Enquanto os ajudava na limpeza, comentamos sobre a associação da comunidade, onde hoje são poucos os membros ativos, se comparado com antigamente. Muitos não participam mais, pois tem seus próprios equipamentos,

e sofreram desavenças criadas pelos laticínios. A associação, que antes tinha um espírito de coletividade, vem perdendo cada vez mais espaço para a individualidade que vem adentrando o campo.

Ao final da nossa conversa, comentamos sobre o processo de fazer silagem. Dorva comenta que já fez silo com maquinário vindo de fora, que é até mais fácil e mais rápido, mas a correria não compensa. Além disso, ele comenta que essa prática em comunidade é muito mais divertida, mesmo que demore mais, as festas feitas com pão com carne moída e refrigerante jamais poderão ser substituídas. Relações humanas ainda resistem na comunidade.

Fotografia 6 – Registros do segundo cultivo com a família Giupato Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 7 – Registros do segundo cultivo com a família Giupato Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

8.4 Quarta família: Celso e Maria Inez Maiolli

No encontro com a família Maiolli, eu, os trabalhadores Celso e Maria Inez conversamos sobre suas vidas no espaço rural, no dia 06 de novembro de 2022. Como são um casal de aposentados, a lida com o campo diminuiu significativamente. No começo, quando a família estava toda no Lirial, a roça era quem proporcionava o sustento para a família. A partir de 1996, Celso construiu um aviário depois de comprar algumas partes de seus irmãos que foram embora. Hoje, apenas ele e um irmão vivem em Lirial. Para se manter na ativa, depois do fechamento do aviário, em 2015, Celso colocou alguns gados para corte e deixou uma parte da propriedade para cultivo de mandioca e outras culturas.

Durante nossa conversa, Celso narrou como foi a transição do café para outras culturas. Depois da geada e das pragas, começaram a arrancar os cafés de todas as propriedades. Foram poucas as que mantiveram o cultivo na época. Ele rememora de tirar todos à mão, cavando buracos em volta dos pés e depois cuidando da terra para plantio da mandioca, lembrando de como era mais difícil o trabalho, contudo a família era mais unida.

Depois dessa conversa, Celso comentou como foi trabalhar por 20 anos no aviário e que quando o construiu, seu filho mais novo,

que ainda estava com ele, gostava de lidar com os frangos, demonstrando intenção de ficar no sítio. Seus outros 2 filhos não tinham interesse desde cedo, tanto que foram morar na cidade assim que puderam. Ele já chegou a tirar, em uma única leva, cerca de 15 mil frangos.

Assim como todo trabalho no campo, o do aviário não era diferente. Não existia hora fixa para o trabalho. Se começasse a chover, ou a qualquer sinal de temporal, era preciso acordar, muitas vezes de madrugada, para acudir os pintinhos mais novos. O cuidado nos 2 primeiros meses era primordial para que se desenvolvessem bem. Como qualquer chuva ou calor a mais poderia destruir o aviário, era preciso fechar e abrir as cortinas manualmente a todo momento, sem falar no forno que precisava ficar aquecido com lenha no frio. Celso também se recorda do trabalho que tinha antes de automatizar o aviário: eram mais de 300 baldes para alimentar os frangos, tudo carregado na carriola. Depois que automatizou, o trato ficou muito mais fácil, mas o cuidado com a chuva e o clima de maneira geral ainda era necessário.

Celso narra que tentou aumentar o aviário em 2008, mas as condições de financiamento não permitiram. Com o tempo, ficou cada vez mais difícil de atender às demandas, e, em 2015, ele teve que encerrar tudo. Um fato interessante de ser comentado é que, se não fosse as imposições sob o aviário, Celso teria continuado até hoje, e seu filho mais novo estaria com ele no sítio. As pressões para produzir cada vez mais dificultaram a vida da família, que não viram outra saída a não ser ceder às imposições trazidas pela modernidade capitalista.

Mesmo com as dificuldades, Celso nunca pensou em ir embora para a cidade. Sua esposa, no início, tinha vontade, mas com o tempo percebeu que era mais feliz no sítio. Hoje, mesmo sem o aviário, ele cuida dos bois de corte e mantém uma vida tranquila, afirmando que não trocaria por nada da cidade. Sendo uma das únicas famílias que mora na beira da rodovia, questionei sobre a segurança do lugar. Ele diz que já foi assaltado algumas vezes, e

que hoje só mantem sua casa trancada, pois a casa perto da rodovia é um grande chamariz para assaltantes. Até mesmo a rodovia, que no começo parecia uma grande conquista tecnológica para a comunidade, hoje traz malefícios parecidos com aqueles enfrentados na cidade.

Fotografia 8 – Registros do segundo cultivo com a família Maiolli



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 9 – Registros do segundo cultivo com a família Maiolli



Fonte: Arquivo do autor (2022).

8.5 Quinta família: Toninho e Aparecida Ramalho

No encontro com a família Ramalho²¹, dia 12 de novembro de 2022, pude conhecer um pouco da vida e do cultivo das rosas. Entre os trabalhos acompanhados até então, esse é o que menos eu conhecia, pois o cultivo da rosa é algo raro na região. Quando cheguei na propriedade, fui muito bem recebido por Toninho e sua esposa, que estavam terminando de cuidar do quintal. Mesmo sendo de manhã, o sol e o calor já tomavam conta. Antes de acompanhar o seu trabalho com as rosas, enquanto limpavam o quintal, conheci um pouco da família Ramalho. Na propriedade, além do casal, os filhos também ajudam no cultivo das flores e nos afazeres da casa. Mas nem sempre foi só a família de Toninho e Aparecida que viviam ali. Quando o pai dele era vivo, existia uma sociedade entre os irmãos que tocavam a roça de 60 alqueires. Depois do falecimento do pai, tudo foi dividido.

Atualmente Toninho é o secretário da Agricultura e do Meio Ambiente em Araruna. Mesmo ajudando diversas famílias em diferentes comunidades do município, ele não se sente à vontade com seu trabalho. Na verdade, ele gostaria de deixar seu escritório e a burocracia para ficar com a família cuidando das flores. Para além de tantas imposições, ainda é possível perceber formas de resistir ao avanço da modernidade, pois o sentimento que Toninho tem ao trabalhar no campo não pode ser substituído por nenhuma regalia trazida pela modernidade capitalista. Mesmo assim, ele ainda continua desenvolvendo vários trabalhos para as comunidades: conseguiram poço artesiano para diversos lugares, montaram associação para manter a Feira de Agricultores da cidade²², kit barraca para os feirantes, hortas comunitárias, entre

²¹ Sua propriedade não fica especificamente na comunidade do Lirial, mas sim em uma comunidade próxima, Santa Ana, conhecida como “Melão”. Mesmo não fazendo parte em questão territorial, muitos dos membros da família já participaram de encontros, festas, jogos de futebol, entre outros no Lirial.

²² A Feira de Agricultores de Araruna existe desde a década de 90. Com alguns altos e baixos, hoje ela busca estabilidade por meio de apoios governamentais,

tantas outras que só foram possíveis pois Toninho conhece a realidade do rural.

Depois de conhecer um pouco sobre sua vida e seus afazeres fora de sua propriedade, compreendi um pouco sobre a forma do cultivo das flores e como a família começou a trabalhar no ramo. Antes, eles cuidavam do gado leiteiro, mas em 2010 isso mudou quando conheceram um cultivo de rosas em Apucarana-PR. Depois disso, o casal se apaixonou pela ideia e começaram a buscar conhecimento sobre o cultivo, realizando assim uma viagem para Holambra²³, e, em 2011, já começaram o cultivo de 1500 pés. Hoje, com mais de 10 anos na área, eles realizam essa mesma viagem para trocar experiências e saberes com outras famílias que moram naquela cidade, para sempre atualizarem e melhorarem sua produção.

A família narra que desde que começou, o único momento que pensaram em desistir das flores foi na pandemia. Diferente das demais famílias que foram pouco afetadas em relação ao trabalho, a família Ramalho teve sua produção completamente descartada, pois as festas e os encontros não podiam ser realizados, e os funerais também estavam proibidos. Mesmo assim, em vez de desanimarem, fizeram o contrário: investiram em mais uma estufa e aumentaram a produção, fazendo o cultivo melhorar bastante em relação aos anos anteriores.

Em relação ao cultivo de flores, são poucas as famílias que permitem visitantes nas propriedades. A família Ramalho afirma que esse costume não cabe para eles, pois acreditam que não deve existir uma rivalidade entre os produtores, mas sim uma parceria. Apesar da individualidade tentar, a todo momento, atravessar a realidade do mundo rural, as famílias resistem e buscam compartilhar seus saberes para ampliar seus conhecimentos entre

tanto que a associação foi criada justamente para buscar esse apoio, pois o governo apenas apoia a questão rural quando existe cooperativas e associações.

²³ Holambra possui mão de obra qualificada para o setor agrícola e se destaca por ser o maior centro produtor de flores e plantas ornamentais da América Latina.

si, deixando de lado a competitividade e o ego. Hoje eles ajudam diversas famílias na região, passando suas experiências para os demais agricultores. Eles também recebem caravanas de muitas partes do Brasil que buscam o aprendizado na propriedade.

Em relação ao cultivo, atualmente a família possui 3 estufas e algumas flores plantadas a campo. Além das flores, eles também têm horta, algumas vacas leiteiras, roça com mandioca, entre outros cultivos que são mais voltados para família. O maior problema que eles enfrentam é a mão de obra. Apesar da tecnologia ajudar no cuidado das plantas, com a irrigação e a pulverização automatizada, a parte da colheita e da poda ainda é todo manual, e dificilmente encontram pessoas capacitadas e com o mesmo cuidado. Por isso, a intenção é aumentar a produção para manter a família por perto.

Enquanto conversávamos, Aparecida me levou para mostrar uma experiência que havia dado errado, em que o enxerto²⁴ havia furado as telas. A parte de plantar o “cavalo”²⁵, cuidar do enxerto até a produção demora, praticamente, 1 ano, fazendo com que o cuidado e a dedicação sejam fundamentais para uma boa colheita. Esse trabalho do enxerto geralmente é feito por um especialista, cujo trabalho demora tanto que ele precisa ficar hospedado por cerca de 10 dias na casa da família. Mesmo não sendo um membro da família, o acolhimento e a hospitalidade é presente na vida no campo. Além do cuidado, outras questões influenciam na produção e no lucro, como o clima, a altitude, os *royalties*²⁶.

²⁴ A enxertia de rosas é uma técnica de propagação de vegetais na qual o pedaço de uma planta é fundido a outra. Rosas são mais facilmente propagadas com a poda, mas também podem ser enxertadas, sobretudo quando se trata de uma variedade com flores belas, mas um frágil sistema de raízes.

²⁵ O cavalo é a planta usada para a introdução do material genético do cavaleiro ao qual você quer replicar.

²⁶ São taxas cobradas pelas empresas para poderem produzir a variedade criada por elas. Geralmente são estudadas por mais de 10 anos, e, após a conclusão dos estudos, essa taxa é cobrada do produtor que as tem dentro de sua propriedade.

Assim como as demais famílias, o tempo de trabalho não é aquele do relógio, mas sim o da natureza. Existem dias que a família precisa acordar de madrugada para fazer a colheita das flores, por causa de algum pedido realizado. Além disso, os venenos e outros cuidados também possuem seus horários voltados para a natureza. Um relato da nora do casal é que, certa vez, quando estava grávida, precisou acordar às 4 da manhã para fazer a colheita de uma encomenda.

Mas não é apenas neste cenário que o tempo é diferente. Toninho relata que, mesmo tendo feriados e descanso da sua função na prefeitura, ainda preferiria ficar com sua família no cultivo das flores, pois ali ele sente que o trabalho é mais tranquilo, e não precisa ficar trancafiado em uma sala de escritório.

Um fato que me chamou muito a atenção é como a família deixa as crianças próximas do local de trabalho. Além de sempre estimularem eles a acompanharem no cultivo, também deixam um berço perto do local onde as rosas ficam armazenadas enquanto a mãe cuida das embalagens das flores.

Ao final do nosso encontro, a família ressaltou o amor pelo que faz, e que a intenção é tanto aumentar a produção, quanto continuar trocando experiências com outros produtores para melhorar o seu cultivo. Mesmo com 12 anos na lida, eles ainda acreditam que tem muito a aprender.

Fotografia 10 – Registros do segundo cultivo com a família Ramalho.



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 11 – Registros do segundo cultivo com a família Ramalho



Fonte: Arquivo do autor (2022).

8.6 Sexta família: Severino e Cleide Nascimento Giupato

Durante a parte da tarde do dia 12 de novembro de 2022, eu, Gabriel, e a família dos trabalhadores Severino e Cleide, que vivem na comunidade a mais de 50 anos, pudemos realizar o segundo cultivo. Fui muito bem recebido por ambos, e depois os dois me levaram para conhecer a propriedade e seus cultivos. Diferente das outras famílias, que geralmente tem foco na produção de apenas um produto, a família Nascimento Giupato produz muitas frutas,

verduras e tubérculos, ainda de maneira manual. A variedade é muito grande: maçã, uva, goiaba, nectarina, mexerica, poncã, laranja, banana, abacaxi, batata doce, café, entre várias outras. Também cuidam de frango e porco para consumo próprio. Todo cultivo é feito manual, e a maioria da produção é transformada em produto consumível ali mesmo na propriedade, graças a cooperativa na qual eles participam.

A História dessa cooperativa é fruto de muito trabalho e dedicação, não só da família Nascimento Giupato, mas também de tantas outras. Mesmo com apenas 5 anos de existência, a luta para que ela se tornasse realidade tem mais de 25 anos. A ideia era que a cooperativa ajudasse os produtores a comercializarem seus produtos, para as escolas e outras entidades da região. Mas a burocracia sempre os impediu. Mesmo com todos os fatores contra, as famílias lutaram, e hoje a Coafcam (Cooperativa Agroindustrial dos Produtos Familiares de Campo Mourão e Região) existe e atende diversas entidades, como escolas, lar de idosos, cadeias, entre outros, com mais de 70 associados.

Enquanto mostravam a propriedade, é nítido o quanto o casal possui um enorme amor e carinho pelos seus cultivos. Mesmo podendo trabalhar com uma única roça, de maneira mais automatizada e mais fácil, eles preferem cultivar seus produtos de maneira manual, desde a planta até a colheita. Hoje, na propriedade, vive apenas o casal, porque os 4 filhos moram fora. O mais velho se tornou padre e mora na Itália, a segunda filha mora em outra propriedade e trabalha com leite, a terceira vive na cidade e trabalha com estética e a última é a que ajuda mais o casal, mesmo morando fora e estudando para se formar em Engenharia de Produção Agroindustrial.

A família Nascimento Giupato enfrenta algumas dificuldades. Um dos seus maiores problemas são as propriedades em volta que utilizam veneno. A meta da família é aumentar a produção e conseguir o selo de produtor orgânico, algo que se torna inviável com as propriedades em volta. Mesmo sendo dos seus familiares, o atrito por causa da divisão de terras é presente na realidade da

família. Desde que o pai faleceu, a família se dividiu, principalmente por causa da ganância dos outros irmãos. Seu Severino relata que quase perdeu sua casa por estar próxima demais da divisa. Ele complementa dizendo que não apenas seus irmãos, mas outras pessoas que começaram a ir para a cidade voltaram com um ar de prepotência, ambição e arrogância em suas falas e no seu modo de viver. É nítido que as próprias famílias percebem o avanço da modernidade capitalista evidenciada por Benjamin, e tentam a todo custo evitá-la, resistindo com suas práticas socioculturais e compartilhando seus saberes do campo.

Enquanto andávamos pela propriedade, o casal mostrava suas estratégias para utilizar cada espaço do terreno, sem perder um milímetro se quer. Ao mesmo tempo que se tem pés de goiaba e mamão, a parte do solo também é utilizada para o plantio da batata doce. Enquanto relatava sua rotina, Seu Severino lembrava de quando colhia amendoim, de maneira manual com mais 20 trabalhadores em sua propriedade. Tal memória surgiu potencializada pelo local que estávamos, e, talvez, se fosse uma mera entrevista com perguntas e respostas, essas lembranças não seriam tão potentes. Por isso, reforço a importância de cada encontro ter ocorrido de forma a vivenciar junto com os(as) trabalhadores(as) rurais sua realidade no mundo rural.

A família também relatou suas expectativas positivas em relação a produção. O planejamento para os próximos anos é voltar com a produção da uva, e plantar outros pomares para produzir frutas cítricas. A produção de maçãs, que também traz grandes excursões para a propriedade, é uma das primeiras a se tornarem totalmente orgânicas. A família mostrou a máquina de secar café e como é o seu funcionamento. Eles relataram o medo que passaram a ter após um assalto que sofreram. Assim como a família Maiolli, a rodovia passa bem próxima da propriedade, o que aumenta o medo e a insegurança.

Ao final da visita, pude tomar um delicioso café com a família e conhecer o espaço onde a Cleide produz seus pães, bolos, doces e outros produtos a partir da produção da propriedade. Ela mostrou

seus equipamentos e relatou como os dois se ajudam mutuamente em qualquer que seja o serviço. Mesmo sendo os únicos trabalhando diretamente nas produções, a animação e a felicidade é presente em todos os relatos do casal.

Fotografia 12 – Registros do segundo cultivo com a família Giupato Nascimento



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 13 – Registros do segundo cultivo com a família Giupato Nascimento



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 14 – Foto da cooperativa



Fonte: Arquivo de Cleide Giupato Nascimento (2022).

8.7 Sétima família: Erasmo e Iraci Souza

A última família que eu, Gabriel, acompanhei durante o segundo cultivo foi a minha, no dia 12 de novembro de 2022. Falar sobre ela não é uma tarefa fácil para mim, pois todas as problemáticas trazidas nessa pesquisa nasceram enquanto trabalhava com meus pais. Antes de acompanhar meu pai no trabalho com a pecuária leiteira, conversei com minha mãe sobre como foi o processo de sair da cidade e ir para o rural. Apesar de ela não trabalhar diretamente todos os dias na lida do leite, ela ajuda em outras partes, como o trato das galinhas, dos peixes, do cuidado da horta, entre outros afazeres.

Minha mãe, Iraci, mesmo nunca tendo morado no sítio antes, já tinha ajudado minha vó na colheita do café, do milho e outros plantios em fazendas diversas. Depois dos seus 8 anos, passou a trabalhar como babá e a buscar novas possibilidades fora da roça, e, a partir daí, sempre viveu na cidade. O motivo da minha família ter ido para o campo foi por causa do roubo da carreta do meu pai, que na época era a principal renda da família. Foi quando minha mãe ficou sabendo que iria morar no sítio. Ela relata do seu sentimento de temor, amargura e raiva, pois sentia que no rural ela iria ficar sozinha e longe das “regalias” da cidade. Por muito tempo, ela carregou tais sentimentos, e, conforme foi passando os anos, percebeu o lado bom do sítio: a calma, o aprendizado dos cultivos da horta, do cuidado com os animais, e principalmente do queijo.

Modéstia à parte, minha mãe faz o melhor queijo da região. Ela relata que aprendeu a fazer com um casal que cuidava da propriedade antes de nos mudarmos. A partir de então, passou a querer fazer um queijo maior e da melhor qualidade possível. Ela relembra que, enquanto se formava na faculdade, também os vendia para as suas colegas de classe.

Com a renda do sítio e muito esforço e dedicação, minha mãe passou a estudar e se tornou professora, primeiro da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e depois da creche, na qual trabalha até hoje. Mesmo com todo aquele sentimento de revolta, hoje ela não pensa mais em sair do sítio, por causa do sossego e da boa renda gerada. Ela afirma que sua formação e dos seus filhos foram possíveis por causa da renda gerada pela família no sítio.

Depois de conversar com ela, fui acompanhar meu pai no trabalho. Foi uma sensação diferente ao fazer o mesmo trajeto que fiz por 10 anos para trabalhar com ele. Hoje, quem trabalha com ele é um empregado que também mora na propriedade. Quando cheguei, naquele dia, eles estavam começando a tirar leite.

Questionei o meu pai, Erasmo, como era quando ele tirava leite com meu vô. Ele relatou ser muito diferente porquanto era tudo manual e havia um pasto que não servia para produzir bastante leite. Ele também lembra que meu vô fazia a entrega,

trabalho exercido por 40 anos e do qual somente parou quando teve que se mudar para a cidade. Depois dos 17 anos, meu pai passou a trabalhar como caminhoneiro, e, até o momento do roubo, ele não pensava em voltar para o sítio.

Meu pai sempre gostou de trabalhar como caminhoneiro, entretanto, relata que nunca gostou das jornadas de trabalho sem folga, da pressão de fazer entregas em prazos desumanos, o estresse de não vir embora e dos acidentes na estrada. O medo fez com que ele repensasse no que iria fazer, e a solução foi trabalhar com único bem que tinha restado: o sítio.

Antes, ainda havia café na metade da propriedade, na outra, meu pai começou a produção de leite com poucas vacas. Com o tempo, os cafés foram arrancados e a produção do leite passou a ser a principal fonte de renda da família.

Primeiro, a opção escolhida foi a cana para alimentar o gado. O corte era feito manual, o burrinho levava até o triturador para que a comida fosse colocada no cocho. Depois, passou a fazer silagem de milho, sobre a qual ele relata a frustração da primeira vez: a terra que deveria cobrir o monte desceu não só uma, mas duas vezes. Por muito tempo, esse foi o principal meio de alimentação do gado, e eu e meu irmão ajudávamos no trato, até que um equipamento passou a fazê-lo praticamente sozinho com o trator. Por fim, a irrigação foi instalada e a facilidade no manejo do gado passou a fazer parte da vida da minha família. Todo o trato é feito praticamente apenas com o pasto, e, algumas vezes, é colocado silagem. A ração ainda é feita toda no triturador, manualmente, para que a nutrição do gado seja bem acompanhada.

Até chegar em tal estabilidade, meu pai relata que passamos por muitas instabilidades, provocadas por causas naturais, falta de conhecimento e até mesmo venenos que atingiram nossa lavoura e acabaram com boa parte do nosso gado. Mesmo assim, hoje ele não pensa em desistir, e a intenção é manter a produção e aumentar, na medida do possível.

Ao final da conversa, meu pai relatou como foi difícil para ele sair de uma estabilidade financeira e passar a fazer algo sem

previsão futura. Contudo, rememora também como a comunidade o acolheu e o ajudou até ganhar estabilidade novamente. Ele se recorda que, em uma época, quando ainda estava começando, teve que fazer uma cirurgia para tirar pedras do rim. Com isso, meu irmão e eu não podíamos tocar o sítio sozinho, e, durante 60 dias, um amigo da família ajudou no trabalho. Quando meu pai se recuperou e foi pagar pelos dias trabalhados, e ele disse que alguém da comunidade já tinha pago, e que era necessário pagar apenas os 10 reais da gasolina da moto. Tal relato mostra o quanto a comunidade é acolhedora, e não vê um morador novo como “um novo competidor” ou alguém a ser temido, como seria em uma realidade totalmente modernizada e capitalista. O que importa é o acolhimento e o trabalho cooperativo para ajudar um ser humano que precisa de auxílio.

Fotografia 15 – Registros do segundo cultivo com a família Souza



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 16 – Registros do segundo cultivo com a família Souza



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Todos os encontros feitos com cada família foram uma experiência única. Aprender sobre seus trabalhos, sobre suas vidas, e principalmente, sobre suas experiências no rural, foi algo que transcende esta pesquisa, e que ajuda na minha formação enquanto ser humano. Os relatos trazidos nesse livro são apenas uma pequena porcentagem de tudo que foi vivido. Após o final do encontro com cada família, deixei uma folha impressa para que todos já pudessem refletir sobre o terceiro cultivo, este que seria a primeira roda de conversa coletiva. Assim, convidamos, caro(a) leitor(a), a conhecerem as famílias dessa pesquisa a partir dos seus objetos.

CAPÍTULO IX - 3º CULTIVO: QUEM SOU EU NO ESPAÇO RURAL?

O terceiro cultivo foi o primeiro encontro coletivo durante o qual todas as famílias se reuniram na casa dos meus pais. Foram cerca de 30 pessoas nesse encontro, partilhando saberes e confraternizando. Confesso que não esperava que tantas pessoas iriam participar dos cultivos, e isso apenas demonstrou o interesse da comunidade com a pesquisa. Como já havia mencionado, por serem muitos membros de cada família, selecionamos um casal de narradores para que pudessem falar das experiências da família no campo. Mesmo assim, outros familiares sempre compartilhavam seus saberes ao longo das conversas, contribuindo e agregando cada vez mais com a pesquisa.

Nesse cultivo, convidamos as famílias da pesquisa para compartilharem suas Histórias de vida a partir de um objeto que os acompanhava no campo. Foram muitas as memórias que emergiram, as quais iam desde lembranças da infância até recordações dos dias atuais. A seguir, compartilho com vocês as imagens monadológicas criadas a partir do nosso 3º cultivo.

9.1 Família Souza

Fotografia 17 – Família Souza com a forminha de queijo



Fonte: Arquivo do autor (2022).

O MEU QUEIJO!

Eu e o Erasmo, a gente conversou e nós decidimos colocar a forma de queijo, porque quando nós mudamos aqui no sítio, nós mudamos numa situação muito difícil. Que aliás, eu tenho que me conter, porque eu sou chorona. Nós mudamos aqui a gente não sabia nem o que que ia fazer. Nós começamos com plantação de café.

Então a gente começou a trabalhar com leite, com o Erasmo produzindo. Era uma época muito difícil. Porque daí comprou as vaquinhas financiadas na época, a gente alugou o pasto em troca de uma novilha. E essa novilha estava enxertada. Não sabia nem como ia tirar o leite dela, porque ele (o Erasmo) não parava no sítio também. Naquela época ele trabalhava para fora. Então colocamos uma pessoa para morar lá

e essa pessoa começou a tirar o leite. Aí ficamos pensando: o que podemos fazer para sobreviver do leite? Porque o leite era 35 centavos um litro na época. E a produção era muito pouca, não tinha nem como sobreviver assim. E o Erasmo, na época, recebia o seguro-desemprego dele, mas não era o suficiente. Aprendi o que eu nunca tinha feito: o queijo! Já tinha uma pessoa que morava aqui, fazia queijo, mas eu nunca tinha comprado um queijo que eu gostasse. Um dia era salgado demais, outro dia não era. Às vezes tinha um sabor, outro dia, tinha outro sabor. Eu falei “Vou tentar fazer para mim ver se eu gosto do queijo, do MEU QUEIJO”. Comecei a fazer, com um pouquinho de freguês meu. Até a minha faculdade foi o queijo que ajudou a pagar um bom pedaço dela, porque era a renda que a gente tinha. Então eu fui economizando, comecei a trabalhar um pouco na cidade também, e daí o queijo foi meio que balanceando as dívidas da casa. O Erasmo produzindo leite, os meninos ajudando também a tratar do gado. Fazer o trato que era tudo manual na época. Era tudo na mão. Cortar cana na mão, cortar napiê na mão e assim foi errando e aprendendo com o leite. Estamos na luta do leite até hoje. (...) Eu saía com 18 queijo para vender e pedia para Deus não voltar com nenhum. Hoje não precisamos da renda do queijo para sobreviver, mas ele ajudou meus filhos a se formar, o Robson que não mora mais aqui, o Gabriel que está se estruturando, então essa é nossa História.

Iraci Souza

O pessoal da comunidade nos ajudou muito

Agora aqui no sítio quando a gente veio para cá, veio de um roubo do caminhão. Não tinha um emprego, não tinha conhecimento de nada aqui, e aí que foi adquirindo conhecimento. O que ajudou muito a gente foi o pessoal da comunidade aqui, o Dorva, o Bituta também passou muito veneno para mim. Teve até uma vez que ele passou e falou para pagar ano que vem, e eu falei “Não. Tem que ir pagando, pra ser honesto” A gente trabalhou. Bem honesto, bem certo. E com isso a gente conseguiu um tipo de crédito com o pessoal. Estamos aqui, não tem confusão, não tem problema. E a gente agradece muito. O pessoal também que apoiou a gente

lá atrás, né? Porque quando tava bem ruim, rapaz, se eu tivesse que emprestar dinheiro para mim mesmo, eu não emprestava não. Mas o pessoal daqui deu uma forcinha boa, graças a Deus.

Erasmu Souza

9.2 Família Nascimento Giupato

Fotografia 18 – Família Nascimento Giupato com a amarradeira de uva



Fonte: Arquivo do autor (2022).

A amarradeira de uva (e de outras frutas também)

(...) Eu trouxe aqui esse objeto que é um dos objetos que há mais de 30 anos que eu já uso ele. A gente amarra a uva, amarra tomate, amarra feijão. Tudo que é pra amarrar é com ele. Então, isso é uma peça que é de muita utilidade para gente, porque quando nós começamos no plantio da uva, a gente amarrava com paia. E isso demorava, que, pelo amor de Deus! Depois de adquirir a amarradeira de uva ela faz o trabalho de 20 pessoas.

Coisa muito útil para a gente, até hoje nós utilizamos. Nesses tempos nós arrancou a uva velha porque já estava passando do ponto, perdendo. Os ramos secando. E a gente resolveu arrancar e fazer brotinho novo. Aí já comecei esse ano, fazer o plantio novo, e agora o ano que vem vamos fazer a outra parte. E assim a gente vai cultivando. Já amarrei muito tomate com ela também. Muito feijão de vagem também. Estamos aí, graças a Deus.

Cleide Nascimento Giupato

E a gente? Como fica?

Minha lavoura está sofrendo muito, é tudo manual, esse é o problema. Meu problema é isso aí. Tem gente que o maquinário é direto, o meu é tudo manual. O cara sabe que não pode passar veneno, vai lá e passa. Não avisa. E como a gente passou a buscar o selo de produtor orgânico, esse problema fica pior ainda. A gente começou já no começo do ano, fazer orgânico, para que a nossa fruta fosse orgânica. Na cooperativa que a gente trabalha, até 2030 quem não tiver orgânico, não vai entregar mais nada até para a prefeitura e para merenda escolar. E como a gente questiona a pessoa? Eu chego nela e falo “eu preciso trabalhar”, e ele responde “mas eu também”. E como fica?

Severino Nascimento Giupato

9.3 Família Ramalho

Fotografia 19 – Família Ramalho e a tesoura para poda e colheita de rosas



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Eu sempre quis fazer algo diferente...

Hoje o objeto são essas tesourinhas. Essa é para poda e essa para colheita. Antes das rosas, nós pensávamos em ter alguma atividade diferente, eu sonhava em ter alguma coisa para ela (a esposa) tocar. Eu queria ter um negócio próprio. Algo pra falar assim “Esse é o meu negócio!” Ai o Toninho acabou sendo eleito lá no sindicato. E começou a sair, e nessas saídas dele foi para Apucarana e lá ele viu estufas de violeta. Aí chegou comentando que tinha descoberto o negócio que eu queria: era as flores. Começamos a pesquisar e tudo que abria e era mostrado, era rosa. Era o negócio que eu queria montar: as rosas. Parece que era a hora, que até o Globo rural naquela época fez reportagem sobre rosas. Eu falei, ó, vamos buscar aí, vamos pesquisar em Cianorte, tinha o seu. Júlio e a

Márcia, o japonês lá que tinha uma pequena plantação de rosas. Fomos procurar ele e ele gentilmente nos atendeu, e ensinou tudo o que ele sabia, até as formas de conseguir as mudas. Convidou nós para ir para Holambra também, só que até então ele falava assim “Nunca começa com muitos pés”. Mas nós começamos e mantemos a produção até hoje, sempre querendo aumentar pois sempre está faltando.

Toninho e Aparecida Ramalho

Quem ousa compartilhar seus saberes do campo?

E uma das coisas também que a gente carrega conosco, que o japonês, o pessoal de Andradas passou para nós, é que maioria dos produtores de rosa em Holambra e lá em Andradas, eles não têm o hábito de abrir pra visita, porque é uma empresa. Geralmente, nós visitamos propriedade lá, que tem 200 funcionários, então o dono liberou a visita rápida lá, muitas coisas não passam pra gente. Só que o que a gente aprendeu com aquele casal de japonês ali, de Cianorte, o seu João lá de Atibaia, tudo que o seu João sabia, ele ensinou para nós, o seu Júlio da mesma forma. Então a nossa propriedade sempre está aberta pra excursão. Veio excursão até lá da Lapa. O pessoal vem fazer visita e tudo que a gente sabe e aprendeu com os outros, a gente passa para os outros também, porque eu acho que é até injusto. Eu acho que o Sol brilha para todos e a gente também não pode ficar escondendo de passar a informação boas para as pessoas. Então foi isso que a gente aprendeu com as pessoas de fora e a gente também passa para os outros.

Toninho e Aparecida Ramalho

9.4 Família Maiolli

Fotografia 20 – Família Maiolli e o sapatão



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Eu carço o sapatão pra tudo!

Eu trouxe um sapatão, sabe? Eu nem vou abrir porque se não... vai desmaiar todo mundo. Eu comecei a analisar assim as coisas e até comentei com o Luíz Malaco que eu ia trazer uma enxada. Aí eu comecei a pensar “Eu vou fazer cerca, eu carço o sapatão”, “Eu vou fazer ração, eu carço o sapatão”, “Vou tratar dos bois, eu carço o sapatão”. Então é muito mais companheiro que a enxada. Então por isso que eu trouxe ele, que eu acho que é o meu objeto. Daí no caso eu trouxe o meu, mas também poderia ter trazido o dela. (se refere ao sapatão da esposa).

Celso Maiolli

Nunca me esqueço da sardinha seca!

Aí nós pegamos um café muito ruim, deu a geadada de 75 e o café ficou abandonado no meio da quiçaca. Em 77 nós pegamos, mas daí teve que roçar aquilo tudo, enlerá tudo pra esse café sair. Demorou uns 4 anos para produzir. No segundo ano, a coisa foi braba. Porque daí o meu pai não podia mais dar nada de comer, porque eu tinha que trabalhar algum dia pra fora para comprar alguma coisa. Eu não esqueço que a Inês engravidou, não pôde me ajudar mais. E o negócio é o seguinte, aquela sardinha seca que nunca mais eu esqueço. Sério mesmo, era ovo frito, sardinha seca e frango. Mas na verdade, era a mistura mais barata era aquela sardinha seca, sabe? Tinha que colocar toda noite na água, pra tirar aquele sal e fritar no outro dia. Era sardinha frita e ovo frito.

Celso Maiolli

Eles pararam com a gente...

Sobre o aviário, na verdade, eles que pararam a gente. Era um aviário pequenininho, 1000 metros e aí enquanto só tinha pequeno no ramo, “nois servia”, você entendeu? Aí depois entrou um monte de fazendeiro, muito cara grande. Tudo de exaustor, placa, tudo automático. Aí ele (as empresas) começou a exigir: arruma ou para! Chegou até numa fase que eu fiquei doente. Entrei numa depressão terrível. Para dar prontinho em 2015, o cara pediu 150000 mil. E naquela época! Eu quando vi que não tinha mais jeito, eu já estava doente e fui obrigado me tratar. Eu acabei falando para eles que eu ia parar mesmo. Aí pronto, eles pararam de me prejudicar, porque era assim: o meu frango, podia estar bom, mas o resultado era ruim, parece que eles invertiam o resultado. E aí o técnico fazia o seguinte, ele pegava os aviários da região, chegava mostrando pra mim, só pra pisar em mim. E eles não achavam “pé para me cortar”. Quando chega 2015, que já tinha falado para eles que eu ia parar, aí eu tirei 4 safras ainda. Eles me pagaram tudo o valor certinho. Eles pararam de me prejudicar, mas foi a época que eu mais ganhei dinheiro. E mais gastava. Meu aviário era 600 m, só aumentei para 1000 m. Eu já fiquei

devendo. Em 2009 eu até fui atrás do banco pra fazer o aviário maior. Não dava pra pedir um avalista pra isso. Tava tudo certo, mas daí ela não disse que precisava de um avalista. Foi a mesma coisa de jogar um balde de água fria num palheiro pegando fogo.

Celso Maioli

9.5 Família Malaco

Fotografia 21 – Família Malaco com a enxada



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Esse objeto todo mundo conhece

A gente também casou em 84, Evanir morava aqui e eu lá no Pinhalzinho. A gente foi pra lá plantando para os outros. Plantava algodão. E lutamos na vida. Comecei a plantar aqui, aí meu sogro

convidou para nós vir para cá. Viemos para cá e comecei a trabalhar para ele, a gente plantava a terra e trabalhava na família para ele. E fomos tocando essa vida, eu e Evanir lutando sempre. E eu estava vendo um sapatão do Celso aí, não é? Na época o meu tinha um dedo saindo pra fora. Era difícil pra comprar um memo. E foi uma luta porque a gente começou a plantar lá no algodão. Era eu e a Evanir que ia catar 5 arroba, de joelho e com dor das costas. E sempre a enxada foi uma das companheiras. A enxada e o animal com armação atrás.

Luiz Malaco

As grandes empresas engoliram os pequenos

Veio uma imagem na minha cabeça. Quando eu puxava na farinheira, de dezembro em diante, a gente não ia mais pra roça, a gente ia tirar a lenha, pra farinheira. Cortar de motosserra, aquela lenha, e metia fogo. Trazia e empilhava tudo ali em volta da farinheira e depois começava a safra. Não é que nem hoje, plantio direto, tinha uma temporada que começava. E eu lembro que eu ficava à noite sozinho torrando farinha. Era na enxada. Puxava a massa, lá pra dentro do forno. Vai pegando a prática, você sabia o ponto certo de tirar. Então a gente teve um conhecimento muito grande aqui, e foi evoluindo. Quando chegamos aqui, eu lembro que a mandioca caía no chão. O cara puxava tudo na enxada, ele lá no rapador, e esse rapador tocava e caía aquela casca no chão, tinha que juntar de enxada e pegar com uma pazinha, jogar numa carretinha que estava no lado ali e depois ia espalhar na roça que esparramava todo dia na roça. Aí quando nós fizemos uma mudança, já fizemos uma rampa para jogar essa mandioca que já era basculante. Já fizemos o rapador maior, corria mandioca direto ali. A casquinha, já caía direto na carretinha lá fora, mas ninguém botava a mão, tirava tudo a motor e é uma coisa que melhorou muito. Mas aí rapaz, aí veio as grandes indústrias. Engoliu os pequenos. Eu acredito que a gente parou na hora certa. Porque se continua não ia conseguir do mesmo jeito. Alguns investiram por aqui e não conseguiu. Parou a farinha, mas a gente continuou na mandioca.

Luiz Malaco

A turma era feliz e cantava no meio da roça

A gente está falando do plantio, mas tinha a colheita também. O cara não ia lá na cidade, enchia um caminhão de gente para arrancar mandioca, não era. Os vizinhos, juntava, trocava dias, e tudo na mão. E tudo feliz, não é? A turma cantava no meio da roça.

Luíz Malaco

9.6 Família Giupato Bassani

Fotografia 22 – Família Giupato Bassani com uma teteira de ordenha



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Era só falar “rainha” e a gente tinha que ir correndo pra escola

Como a História de todos nós, também não foi fácil, não é? Desde lá do começo, nós não mexemos com mandioca, mas logo no café. Desde criança, lá nós era pequeno, com 8 ou 10 anos, já estava lá de baixo limpando os troncos dos pés de café para o pai. Eu lembro. Tinha o padre

lá que fazia aquele programa no meio do dia. Padre Victor. Nós éramos pequeno, mas a gente sabia quando ele falasse “rainha”, que era o final da Consagração de Nossa Senhora, tinha que sair correndo pra ir na escola, se não, não dava tempo nem de tomar banho direito. Muitas vezes o último que ficava sem banho. Éramos em 5. Então, o primeiro que tomava banho e saía, os outros, nem banho direito tomava, saía tudo correndo descalço.

Dorva Giupato Bassani

9.7 Família Bassani

Fotografia 23 – Família Bassani com um tambor simbolizando o tambor de 50 litros de leite



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

A gente ainda tem a lembrança de quando começou

E esse tamborzinho a gente já ergueu muito. Chegava à tarde, tirava leite, tinha uma caixa que resfriava. A gente tirava o leite, e carregava um

saco de farelo nas costas. E daí os homens, as vezes eles não estavam para ajudar a gente começar a tirar, eu e a Cláudia tinha um lugar que a gente carregava o saco de farelo. E pnhava na escadinha, para apoiar as canequinhas para as vacas comer e depois ia guardar o leite. Às vezes eles não estavam por ali, nós carregava os tambores de 50 litros. Ali a gente colocava dentro de uma caixa de água gelada que ficava até no outro dia, quando o caminhão vinha para buscar, quando chegava de manhã aí eles pegavam. Pnhavam numa tábua que tinha pro caminhão encostar do lado e levar o leite. E hoje eu tenho um amigo que fez uma lanchonete e ele cortou um tambor desse de 50 e pôs metade na decoração. Daí quando eu cheguei lá eu me identifiquei. Mas a gente ainda tem a lembrança de quando começou, e hoje, eu e o Nilson tem praticamente nós dois vivendo. Eu as vezes não conhece todas (as vacas), e ele conhece todas. E a gente tá aí, graças a Deus conseguimos muitas coisas.

Josi Bassani

O trabalho mantém a família unida

A gente ficou ali pra manter a família unida. O Reginaldo agora faz 3 anos que foi embora, mas a gente ficou por causa dos nossos filhos, nossos sobrinhos, e para eles aprenderem também. Hoje o Rodrigo está ali com a gente. Ele não quis estudar, mas trabalha ali com a gente. Não gosta muito do leite, tem dia que vai meio emburrado. Tem a Beatriz que está agora também. Quando a pandemia veio aí parou de estudar. Aí quando começou a. pandemia queria dinheiro, como disse o pai dela “Se quer dinheiro, você tem que trabalhar”, e ela disse “que que eu vou fazer aqui no sítio?”, “vai ajudar a tirar o leite agora na pandemia”. E agora ela voltou a fazer veterinária. O leite é difícil, mas eu gosto. Às vezes eu abandono o serviço de casa pra ficar lá no meio com eles. Mas ficamos no leite principalmente pra manter a família unida.

Josi Bassani

Dialogando com as mônadas do 3º cultivo, é possível perceber, o carinho, o amor e a admiração que cada família tem com a sua vida no campo. Diante das dificuldades, a vontade de resistir é maior, e o que vemos nas memórias de cada trabalhador(a) rural é uma potencialidade imensurável. Mesmo trazendo algumas perguntas para nortear a roda de conversa, tudo fluiu naturalmente, e os trabalhadores(as) rurais dialogaram entre si, com narrativas que saltavam do indivíduo e encontravam espaço na coletividade.

Ao refletirmos sobre as mônadas “O MEU QUEIJO!”, da família Souza, “A amarradeira de uva (e de outras frutas também)”, da família Nascimento Giupato, e “Nunca me esqueço da sardinha seca!”, da família Maiolli, é possível perceber que os objetos escolhidos por eles atravessam momentos de dificuldade, que exigiram muito esforço e dedicação para manterem sua sobrevivência no campo. Não estamos aqui “embelezando” ou “glorificando” uma história de luta e superação, longe disso. O que queremos destacar é que, mesmo com tantas imposições e dificuldades advindas da modernidade capitalista, seja na mônada da trabalhadora Iraci, que sustentou seus filhos a partir da forminha do queijo, ou da trabalhadora Cleide, que viu na amarradeira de uva uma oportunidade de melhorar seu trabalho, ou até mesmo na mônada do trabalhador Celso, que jamais vai esquecer da sardinha seca em um dos momentos mais difíceis da sua vida, o que temos são formas de resistir. As lembranças que emergiram não são para reclamar ou se martirizar, mas sim, como uma fala de esperança para viver cada vez melhor nesse mundo rural que parece se esfacelar cada dia mais.

Mas nem tudo pôde se manter no campo da mesma maneira que as famílias nos trouxeram. Nas mônadas “E a gente? Como fica?”, da família Nascimento Giupato, “Eles pararam com a gente...” da família Maiolli, e “As grandes empresas engoliu os pequenos”, da família Malaco, podemos perceber como, em alguns aspectos, a modernidade capitalista avançou de maneira tão rápida que nem os trabalhadores conseguiram resistir. No caso da

narrativa de seu Severino Nascimento Giupato, vemos que os cultivos da roça pedem cada vez mais agrotóxicos, com alimentos pouco saudáveis e que o impedem, na sua própria propriedade, possa cultivar alimentos orgânicos mais saudáveis. Essas imposições nos mostram como a ideia de meritocracia trazida pela individualidade da modernidade é uma ideia falha, pois, se dependesse unicamente de seu Severino, ele estaria cultivando seus produtos de forma orgânica a muito tempo.

Um caso parecido é visto na narrativa de Celso Maiolli, na qual ele conta, com muito orgulho, que era dono de uma granja que tocava com a sua família. Porém, eles eram cobrados para intensificar cada vez mais a produção, independente das dificuldades que lhes eram apresentadas. A cobrança era tanta que até mesmo mentiam sobre a qualidade de seus produtos. O que faz um ser humano mentir para o seu próximo? A ganância, a soberba, a individualidade de querer crescer nas custas dos outros trazidas pelo advento da modernidade? Devido a tantas imposições, a família Maiolli não pôde mais continuar com seu trabalho com o aviário, e por isso, hoje, apenas o casal de aposentados sobrevive na comunidade.

O mesmo caso ocorre na narrativa de Luiz Malaco, que compartilhou como as “grandes indústrias” acabaram com os pequenos proprietários. Mesmo ele conseguindo ter saído a tempo de não ser prejudicado, reconheceu que essas imposições em relação à produção prejudicaram a vida de muitos pequenos proprietários, impossibilitando que mantivessem suas pequenas indústrias. Nessas mônadas flagradas, vemos um avanço avassalador da modernidade capitalista de forma que os trabalhadores(as) rurais não tiveram nem algum tempo para se reinventar.

Entretanto, não foram apenas narrativas de perda e sofrimento. Também flagramos resistências ao longo do nosso 3º cultivo, afinal, é “no interior das sensibilidades modernas, não necessariamente negando as potencialidades que a modernidade apresenta, mas buscando ou construindo brechas que fomentem

outros sentidos da produção de conhecimento” (CUNHA, 2016, p. 66). Dentre essas brechas, podemos dialogar com as mônadas “O pessoal da comunidade nos ajudou muito”, da família Souza; “Quem ousa compartilhar seus saberes do campo?”, da família Ramalho; e “O trabalho mantém a família unida”, da família Bassani. Nessas mônadas, é possível perceber que todas as famílias buscam, a todo modo, resistir e reconstruir saberes, práticas socioculturais e até mesmo relações coletivas em comunidades.

Na narrativa compartilhada pelo trabalhador Erasmo Souza, percebemos o quanto a comunidade foi importante em sua vida, pela ajuda e pelo acolhimento em um momento tão difícil. Aqui percebemos que a individualidade não tem espaço na comunidade, o que se faz presente é o espírito de coletividade e cooperação compartilhados por todos. O morador, que havia chegado recentemente, não é visto como um “competidor”, mas sim como um membro do coletivo que precisa de auxílio.

Na rememoração do trabalhador Toninho Ramalho, percebemos uma forma de resistência, pois ele mostra que não se deve deixar o conhecimento fechado e controlado em um único lugar. Quando um saber é adquirido, ele deve ser compartilhado, sem qualquer imposição ou pedido de algo em troca. Diferente das grandes empresas citadas por Toninho, o que temos na comunidade é o compartilhamento de saberes coletivos, que se tornam um bem de toda a comunidade, e não apenas de uma única pessoa. Quem ousa ser, em tempos tão individualistas, o narrador sedentário trazido por Benjamin que compartilha seus saberes, sem pedir uma permuta?

Na narrativa da trabalhadora Josi vemos outra forma de resistência, dessa vez mostrando que o trabalho, que é tantas vezes impedido de ser praticado pelas imposições da modernidade capitalista, aqui se torna o elo que mantém a família unida. Graças ao trabalho coletivo exercido por eles, são poucos os membros que foram embora, pois o que é compartilhado por todos é a ideia de se manter na comunidade, e não por causa da facilidade ou da produção que gera um grande lucro. Ao invés disso, trabalhadores(as) rurais se mantêm no campo pelo seu amor pelo espaço rural pelo seu

sentimento de pertencimento, pela comunidade e por seu modo único de viver e experienciar a vida.

Além das narrativas de resistências, também temos histórias de vida que são atravessadas pelos objetos. Nas mônadas “Eu sempre quis fazer algo diferente...”, da família Ramalho; “Eu carço o sapatão pra tudo!”, da família Maioli; “Esse objeto todo mundo conhece”, da família Malaco; “Era só falar “rainha” e a gente tinha que ir correndo pra escola”, da família Giupato Bassani; e “A gente ainda tem a lembrança de quando começou.”, da família Bassani, temos memórias que são atravessadas pelo presente e pelo passado de quando ainda eram crianças. São narrativas que fluem entre passado e presente, sem ter um ponto fixo para repousar., um encontro de temporalidades. São memórias individuais atravessadas pelo coletivo da comunidade, em que todos, em algum momento, viveram algo parecido, seja em sua vida na comunidade ou no trabalho do campo. São histórias de vida narradas a partir do lampejo trazido e potencializado pelos seus objetos, sem uma narração mecânica do tipo “Oi, eu sou fulano e vivo assim”, mas uma narrativa que de fato carrega as experiências individuais e coletivas de cada família.

Gostaria de finalizar as reflexões do 3º cultivo com a mônada “A turma era feliz e cantava no meio da roça”, da família Malaco. Nela também enxergo o espírito que ainda resiste no campo: o da coletividade, da cooperação mútua, e principalmente, da felicidade. Todas as famílias presentes nessa pesquisa são alegres por viverem no campo, e fazem questão de deixar transparecer isso nas suas memórias, não desconsiderando seus conflitos, suas dificuldades e lutas do dia a dia. Como Tuan (1983) é o sentimento de pertencimento ao espaço rural, que somente pode ser adquirido por aquele que se fixa em um lugar e que pode perceber seu enraizamento. Convidamos, caro(a) leitor(a), a passear pelas imagens do 3º cultivo.

Fotografia 24 – Registros do terceiro cultivo, a primeira roda de conversa coletiva



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 25 – Registros do terceiro cultivo, a primeira roda de conversa coletiva



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 26 – Registros do terceiro cultivo, a primeira roda de conversa coletiva



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

CAPÍTULO X - 4º CULTIVO: AS MEMÓRIAS RURAIS POR MEIO DAS IMAGENS

O quarto cultivo foi realizado na casa da família Bassani, com a presença de 25 pessoas. Apenas a família Ramalho precisou se ausentar nesse dia, pois estavam ocupados ajudando na festa de aniversário da cidade. Mesmo assim, fizeram questão de enviar suas contribuições via WhatsApp para compartilhar com as demais famílias.

O cultivo foi dividido em dois momentos: no primeiro, eu trouxe a fotografia de trabalhadores em cima de um caminhão em Araruna, em 1957, e a pintura “Festa de São João”, para refletir junto aos(as) trabalhadores(as) sobre as festas que ainda resistem no campo, e como a tecnologia chegou para ajudar e ao mesmo tempo para afastar as famílias. No segundo momento, cada família trouxe fotografias que falassem dos festejos, dos encontros e das celebrações que eles viveram, para estimular as práticas de rememoração na comunidade. Nas palavras de Cunha, durante os encontros, a partir das fotografias:

Esperava-se que os participantes adensassem reflexões e indagações iniciadas anteriormente sobre os impactos das transformações físicas das cidades na percepção do tempo e do espaço e nas relações sociais (BENJAMIN, 1995; 2006). E se esperava, sobretudo, que avançassem discussões sobre as mudanças na forma de percepção humana potencializadas pelas inovações técnicas (BENJAMIN, 1994) (CUNHA, 2018, p.91).

A fotografia, como já evidenciado anteriormente, não foi utilizada como fonte da História, mas sim como um meio potente para surgir múltiplas possibilidades de leitura. Agora, com tais

reflexões realizadas, convidamos, caro(a) leitor(a), a apreciarem as imagens monadológicas do 4º cultivo.

Fotografia 27 – Foto de trabalhadores rurais em cima de um caminhão em Araruna



Fonte: Arquivo da Casa da Cultura de Araruna (1957).

Figura 2 – Pintura “Festa de São João”



Fonte: Mara D. Toledo (2016).

As imagens foram escolhidas pelo sentido que cada uma pode evocar no seu observador. Na primeira, o caminhão nos lembra de momentos de união em comunidade, mesmo que para realizar o trabalho árduo. Hoje, o veículo é tão comum que já faz parte do cotidiano de todas as famílias do campo. Já a segunda é uma pintura que nos faz questionar: onde estão nossos festejos em comunidade? Qual foi a última vez que vimos um encontro como esse? Será que podemos voltar a celebrar em comunidade? São questionamentos e incertezas que poderão ser vistas na mônadas a seguir.

A família ainda mantém essa tradição

Mas gente, a família do Nilson ainda carrega essa tradição. Não se faz igual está aqui na pintura, mas faz o terço, se reuni pra dançar quadrilha, faz fogueira. Então eles ainda seguem a tradição. A família dele sempre faz a festa de Santo. Antônio. E agora, às vezes não dá muito certo. Mas antes de acabar as festas, eles pegam um final de semana para se reunir e fazem.

Josi Bassani

Eu lembro das batatas assadas debaixo da fogueira

Passava na fogueira a meia-noite, pulava as brasas. Nós lembra da Igrejinha lá e as barraquinhas, que tinha no Lirial. Batata assada na fogueira. Eu tinha um vizinho lá que enchia de batata doce embaixo dessa fogueira e depois que acabava tudo aquelas batatas, tudo assado, ele puxava aquele braseiro, primeiro o pessoal andava por cima, depois puxava aquele braseiro e comia tudo as batatas doce, tudo assadinho e “dele” chá e café. Aquela época, oh se era divertido, rapaz, era muito divertido. Só que eu nunca tive coragem de passar em cima das brasas. Eu nunca tive, rapaz, tinha os caras que andava por cima daquilo que não sei como que não queimava.

Celso Maiolli

Agora é só internet e televisão

Foi só apagando a memória do povo essas festas. Acho que primeiro é falta de coragem, tempo, ninguém tem mais tempo pra fazer as coisas. Tudo correndo, ninguém se disponha mais. Agora é só televisão e internet.

Cleide e Severino Nascimento Giupato

Tinha uma simbologia em torno da festa

E os costumes que se tinha também. As pessoas antigas, alguém fazia, que nem o Tabaquini, ele fazia a de São João, porque ele tinha o pai dele. Que nem no Nilson era Santo Antônio, então tinha aqueles costumes (de homenagear o santo com nome na família). Alguns foram levando, porque hoje aqui a gente eles fazem lá ainda. Só que a gente vê que a meninada, os nossos sobrinhos, o meu filho, eles veem a festa diferente. Quando a gente ia com nossos pais, a gente via que era assim, era uma festa, mas tinha também uma simbologia. Tinha um sentido, um significado do por que você estava lá. Era um costume, uma devoção por aquele santo, que foi se acabando, não é?

Josi Bassani

Alguns costumes a gente vai esquecendo

Alguns costumes que foi se acabando e a gente sente falta. A gente não foi levando igual a gente aprendeu com as pessoas mais antigas. E que nem a Cleide falou “Ah, hoje eu não posso, eu não vou fazer” e vai passando. Quando você vê passou um ano e vai esquecendo.

Josi Bassani

A gente sente falta disso

A mesma coisa foi as Capelinha. No tempo meu de criança a Capelinha chegava na nossa casa, assim, a família, o pessoal, vinha tudo trazer. Chegava na minha casa, rezava o terço. No outro dia o pessoal vinha, passava ali, pegava a Capelinha, ia todo mundo pra casa do vizinho. Todo mundo rezava lá. No outro dia, a mesma coisa e o pessoal acompanhavam. Não era uma coisa que eu levo na casa do outro e pronto, não. E era bonito. E hoje, que nem a gente tá dizendo, a gente sente falta disso.

Maria Inês Maiolli

Veio a tecnologia e o pessoal se acomodou em casa

Ele falou da quadrilha, aqui no Lirial tinha sempre. Chegou uma época que não achava mais casal. E o que nós fizemos aí? As mulheres, umas vestida de homem e outras de mulher. A Josi foi uma e eu também. Aí dividia: uma turma de mulher e uma turma de homem. Ainda fizemos assim uns 2 anos. E dava gente e o pessoal se divertia, fazia quermesse, aí tinha pipoca, tinha as coisas lá tudo, né? Você vê hoje a gente não faz mais isso.

Maria Inês e Celso Maiolli

Hoje está muito fácil e tem muita coisa

Eu acho que hoje tudo ficou muito fácil. Antigamente, para se ter um refrigerante era um sonho, era isso que fazia você ir, porque não tinha tanto. Hoje está muito fácil e tem muita coisa.

Erasmus Souza

O trabalho era feito em comunidade

E eu lembro que o cara colhia café com a sua família e colocava na tua. Mas o dia de carregar o caminhão, as vezes tinha que chamar os vizinhos, pra poder carregar. E sempre era unido, um dava a mão pro outro, e carregava esses caminhões. Era até menor os caminhãozinhos, era uns caminhão Perkins que vinha buscar. E a gente carregava e saía. E daí lá era diferente. Tinha os compradores de café na cidade, uns 3 ou 4. Eu lembro que o pai ia nos 3 ou 4 pra vender. As vezes passava em um, deixava a amostra pra ver quanto dava de renda. Ia no outro, via quanto o cara pagava. E depois ia no outro, quem pagasse mais ele vendia. E era mais ou menos assim que funcionava.

Luiz Malaco

Quando terminava a colheita de um, já ia colher do outro

A gente até tava comentando esses dias. Quando ia arrancar mandioca, não se pagava dia de serviço, juntava família pra um poder ajudar o outro. Se o Dorva fosse arrancar a mandioca dele e vai uma semana, então vai todo mundo ajudar o Dorva a arrancar mandioca. Ai com aquela turma terminava a colheita, na semana que vem vai arrancar de fulano, ia todo mundo pra lá. E hoje não. Os maquinários facilitaram muito. Praticamente todo mundo tem, né? Que consiga fazer o seu trabalho sozinho. O Dorva ainda tem a turma dele que faz a silagem, sempre tem um ou outro fazendo. Mas isso mudou muito, eu lembro aquele tempo, eu era criança, aqui pra cima, na época do café, você dava um grito aparecia uns 50 gritando de tanta gente trabalhando no café. E tudo isso mudou muito. Facilitou muito, mas acabou também essa maneira de ajudar, de união.

Josi Bassani

A comunidade sempre está disposta a ajudar

A gente falando de roça, me fez recordar uma coisa quando eu era criança. Minha tia teve uma criança com aquele problema lá de perder o juízo. Eles tinham que levar ela para Maringá, e não tinha ninguém. Não me lembro quem era, era uma pessoa de caminhão, daí vieram. Nós ficamos sondando e escutando de perto, minha mãe não deixava a gente ficar perto porque ela não falava coisa com coisa. Ela ficava internada em Maringá, no sanatório. Daí eles amarraram um lençol em cima do caminhão. Foram emendando os lençol, colocaram um colchão embaixo, e foi 2 homens em cima e o motorista, foram para Maringá, levar ela pro sanatório. Um caminhãozinho azul desse, eu vejo perfeitamente como era.

Maria Inês Maiolli

Na primeira parte do encontro, foram compartilhadas as lembranças que cada família teve ao entrar em contato com as fotografias trazidas por mim. Refletimos sobre como as práticas socioculturais locais realizadas vêm desaparecendo cada dia mais, e como a tecnologia está atrelada a essa realidade. Durante o diálogo, ficou nítido a dificuldade de separar os benefícios que a tecnologia trouxe para o campo e como ela também afastou o modo de vida das famílias com suas “facilidades” e provocando a individualidade.

Nas mônadas “Agora é só internet e televisão” da família Nascimento Giupato; “Veio a tecnologia e o pessoal se acomodou em casa”, da família Maiolli; e “Hoje está muito fácil e tem muita coisa”, da família Souza, é perceptível como os(as) trabalhadores(as) rurais identificam a tecnologia como uma das responsáveis pelo “apagamento” das práticas culturais que eram realizadas no campo. Tudo que discutimos anteriormente, sobre a modernidade adentrando a vida das pessoas da cidade, também chegou para os moradores do mundo rural. Mas, como os(as) trabalhadores(as) rurais vem resistindo a esse apagamento?

Nas mônadas “A comunidade sempre está disposta a ajudar”, da família Maiolli; “Quando terminava a colheita de um, já ia colher

do outro”, da família Bassani; e “O trabalho era feito em comunidade”, da família Malaco, temos o espírito de coletividade que existia na comunidade e cada vez mais vem se perdendo com avanço da tecnologia. Tais narrativas foram potencializadas pela imagem do caminhão, algo tão raro naquela época e que hoje faz parte da vida particular de cada família. Algumas famílias ainda mantêm esse espírito de unidade, resistindo e mantendo a união e o trabalho coletivo, mas algumas não tiveram a oportunidade e acabaram se distanciando dessa coletividade e até mesmo indo embora da comunidade. Mesmo assim, é perceptível o quanto as famílias rememoram com muita afetividade.

Nas mônadas “Eu lembro das batatas assadas debaixo da fogueira”, da família Maiolli, e “Tinha uma simbologia em torno da festa”, da família Bassani, percebemos as mudanças das festas nas memórias dos(as) trabalhadores(as). A rememoração das batatas do trabalhador Celso Maiolli parece algo muito simples, mas é carregado de muitas emoções na fala do morador. A saudade, o carinho e o apreço obviamente não são pelo simples sabor da batata, mas pelo momento de união em comunidade. Na narrativa da trabalhadora Josi, percebe-se o quanto os significados em torno da festa mudaram ao longo dos anos. Podemos destacar aqui a noção de cultura trazida por Thompson, o qual afirma que “certas formações sociais não obedecem a uma lei, nem são os efeitos de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo” (THOMPSON, 1981). Passado, presente e futuro fluem dentro do espaço cultural e os sujeitos presentes nesse processo criam significados para suas práticas.

Também flagramos nas mônadas o esquecimento imposto de determinadas práticas, não aquele esquecimento “saudável” evidenciado por Benjamin, mas aquele forçado pela modernidade capitalista. É possível notar tal esquecimento nas mônadas “Alguns costumes a gente vai esquecendo”, da família Bassani, e “A gente sente falta disso”, da família Maiolli, quando as moradoras compartilham em suas rememorações uma perda das práticas

socioculturais, desde festas até encontros simples em comunidade. Como nos mostra Jaquete, inspirado em Thompson:

O deslocamento das populações do campo para a cidade em busca de trabalhos nas fábricas desestabilizou significativamente as bases que sustentavam os povos e comunidades tradicionais rurais, pois muitos deles foram desenraizados dos modos de viver, pensar, sentir e dizer. O ouvinte ao não se reconhecer naquilo que é narrado rompe com o fio da História que liga o passado e o futuro. Os sentidos passam a ser controlados como nos movimentos das máquinas, por meio de uma vida acelerada, assentada num tempo fugaz e efêmero (JAQUETE, 2023, p.61).

Essa perda, sentida pela comunidade, acaba refletindo na vida dos(as) trabalhadores(as) rurais, que buscam formas de ressignificar e trazer novas maneiras de manter tais práticas ou ressignificá-las à luz do presente.

Finalizamos com a mônada “A família ainda mantém essa tradição”, da família Bassani, na qual é possível ver uma forma de resistir em meio aos avanços tecnológicos e às “mordomias” oferecidas por eles. Por mais difícil que seja reunir a família, pela “falta de tempo”, pelo trabalho corrido ou por outros motivos, eles sempre buscam manter sua tradição de comemorar a festa junina no meio do ano. Na mônada da família Bassani, percebemos a vontade da comunidade de manter suas relações coletivas, seus encontros, seja religioso ou de amizade.

No segundo momento do quarto cultivo, cada família trouxe suas fotografias para dialogarmos sobre seus momentos na comunidade. São tantas experiências vividas que, mesmo pedindo para que trouxessem apenas uma fotografia, alguns não resistiram e contribuíram com outras. Convidamos, caro(a) leitor(a), a lerem as mônadas da segunda parte do 4º cultivo.

Fotografia 28 – Foto escolhida pela família Bassani, que representa um dos encontros feitos em comunidade



Fonte: Arquivo de Josi Bassani (2022).

Essa foto representa nossa família enquanto comunidade

É esse aí, foi a foto que eu e o Nilson escolhemos. Foi o nosso último tríduo de São Luís da nossa comunidade. Porque eu falo assim, que também a gente conta a História da nossa família, e nós temos nossa família, comunidade. E eu achei muito bonito o que foi feito, agora, resgatando, voltando depois da pandemia. Até foi o dia que o seminarista Alex veio e tirou essa foto. E a gente escolheu essa foto para representar a nossa comunidade, porque sou nascida aqui, e ver continuar esse costume. Depois lembrei de um dia que foi o padre no dia, chamou os jovens da comunidade para ir lá na frente. E alguns já não queriam ir, daí o padre disse: “Como não? Você não é da sua comunidade, você não é o jovem daqui, porque São Luís era jovem, não é?” Então eu escolhi aquela foto ali por isso, para resgatar a convivência que a gente tem na nossa comunidade. E quantos já se passaram aqui? Quantos já se foram embora? Ou por falecimento ou por fazer a vida fora, mas você encontra com pessoas que não é da família, que era pessoas que moravam aqui. Que fala assim “nossa, eu morei no Lirial e quando eu vou para Araruna eu vou no Lirial, eu tenho que voltar no Lirial para rever os amigos que eu deixei, as famílias

que tem aqui”, então é bonito isso de ver. E eu acho que a gente tem que tentar carregar isso para nossos filhos, futuramente, netos. Para mostrar que é bonito ver o legado de uma comunidade também. Não só a família da gente. Que a gente tem família de sangue, mas o legado que a gente tem de comunidade, porque às vezes eu paro dentro de casa assim fazendo meu serviço, eu penso nas pessoas que já foram embora. Tantas que já moraram aqui, que a gente se recorda, lembra da feição das pessoas. Algumas eu nem lembro, que foi embora quando eu era criança, então eu achei interessante por isso, que daí hoje de manhã eu mostrei pro Nilson. Então me tocou hoje, quando ele tinha falado da foto e eu lembrei dessa que eu puxei. Contar a História, não da comunidade, mas sim relemburar as famílias da comunidade que ainda vivem aqui, hoje, que tá ali presente, que se unem para fazer São Luís, fizemos o Monte de Nossa Senhora, foi muito bonito também.

Josi Bassani

Fotografia 29 – Foto escolhida da família Malaco, aniversário em família



Fonte: Arquivo de Evanir Malaco (2000).

Uma surpresa familiar muito boa

[...] Eu tinha cabelo naquela época ainda. Já está. Bem bonito, viu? Está bem bonito. Mas foi uma surpresa muito boa que aconteceu aqui. Eu faço aniversário dia 5 de fevereiro, e o Diérlei (meu filho) faz dia 11. E daí ela fez até 2 bolo aqui e a gente, eu mesmo não sabia de nada isso com a surpresa e quando eu cheguei em casa, eu e o Diérlei, estava cheio de gente, tinha até bexiga, sabe? Tava bem bonito mesmo, e foi uma coisa assim, bem familiar. Eu gostei muito, uma surpresa muito boa, e quem não gosta? Da pra ver na foto, eu, a Evanir, a Mônica e o Diérlei.

Luiz Malaco

Fotografia 30 – Fotos escolhidas pela família Ramalho, que representam o encontro e a festa feita em comunidade



Fonte: Arquivo de Aparecida Ramalho, 2022.

Fotografia 31 – Fotos escolhidas pela família Ramalho, que representam o encontro e a festa feita em comunidade



Fonte: Arquivo de Aparecida Ramalho (2022).

Um dia muito especial na comunidade

Vou contar aqui um pouquinho da nossa igreja. Nós moramos na comunidade Santa Ana, mais conhecida como Melão, desde 1991, quando nos casamos. E sempre participamos da igreja, na qual os nossos filhos, o Rafael e a Danielli foram batizados e fizeram a catequese. E hoje é os nossos netos que também já estão sendo batizado e participando. A nossa comunidade mantém a tradição de todos os anos fazer o trilha de Santa Ana. E no dia 26 de julho, que é o dia da padroeira, o encerramento é feito com uma missa e confraternização. Onde todos da comunidade ajuda com doações de alimentos para o almoço, jantar e sobremesa. E também ajuda com as doações de brindes para o bingo. E para ser sorteado no decorrer do dia. Eu também faço a doação de rosa para enfeitar a igreja. E no final do dia todos são contemplados com os brindes que foram doados. E no encerramento do dia terminamos com um delicioso jantar. E é um dia muito especial, um dia muito alegre para todos nós da comunidade.

Aparecida Ramalho

Estamos sabendo usar a tecnologia?

O que eu acho que falta nossa comunidade é a novena de Natal, que antigamente existia entre todas as famílias e era todo mundo junto. Agora, quando fazem, é cada família e faz em particular. Não sei se por conta dessa desunião ou talvez por causa da tecnologia que veio para nos ajudar. Não estamos sabendo usar de forma correta e isso acabou nos afastando, mas de uma maneira geral, a tecnologia que tem no campo hoje facilitou por demais nessa vida também.

Aparecida Ramalho

Fotografia 32 – Foto escolhida da família Giupato Bassani, do batismo do seu filho, Daniel



Fonte: Arquivo de Cláudia Giupato Bassani (2001).

Foi um dia de muita alegria e de muita tristeza também

Olha, eu estava olhando hoje lá as fotos, podia trazer muitas fotos que tem lá. Muitas coisas que a gente teve na nossa comunidade, são muitos que nem teve foto. Que nem eu tive primeira comunhão, teve um monte de coisas que eu não tenho foto, nem existia, mas eu trouxe a do batizado do Daniel. Foi um momento que a gente teve na comunidade, que jamais vai ser esquecido. Os anos vão passar e isso vai estar, como eu tinha do Paulo Henrique também que eu nem trouxe. Foi uma celebração, algo que teve na nossa comunidade, que teve o padre Eliseu que fez a celebração. É uma pessoa que passou por aqui que era uma pessoa muito querida, também. E que ficou marcado pra gente. Já foram 22 anos, os anos passou mas foi que marcou muito. Eu já tinha batizado Paulo Henrique. Então esse foi o problema mais difícil que teve, porque a gente tinha batizado um. Depois a gente sofreu muito quando a gente perdeu ele, semana que vem vai fazer 24 anos que ele morreu. A gente sofreu muito no dia do batizado do Daniel. Também sofreu no dia do batizado da Solange, que foi meses antes. pois sou madrinha da Solange. E o do Daniel que eu chorava sem parar, porque por mais que seja alegria, de você estar ali participando da celebração quanto é importante, a celebração de um batismo. A gente sabe da importância. A gente nasce criatura de Deus e a gente só é filho de Deus a partir do batismo. Então a gente sabe da importância. Foi um dia que marcou para a gente. E que a gente nunca vai esquecer. Foi um dia de alegria, por causa do batizado, mas um dia de tristeza também.

Claudia Giupato Bassani

Fotografia 33 – Foto escolhida pela família Souza, onde as famílias se reuniram para fazer pamonha



Fonte: Arquivo de Iraci Souza (2021).

O gostoso de fazer pamonha são as conversas

Eu acredito que a primeira vez que a gente fez pamonha foi com a mulherada da creche, porque lá na cidade não tem milho. Como em casa era um lugar propício assim para fazer, né? E se reunir porque eu também nunca tinha nem feito, daí elas vieram fazer. Isso eu ia buscar tacho na casa de um e ralador no outro. E o gostoso da pamonha é fazer em bastante pessoas. Porque sozinho é difícil. É a conversa que tá ali, dá muito trabalho e sujeira, e quando está todo mundo junto você nem percebe.

Iraci e Erasmo Souza

É difícil pensar que a família está em casa e não podemos recepcionar por causa do trabalho

Todo ano a gente planta milho, e, na verdade, esse ano, nós plantamos uns pé de milho lá, que eu achei até meio estranho também, porque eu falei

“E agora? Como é que vai fazer as pamonhas?” que pamonha tem que ser bastante milho. E todo ano a gente chamava as meninas lá da creche, as minhas amigas que trabalham lá e elas ficavam sempre na expectativa de vir. Aí veio a pandemia também. Aí eu falei “Não, eu não vou chamar porque agora não é a hora, não é?”. Todo mundo com medo de reunir o povo em casa. E o Robson (meu filho) está morando longe também. Aí que a gente fez: daí ele veio e falou assim “Mãe, será que vai ter o milho? Eu acho que vai.”, até eles comentaram assim que não ia dar tempo, né? Porque eles vêm e é tipo um bate e volta, muito corrido. E eu fiquei pensando, porque eles estavam em casa, e eu estava lá trabalhando. É difícil pensar que eles estão visitando e você não está em casa pra recepcionar eles.

Iraci Souza

Fotografia 34 – Fotos escolhidas pela família Nascimento Giupato, representando a cerimônia de ordenação para Padre do filho



Fonte: Arquivo de Cleide Nascimento Giupato (Ano desconhecido).

Fotografia 35 – Fotos escolhidas pela família Nascimento Giupato, representando a cerimonia de ordenação para Padre do filho



Fonte: Arquivo de Cleide Nascimento Giupato (Ano desconhecido).

Esse foi um momento único!

Eu trouxe aqui as fotos da ordenação do meu filho, porque eu acho assim que foi uma das fotos (a gente tem muita coisa, não é?). Mas achei assim no momento oportuno, que era a mais interessante. Porque até hoje é o único, isso é uma História única, foi a ordenação do meu filho no Lirial, porque hoje as coisas estão tão difíceis, não vamos saber quanto que vamos ter outro, não é? E depois que foi ordenado lá em Araruna, aí a primeira missa foi aqui no Lirial, aí até trouxe aqui. Essa aqui é a foto do panelão que foi feita a comida nesse panelão. Também para partilhar com o pessoal. E fizemos uma festa muito bonita, 2 dias de festa, de partilha. Foi uma coisa muito, muito interessante, muito importante e muito única!

Cleide Nascimento Giupato

Fotografia 36 – A família de Celso e Maria Inês Maioli



Fonte: Arquivo da família Maioli (Ano desconhecido).

Fotografia 37 – Foto com crianças no Lirial em frente à igreja



Fonte: Arquivo de Celso Maioli (1963).

A calça boca de sino já era de sujar na roça

[...] meu pai tomando chimarrão. Era meu pai, minha mãe e eu, com a Silvana no colo, Inês com o Nilton, e daí ele queria tirar uma foto. Eu tava trabalhando, cheguei da roça. Daí ele quis tirar essa foto, daí tiramos lá. Boca de sino naquela época, e essa já era de usar na roça.

Celso Maiolli

Essa lembrança é de toda comunidade

Essas 2 aqui eu faço questão para o pessoal ver, eu não sei bem a data, mas foi lá para 62 ou 63, e até o Zé Bassani tava comentando aqui, a nossa Igrejinha de madeira. Depois foi aberta as 2 lateral, aí já acho que a Evanir já lembra quando abriu e aumentou. Nessa época dessa foto aqui não tinha abrido ainda e depois, que fez as lateral, fez um puxadinho aqui na frente da porta. Então essa que é muito antiga mesmo. Então eu queria compartilhar com todos para ver o tanto de crianças que tinha na catequese. Inclusive aqui eu conheci poucos amigos (ironia). Esse aqui é filho do Samuel Tondim. Eu conheci pouca coisa. Essa aqui é filha do seu Zé Ferreira. Aqui está o seu Rodolfo, tá o Zé Pinhanha. O tio dela aqui. Quando eu achei uma foto pequenininha dessa aí eu mandei imprimir grande assim que eu achei no nosso álbum. Aí eu lembrei quando a gente era criança, uma lembrança muito boa para a comunidade inteira. Não é só minha, eu estou aí também, eu lembro pouco dessas crianças hoje.

Celso Maiolli

Durante a segunda parte do cultivo, os(as) trabalhadores(as) rurais trouxeram fotografias de suas vidas dentro da comunidade, que vão desde encontros em família até celebrações religiosas em comunidade. Cada uma possui um significado para suas famílias, por isso, acreditamos que cada foto e suas lembranças devem ser dialogadas por parte, afinal, são lampejos dos trabalhadores, e que, mesmo que atravessem um coletivo, ainda possui suas singularidades.

A fotografia escolhida pela família Bassani foi uma das celebrações religiosas realizadas na comunidade, e acabou impulsionando a mônada “Essa foto representa nossa família enquanto comunidade”. Tantas outras poderiam ter sido escolhidas, claro, mas para a família Bassani essa representa o momento em que a comunidade está resistindo e mantendo seus encontros. Além disso, os Bassani também enxergam nessa foto o sentimento de que eles possuem uma segunda família, que são os membros da comunidade. Eles reforçam a importância de estar em constante contato com tais lembranças, pois muitos moradores já foram embora, e devem ser lembrados sempre que possível. Reforço a ideia trazida por Arendt, em que ela afirma a necessidade de manter esse espaço público de lembranças vivo, caso contrário, cai-se no limbo do esquecimento e de reconhecer os que nos antecederam.

A família Malaco escolheu uma fotografia mais familiar, mostrando o aniversário de Luiz Malaco com seus entes mais próximos, fato que fez surgir a mônada “Uma surpresa familiar muito boa”. Nela, percebemos o quanto um momento, que parece ser tão simples, representa uma grande lembrança para a família. Em meio a tantos festejos, encontros e celebrações, é em um simples aniversário que flagramos um dos momentos de alegria para a família Malaco, e que hoje em dia dificilmente acontecem, como eles próprios disseram. A felicidade de se reunir em família para comemorar mais um ano de vida é barrado pelos compromissos, pela correria e por outros adventos já evidenciados que são trazidos pela modernidade capitalista.

A família Ramalho, mesmo não participando presencialmente do encontro, enviou sua fotografia e suas lembranças por meio do WhatsApp. O registro escolhido foram duas fotos que mostram uma celebração e uma partilha feita na comunidade Santa Ana, que impulsionaram as mônadas “Um dia especial na comunidade” e “Estamos sabendo usar a tecnologia?”, em que os Ramalhos recordam de práticas e encontros socioculturais que ainda são realizados em comunidade, e de outros que já não existem mais, a

não ser nas memórias dos moradores. Algo muito nítido na fala da trabalhadora Aparecida Ramalho é em relação à necessidade do trabalho coletivo para que esse tipo de encontro aconteça. Dificilmente uma pessoa seria capaz de organizar tudo sozinha, porém, quando todos participam, o processo de organização se torna mais fácil e muitas vezes mais significativo do que a própria festa em si. Diante do exposto: o que devemos fazer para encontrar caminhos para relações sociais mais coletivas e tirar de nós o individualismo partilhado Aparecida?

A família Giupato Bassani trouxe uma foto do batismo do seu filho, Daniel, que inclusive já estudou comigo no ensino médio. A foto fez emergir memórias de muita felicidade, mas também de muita tristeza, como podemos ver na mônada “Foi um dia de muita alegria e de muita tristeza também”. Os Giupato Bassani relatam que, nesse dia, a alegria de estar batizando um filho era extremamente presente, mas que o luto e a dor da perda também estavam com eles. Percebe-se que a dor, o luto e a tristeza trazida pela tragédia, por mais individual que pareça, foi sentido por toda a comunidade, que foram importantes no processo de superação, graças ao acolhimento que trouxe aconchego em um momento tão difícil. Percebemos uma memória traumática.

As mônadas “O gostoso de fazer pamonha são as conversas” e “É difícil pensar que a família está em casa e não podemos receber por causa do trabalho” foram impulsionadas pela foto escolhida pela família Souza que partilha com todos os membros reunidos para fazer pamonha. Quantas famílias, que vivem no mundo rural, ainda mantem essa prática para reunir seus familiares e amigos para fazer esse prato tão delicioso? E o que fica nítido na narrativa da trabalhadora Iraci Souza é que, de fato, o que importa é o processo de fazer a pamonha, com as conversas, as risadas e os momentos bons que são construídos.

No entanto, ela ainda rememora que está cada vez mais difícil fazer tais encontros, pois seu trabalho na cidade, com seus horários regrados e tempos definidos, dificultam, inclusive, que ela veja seu irmão quando ele vem nos visitar. Lembremos da crítica

trazida por Thompson que pode ser flagrada em tal mônada, na qual o autor argumentava que a noção de tempo das classes trabalhadoras estava enraizada em uma experiência mais orgânica e cíclica da vida, fortemente vinculada aos ciclos naturais e ao ritmo do trabalho artesanal pré-industrial.

Esse tempo experiencial estava ligado às atividades sazonais, agrícolas e do artesanato, nas quais o trabalho era governado mais pela luz solar e padrões naturais. Porém, com o avanço da modernidade capitalista, uma nova concepção de tempo baseada em relógios e calendários foi imposta, dando ênfase à pontualidade, à disciplina laboral e à produção padronizada. Essa noção de tempo linear tornou-se essencial para o funcionamento das fábricas, transportes, comércio e do sistema capitalista como um todo, e muitas vezes, tirou das pessoas seus espaços para continuar com as suas relações em família e em comunidade. Quem, em meio a tantas imposições, ainda consegue “criar” seu tempo para manter relações humanas mais significativas com o coletivo?

As fotografias escolhidas pela família Nascimento Giupato foram de um momento de importante para eles, mas que foi compartilhado pela comunidade: a ordenação do filho para se tornar padre. Tal fotografia impulsionou a mônada “Esse momento foi único!”, em que a trabalhadora Cleide rememora e compartilha o quanto foi bonito esse encontro na comunidade, desde a celebração até a festa para comemoração.

Por fim, as últimas fotografias escolhidas pela família Maiolli mostram dois momentos distintos: um da família em seu dia a dia, e a outra de uma reunião entre as crianças da comunidade. A primeira, que impulsionou a mônada “A calça boca de sino já era de sujar na roça”, mostra um momento que em uma primeira vista não parece ter relevância, mas que para a família carrega muitos significados: os filhos, ainda crianças, os pais, ainda vivos, e até as vestimentas que hoje já não fazem mais parte do cotidiano. Já a segunda fotografia é um dos poucos registros que existem de quando a comunidade Lirial de São Luís possuía mais pessoas, e

que impulsionou a mônada “Essa lembrança é de toda comunidade”. Nela, percebemos a felicidade de Celso ao relatar o quanto conhece as pessoas presentes naquela fotografia, ele, por mais que esteja na foto, acredita que é um registro importante para toda comunidade.

Convido caro (a) leitor (a), conhecer as mônadas iconográficas do quarto cultivo.

Fotografia 38 – Fotos do quarto cultivo, realizado na casa da família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 39 – Fotos do quarto cultivo, realizado na casa da família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 40 – Fotos do quarto cultivo, realizado na casa da família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2022).

CAPÍTULO XI - 5º CULTIVO: O RELÓGIO E O CAMPO

Seiscentos e Sessenta e Seis (O tempo)
A vida é uns deveres que nós trouxemos para
fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra
oportunidade,
Eu nem olhava o relógio
Seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e
inútil das horas.
Mario Quintana

Nosso quinto cultivo foi realizado na casa da família Malaco, contando com a participação de 30 pessoas. Nesse dia, o padre que celebrou a missa participou da roda de conversa. Para iniciarmos a reflexão conjunta, trouxe o poema “O dia em que o relógio chegou no campo”, de minha autoria, para refletirmos: para onde está indo o nosso tempo? Assim como no poema, também recorro a um poema de Mario Quintana para nos questionarmos: o que estamos fazendo com nosso tempo? Muitas das mônadas apresentadas a seguir dialogam exatamente com as questões enunciadas pelo eu-lírico: por que o tempo passa tão rápido? O que eu faria se tivesse mais tempo? Será que estamos sabendo utilizar esse tempo na nossa vida? Da mesma forma que surgem as dúvidas, surgem, nas mônadas, formas de resistir a esse tempo regrado, cheio de imposições. O que posso fazer para sair dessas amarras do tempo?

Convidamos, caro(a) leitor(a), a esquecer um pouco do tempo do relógio e apreciar as mônadas do nosso quinto cultivo.

Eu não gosto muito do relógio

Rapaz, essa questão do tempo, que você falou dessa coisa do relógio, sabe, eu não gosto muito de estar olhando no relógio não. Então é conforme acontece e não tem aquele horário pra parar nem pra começar. A Evanir falou um negócio que eu concordo com ela, a gente tem que arrumar um jeito de tirar o tempo, nós vivemos em uma correria tão grande, tão grande, que o tempo passa, e você não vê, quando você vê o dia já passou. E não fiz isso e nem aquilo. E eu me perco meio no tempo, que tem hora que eu chego atrasado nos lugares. Às vezes eu vou na Coamo, quando chego lá já fechou. É verdade, porque você não soube administrar o tempo, eu não tirei o tempo para ir lá. Mas faz parte da vida da gente, mas eu não sou muito chegado em relógio, não. O negócio de horário não, não tem horário nem para começar e não tem horário para acabar, é conforme as oportunidades, nós que estamos aqui na agricultura sabemos. Por exemplo, se lá na cidade o pessoal não tivesse o horário para parar e começar, como seria difícil para eles, né? Mas aqui na agricultura você para e começa na hora que você quer. Só que talvez a gente não consegue administrar esse tempo.

Luiz Malaco

Hoje nós somos escravos do tempo

Eu lembro que quando meu pai era vivo, ele não tinha muita essa questão de estar olhando a hora não. Então quando o Gabriel colocou aqui que no campo que as pessoas não olham muita hora nessas coisas assim, meu pai não tinha esse negócio de ficar olhando hora em relógio. Dava a hora que dava fome, ele vinha comer, a hora de ir trabalhar, na hora que dava vontade dele ir trabalhar. Não era aquela questão “eu tenho que levantar tal hora, eu tenho que comer tal hora, e tenho que vir embora tal hora” não era assim. Então é tudo uma questão de como a gente vivia.

Porque hoje é diferente do tempo do meu pai, não tinha essas coisas de “eu tenho que ir lá no banco tal hora, eu tenho que ir na Coamo tal hora, eu tenho que fazer isso tal hora”, entendeu? Então a vida dele era aquela rotina do dia a dia, trabalhava aqui, quando dava certo ele ia na cidade. Hoje não, hoje a vida da gente é diferente, você tem horário pra tudo. É tal coisa fecha tal hora, você tem que tá lá tal hora. Então eu falo que naquele tempo a gente vivia melhor, a gente não era escravo da hora e nem escravo do tempo. Hoje a gente é escravo do tempo.

Evanir Malaco

Meu pai não precisava de relógio

E essa História do Relógio eu achei muito interessante. Quando eu li isso daqui eu lembrei que meu pai tinha que ir pra roça, logo que chegava a hora de ir para a escola, toda vida, ele olhava a sombra. Ele estava em pé, olhava para trás, ele via a sombra. Então ele mandava a gente para escola pela sombra. Quando eu li isso daqui eu falei, olha, não é que era certinho naquele tempo, quando o pai olhava pra sombra e falava “ó, filha, está na hora de ir para escola” e quando a gente chegava em casa, estava na hora certinha mesmo. Era incrível, uma coisa daquela, hoje, se a gente for fazer isso, a gente não consegue, a gente se perde, a gente não sabe que hora que é, pode olhar pra sombra que a gente não consegue basear o horário que é.

Cleide Nascimento Giupato

Quem gosta de trabalhar no domingo?

Eu não gosto de trabalhar dia de domingo, e eu, de uns tempos pra cá, estou trabalhando todo domingo, então pra mim está sendo muito difícil isso. Eu gosto muito de trabalhar, mas é a questão do domingo, porque domingo foi feito para descanso, para visitar os outros, de receber a família em casa, de se reunir, se juntar com os netos. O tempo vai passando e a gente está sentindo que isso estava ficando difícil.

Cleide Nascimento Giupato

Às vezes eu nem me reconheço mais

(...) Nosso tempo é corrido, ninguém tem tempo pra nada mais, nem para si próprio tem, porque eu, falar a verdade pra vocês todos, tem hora que eu nem me conheço. Eu não lembro nem de mim mesmo. (...) A gente com 68 anos nas costas, já tem alguma experiência na vida do tempo que começamos até hoje. Mas que a dificuldade, a dificuldade foi muito grande para atravessar até hoje e ainda estou lutando. Temos nossa família para cuidar, as nossas obrigações, mas, olha, o tempo é corrido.

Severino Nascimento Giupato

Na verdade, eu sou esse senhor do poema

Na verdade eu sou, mais ou menos, esse cara aí, que não cumpri o horário de relógio. Tem dia que eu chego em casa para almoçar e a Inês fica brava porque um dia eu chego meio-dia, no outro dia uma hora e no outro dia eu chego antes do meio-dia, conforme a coisa corre, sabe. Se eu estou lá no fundo da chácara querendo carpir um pedaço lá e eu termino pode saber que eu subo só a hora em que eu termino. E daí para ela é ruim, para mim não, é mais fácil, porque eu não preciso descer. Mas eu não cumpro muito horário, não, à noite é a mesma coisa, tem dia que eu subo mais cedo, tem dia que subo mais tarde. Eu não tenho horário, eu não cumpro, esse relóginho veio, mas até agora não utilizo ele. Eu nunca trabalhei de empregado, o empregado é obrigado a cumprir horário de relógio, quando eu trabalho para os outros eu vou na hora certa embora. Eu fui trabalhar para o Erasmo, quando deu cinco horas eu vazei. Aí eu cheguei em casa, eu tenho boi para tratar, eu tenho porco para tratar, o galinho para olhar, então eu entro só de noite mesmo, dentro de casa. Esse tempo aí que tá falando, a gente acaba não tirando os tempos mesmo. Mas eu não cumpro muito horário, cumpro quando eu vou na Coamo, quando vou no banco, daí você tem que cumprir com o horário deles, que eles abrem e fecham, então você tem que cumprir com os horários deles, mas o meu é diferente. Eu sou meio bicho do mato, ainda sabe? E então eu vou sempre ser assim.

Celso Maiolli

Antigamente todos tinham tempo para visitar amigos e familiares

Olhando assim, o tempo que a gente tem hoje e voltando lá atrás, na minha época lá de criança, minha avó, todo mundo saía passear na casa dos vizinhos. E hoje a nossa vida é só trabalhar. Nossa vida aqui é trabalhar. Quantas vezes eu vou lá na casa da tia? Pergunta pra ela quantas vezes eu vou lá. A minha vó mora de frente e tem dias que eu não vou lá. A gente só vive trabalhando, trabalhando. Eu não sei até onde vai isso. Não tem como parar de trabalhar. Agora a gente continua e eu falo assim, o tempo está passando, daqui uns dias estamos todos velhinhos e o tempo passou e nós novamente não viu ele passar. Eu lembro de um caso, tinha um tio em Londrina eu fui quando era bebezinha com a mãe, ela me levou lá. Eu fui no velório dele. Eu nunca tive tempo de visitar ele. Então por quê? Porque eu não tinha tempo de sair do meu serviço. Tudo a gente dá tempo para o serviço, mas tempo pra família, tempo para passear. A gente não tem tempo para nada, muitas vezes até pra igreja, a gente não tem tempo, então nunca, nunca a gente tem tempo, né?

Cláudia Giupato Bassani

Tem coisas que você segue o horário (e tem coisas que não)

Então depende o que você faz na vida. É igual hoje no sítio, hoje se levanta um horário, tira o leite, trata das vacas. Aí você segue um horário, só que chegou à noite se tiver vaca para criar, você tem que ir lá olhar, se está tudo certo, ou não, ainda mais se for novilha. Então você não já não obedece ao horário, então depende o que você faz na vida. O padre obedece ao horário da missa. É aquele horário, né? E já nós, no caso do caminhão, no caso do leite, no caso de parto, ou se atrasa pra silagem ou quebra um motor, você tem que fazer funcionar, não fica pra outro dia. Então tem coisa que você vai obedecer ao horário e tem coisa que você não vai obedecer a horário. Depende do caminho que você segue.

Erasmus Souza

Quem tira tempo para cuidar de si mesmo?

Eu achei muito lindo esse encontro falando sobre o tempo, porque muitas pessoas não têm o tempo, que nem seu Severino falou, a gente não tem tempo de se olhar, de falar assim “Meu Deus, o que que eu vou fazer para mim hoje, para me cuidar hoje?”. Você pode ir no médico. Mulher mesmo se cuida de várias maneiras, eu mesmo tirava tempo de 30 minutos pra ir na academia. Eu fiquei um ano sem ir na academia, fui no médico, o médico falou que estava com colesterol alto, alto assim, já está aumentando. Aí, se você não se cuidar, você viveria como uma pessoa sedentária e vai ficar tomando remédio. Na vida ou você toma remédio para o resto da vida, ou você vai tirar 1 hora do seu tempo para você, para se cuidar. Se você não previne o cuidado, se você não der um tempo para você se cuidar, o seu futuro vai ser tomando remédio que não precisa.

Iraci Souza

O pessoal do sítio teve que se reinventar

Falar do tempo é até difícil pelo seguinte, na época do meu finado pai, finado avô, quando a gente era criança tinha tempo pra tudo, eu lembro que em casa naquela época tinha regra porque o finado pai teve dez filhos. Na época o divertimento do pai e da mãe era de fazer filho, não tinha televisão aí tinha tempo até para isso. Naquela época, nós tocávamos café a porcentagem e plantava lavoura de algodão, mas tinha regra. Nós éramos obrigados a ir para catequese, o pai obrigava mesmo, tinha que frequentar a catequese, tinha horário para ir à igreja. Quando tinha terço, tinha horário para ir no terço, tinha horário para ir na novena. Mas tinha tempo, tinha tempo para visitar a família, visitar os amigos, visitar os parentes, mas por que era uma atividade só, às vezes, por exemplo mexia com café, era só café. Não tinha outra coisa para fazer. Agora, hoje é o contrário. Qual pessoa que está aqui, sentado nessa mesa, que não tenha cinco ou seis atividades diferente uma da outra? Porque o produtor rural teve que se reinventar, teve que diversificar. Se ele ficasse parado no tempo lá, só na época de uma cultura só, não tinha mais nenhuma pessoa na área rural,

estava todo mundo na cidade, muita gente foi embora porque não conseguiu, chegou à época e não conseguia mais sobreviver com uma cultura só, teve que reinventar. Aí partiu para diversificação, por isso que hoje o tempo é curto, porque hoje, na área rural todo mundo faz quatro ou cinco atividades.

Toninho Ramalho

A gente está mudando e fazendo o tempo da gente

Mas a gente lá em casa agora, estamos começando a colocar as regras, mudando. Começamos a parar e pensar “O que que adianta a gente trabalhar tanto na vida igual finado pai trabalhou, só trabalhou”, ele trabalhava desde cedo até a noite para sustentar os dez filhos. (...) E hoje, por causa dessa correria, a gente vai deixando até a igreja de lado. Mas é falta de a gente fazer o tempo. Acho nós temos que começar a fazer o tempo da gente, porque se começar a deixar vai chegar a hora aí que muitas igrejas tá fechando.

Toninho Ramalho

A tecnologia estaria tirando nosso tempo?

Mas hoje com essa tecnologia. Agora vou entrar no assunto da tecnologia, que veio para nos ajudar. Eu acho que a gente não está sabendo usar a tecnologia e está se perdendo muito tempo com o celular, vendo não sei o que e que o tempo passa, por conta de ficarmos envolvido com aquilo dali e o tempo passa tão rápido assim que você nem vê. Está envolvido ali com uma coisa que não vai te trazer nada. Se prestar bem atenção, né? Então eu acho assim, se desligasse um pouco mais o celular e prestasse um pouco mais atenção na realidade, na vida em volta, você vai ver que você tem tempo pra fazer muita coisa boa.

Aparecida Ramalho

Nossos pais trabalharam muito e não aproveitaram nada

Eu acho que o pai de todo mundo aqui praticamente só trabalhou, não aproveitou nada daquilo que ele trabalhou. O meu pai só trabalhava, não aproveitou nada, ele teve derrame, os irmãos moravam tudo em Campinas, Valinhos, São Paulo, quando ele tinha condições de viajar para lá deu derrame nele, ele falava assim “a hora que eu sarar, eu vou lá passear na casa dos irmãos”. Deu derrame mais a segunda vez, deu a terceira e levou ele embora. Então ele não aproveitou, não conseguiu visitar os irmãos dele, que ele tinha vontade, acabou não indo, só trabalhou. A vida da gente você tem que trabalhar, mas também aproveitar.

Toninho Ramalho

Temos o tempo do relógio e do sítio

Nóis lá o tempo até que segue, eu tenho os rapazes que trabalha com nós, então a gente tem que manter mais ou menos um horário que costuma. É o horário de começar cedo, a hora de parar para o almoço e eles tem que cumprir os horários deles. Então, nossa rotina você costuma. Agora quando é época de plantar, colher, fazer silagem aí não. Aí mesmo que eles, mas nós não tem horário, mas no dia a dia eu costumei com eles mesmo. Horário é cedo, é hora de parar pro almoço. Deu horário de tirar leite, pode ver: ou eu ou eles são um dos primeiros que chega. Aí costuma nesse ritmo. Praticamente o relógio é olhando direto, deu horário, ali tem horário de tratar das criação, de tirar o leite, fazer tudo. Aí, quando a época de plantio e colheita aí não, é de cedo à noite. Mas no dia a dia a maioria é horário. E até que nós. Até que se até se diverte.

Nilson Bassani

Aprendi muito quando meu pai ficou doente

Mas eu falo, eu aprendi muito, muito. Porque amanhã vai fazer um ano que meu pai opero, no câncer no estômago. E é que nem o Toninho

falou, meu pai toda a vida trabalhou, trabalhou, trabalhou, ele falava assim, “O dia que eu tiver um carro bom, eu vou viajar.” E ele foi ficando, foi ficando quando ele conseguiu um carro bom, a gente já percebeu que ele não podia mais viajar longe e ele dirigir. E daí ele não tinha gente para ter a parceria com ele, porque daí a gente começou a assumir o trabalho dele pra ele ficar mais tranquilo. Quando ele podia passear, ele não podia mais. E aí depender dos outros para levar. E há 1 ano atrás, quando a gente descobriu o câncer dele. A gente se viu assim, desolado. A gente ficou muito assustado. Toda a vida trabalhou agora já está tranquilo, não é? Foi àquela época difícil e passou, e hoje eu e o Nilson a gente vê isso. A gente tem nossos compromissos, a gente faz, mas a gente é parceiro em tudo. Se a gente falar assim, que a gente vai tirar um tempo pra gente, nossa família, que a gente trabalha, em várias famílias, a gente é muito companheiro, pois combina tudo.

Josi Bassani

O narrador que deixa seus conselhos

A gente conversando eu lembrei de um caso, eu tinha 38 anos. Eu encontrei um senhor no posto e nós começamos a conversar sobre a vida. Ele falou: “Filho, se você puder você aproveita a vida cada dia, quando você é novo, depois de velho, você não aproveita a vida. Eu tenho 85 anos e a minha alegria é esses neto. Olha, eu tenho fazenda, eu tenho caminhoneta, mas não aproveito mais a vida. A minha vida no meu tempo passou. Você tem que aproveitar a sua vida quando você é novo, seu dia a dia ou amanhã você não sabe se está vivo ou se está morto.” A vida dele ele deixou de aproveitar depois de idoso, e o tempo passou pra ele. A alegria dele é os neto.

Erasmu Souza

As mônadas do 5º cultivo carregam consigo uma questão que inquietava a mim e aos trabalhadores(as) rurais em todos os cultivos anteriores: quando vamos fazer nosso próprio tempo? Por que antigamente parecia que tínhamos “mais” tempo? O que

estamos fazendo com nosso tempo atualmente? Tais reflexões serão feitas a partir das experiências compartilhadas por eles.

As mônadas “Meu pai não precisava de relógio”, da família Malaco; “Na verdade, eu sou esse senhor do poema”, da família Maiolli; “Tem coisas que você segue o horário (e tem coisas que não)”, da família Souza; e “Temos o tempo do relógio e do sítio”, da família Bassani, percebemos a noção de tempo carregada pela maioria dos trabalhadores(as) rurais: um que não segue os relógios das grandes indústrias. Aqui, vivenciamos aquele da natureza, que segue os processos ecológicos, as mudanças climáticas, a formação das paisagens e o ciclo da vida e das espécies, com um ritmo próprio que foge as amarras do tempo da modernidade.

Segundo Benjamin (1985) e Thompson (1981), a modernidade introduziu na sociedade uma série de mudanças tecnológicas, sociais e culturais que transformaram profundamente a experiência com relação ao tempo. A aceleração do ritmo da vida moderna na sociedade do consumo, levou a uma perda com a conexão do passado e gerou muitas vezes, uma alienação no presente, uma espécie de “tempo vazio”. Esse tipo de tempo, trazido por Benjamin, escapa da realidade rural, pois os próprios moradores(as) fogem a todo momento dessas amarras sem sentido e regrada, para buscar no tempo da natureza um significado maior para suas experiências de vida, ou seja, o “tempo messiânico” que Benjamin evidencia para resistir a esse avanço.

Já nas mônadas “Hoje nós somos escravos do tempo”, da família Malaco; “Antigamente todos tinham tempo para visitar amigos e familiares”, da família Giupato Bassani; “Meu pai não precisava de relógio” e “Quem gosta de trabalhar no domingo?”, da família Nascimento Giupato; e “Quem tira tempo para cuidar de si mesmo?”, da família Souza, percebemos como esse tempo regrado das indústrias avança sobre os moradores da comunidade. Assim como Benjamin, Thompson também não reconhecia o tempo linear, no qual argumenta que a industrialização alterou profundamente a concepção e o ritmo do tempo.

Antes da Revolução Industrial, as pessoas viviam de acordo com os ritmos sazonais, agrários e artesanais, que eram mais flexíveis e baseados nas necessidades do trabalho, assim como os(as) trabalhadores(as) rurais dessa pesquisa. No entanto, com a chegada das fábricas e da produção em massa, o tempo se tornou padronizado e disciplinado, ditado pelas demandas da máquina e do capital. Assim como na obra de Thompson, o qual aponta que os trabalhadores da indústria procuravam maneiras de recuperar algum controle sobre o tempo, como lutas por redução da jornada de trabalho e resistência à disciplina rigorosa imposta pelos empregadores, aqui os(as) trabalhadores(as) buscam a todo momento evitar qualquer tipo de imposição ou regras sobre os seus tempos de trabalho.

Percebemos que nas mônadas “Aprendi muito quando meu pai ficou doente”, da família Bassani; “A tecnologia estaria tirando nosso tempo?” e “Nossos pais trabalharam muito e não aproveitaram nada”, da família Ramalho, flagramos algumas experiências que atravessam a vida dos sujeitos da pesquisa e revelam o quanto eles percebem esse avanço do tempo da modernidade em suas vidas. Seja nos pais que trabalhavam e aproveitavam pouco da vida, seja na tecnologia que insiste em nos afastar de nossas experiências ou até mesmo em um momento de angústia e sofrimento, quando a doença de um pai fez a família parar e refletir: será que realmente vale a pena trabalhar tanto sem aproveitar os prazeres da vida? Reforço novamente a crítica trazida por Arendt, na qual o espaço coletivo precisa existir, pois tais reflexões surgem em meio aos lampejos das lembranças dos(as) trabalhadores(as) rurais, que estavam latentes e a muito tempo não saíam para serem pensadas coletivamente, e só foram possíveis graças as reflexões feitas durante nossos encontros.

Na mônada “Às vezes eu nem me reconheço mais”, da família Nascimento Giupato, percebemos uma narrativa forte trazida pelo trabalhador Severino. Ele conta que, aos seus 68 anos de idade, olhou-se no espelho e não se reconheceu mais. Nesse relato, vemos uma perda da identidade do próprio indivíduo, que não consegue

ter tempo de cuidar de si mesmo. O “avanço” do dito “progresso” do capitalismo, que, como afirma Benjamin, deveria trazer apenas benefícios e facilidades para o indivíduo, carrega uma perda da identidade do sujeito que se vê imerso nas regras do tempo cronológico, nas cobranças por produções cada vez mais desumanas ou até mesmo nas práticas socioculturais que são impedidas de serem realizadas por tal avanço. A cultura de massa, que tenta apagar as especificidades dos indivíduos, encontra no espaço rural a resistência evidenciada por Benjamin, por meio da valorização da memória, das tradições, sejam individuais ou coletivas, como forma de resistir ao esquecimento e à perda de identidade. Mas como os(as) trabalhadores(as) rurais fazem para resistir a esse avanço da modernidade capitalista?

Flagramos nas mônadas “A gente está mudando e fazendo o tempo da gente” e “O pessoal do sítio teve que se reinventar” da família Ramalho, formas de resistir a esse avanço, seja das amarras do tempo da indústria ou as imposições da modernidade capitalista. A família partilha possibilidades, não de solucionar todos os problemas, mas de encontrar brechas, assim como Benjamin, na valorização e na preservação da memória coletiva e nas práticas socioculturais da comunidade, como forma de construir narrativas outras àquelas dominantes que apresentamos no início deste livro. Mesmo flagradas e trazidas pela família Ramalho, todas as famílias presentes nessa pesquisa buscam formas de resistir e abrir frestas para manter suas tradições, suas vidas e até mesmo de se manterem no campo, caso contrário, já teriam cedido e partido para a cidade.

Finalizamos as reflexões do 5º cultivo com a mônada “O narrador que deixa seus conselhos” para darmos uma pausa e refletir: o que realmente é importante em nossas vidas? Correr e perseguir objetivos e ignorar as coisas a nossa volta ou parar para apreciar pequenos momentos da vida? Até que ponto devemos sucumbir às amarras do tempo acelerado da modernidade e deixar de lado nossas práticas socioculturais? Para o narrador sedentário, como na narrativa do trabalhador Erasmo, percebe-se que devemos

valorizar os pequenos momentos da vida, seja em família, na comunidade ou com nós mesmos. Independentemente do local ou das pessoas a nossa volta, refletir e analisar aquilo que realmente tem significado para nossas vidas, pois é isso que levaremos no decorrer dela.

Com esse pensamento, convidamos, caro(a) leitor(a), a apreciar as mônadas do 6º e último encontro coletivo desta pesquisa, durante o qual convidamos os moradores a trazerem os sabores do campo e a refletir: que conselhos eu gostaria de deixar para as gerações futuras, após tudo que foi refletido durante nossos encontros e aquilo que vivi durante minha vida?

Fotografia 41 – Fotos do quinto cultivo realizado na casa da família Malaco



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 42 – Fotos do quinto cultivo realizado na casa da família Malaco



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Fotografia 43 – Fotos do quinto cultivo realizado na casa da família Malaco



Fonte: Arquivo do autor (2022).

CAPÍTULO XII - 6º CULTIVO: SABORES E SABERES PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

Nosso sexto e último encontro coletivo ocorreu na casa da família Giupato Bassani. Todas as famílias estavam presentes no dia. A roda de conversa foi dividida em duas partes: na primeira, conversamos coletivamente sobre os sabores e costumes medicinais que cada família possui no seu dia a dia no campo; e, no segundo momento, cada família trouxe uma carta, compartilhando saberes e experiências que queriam deixar para as gerações futuras. Uma das primeiras inquietações evidenciadas pelos(as) trabalhadores(as) rurais foi: vamos continuar nossos encontros? Essa pergunta deixou com uma felicidade enorme, pois é perceptível o quanto a pesquisa havia sido significativa, não só para mim, mas para todas as famílias envolvidas. A seguir, estão os sabores rememorados pelos(as) trabalhadores(as) rurais.

Fotografia 44 – Prato escolhido pela família Giupato Bassani, leitão assada em pedaços



Fonte: Arquivo do autor (2022).

O porco assado sempre reunia a família

Eu fiz o porco assado, a leitoa assada em pedaços, porque quando nós era criança, toda vida que a gente se reuniu, meu avô tinha 8 filhos e seus netos, aí os bisnetos foram poucos que se reuniram, a gente sempre tinha em festas de Natal, era porco. Desde que me lembro por gente, nunca faltou na nossa propriedade. Então isso remete tudo ao passado que a gente passava, o quanto era bom a gente tá reunido naquela época, a família. Eu não sei não, acho que dava umas 50 pessoas quando se reunia, era o único dia que a gente tomava refrigerante, era um guaranazinho, que a gente furava com prego para tomar, a gente tinha que aproveitar até acabar, pnhava dentro de um tanque para gelar, na água, porque não tinha gelo, para tomar. Então, hoje a gente tem tanta coisa que a gente até esquece de valorizar o que a gente teve lá no passado. E era muito bom. Eu lembro que a família, quando o avô fazia a festa dele, eu, a Josi, a Geni, era as mais novas da família, reunia todo mundo e era muito bom e hoje a gente nem se vê mais.

Cláudia Giupato Bassani

Lembro da mãe acordando pra fazer o manjar

O doce que a gente comia, quando tinha, era um manjar de kisuco. É que nós, quando éramos pequenos, não tinha dinheiro para comprar coisa igual a gente tem hoje. Leite condensado... Muitas vezes nem existia, nem sabia o que era isso. A mãe levantava domingo cedo e fazia isso, então não esquece por causa disso. Passamos dificuldade, fome não, mas o doce nosso, era esse manjar de kisuco. Então a gente não esquece dessas coisas, como a Cláudia falou do guaranazinho, aquilo para nós, não via hora que chegava o Natal, Ano-Novo e a Páscoa, que era pra furar a tampinha da garrafa.

Dorva Giupato Bassani

Esse é o remédio que a mãe fazia

Nós sempre jogou bola assim, nunca prestava para jogar bola, mais para se machucar prestava. Aí chegava em casa, a mãe pegava, nós chama de erva Santa Maria, macetava aquilo, punhava vinagre, sal. Punhava na perna e ficava 2 dias com aquele troço amarrado na perna. Esse é o remédio que a mãe fazia para nós não ficar em casa mancando. Agora de tomar remédio assim, é chá, né? Tinha muito chá que mãe fazia de erva Cidreira, essas coisas sempre teve.

Dorva Giupato Bassani

Fotografia 45 – Prato escolhido pela família Nascimento Giupato, frango assado



Fonte: Arquivo do autor (2022).

A gente fazia tudo no forno a lenha

Eu fiz um frango assado, porque isso daí desde de pequeno que a mãe fazia, que ela tá aqui graças a Deus. Era Natal, era Páscoa, Ano-Novo... era sagrado o frango assado, porco também, mas o frango era sagrado, não é? E a gente fazia no forno a lenha. Nem era esse forno elétrico, que tem hoje. Quando chegava perto do Natal a gente já ia rebocar o forno. Pegava a merda de vaca e cinza aí arrumava o forno tudo bonitinho e pra assar o frango, assar a carne do Natal e do Ano-Novo, né? Então essa tradição da gente, que todo ano a gente fazia isso, então é daí que eu escolhi o frango, porque a gente nunca esquece disso.

Cleide Nascimento Giupato

Hoje é só remédio de farmácia

Antigamente tinha muita camomila e erva doce. A mãe tem até hoje... até outro dia eu vi ali na grama dela um belo pé de camomila. Toda vida ela teve a camomila. A camomila, existe desde que tinha as crianças, hoje em dia não se dá mais chá pra criança, né? Nem água! Eu fico doida com uma coisa dessa. Mas antigamente a gente dava um chazinho de camomila pra criança acalmar. Ela dormia e era tão bom, e hoje em dia ninguém pode mais dar nada dessas coisas. Então, é, hoje só remédio de farmácia.

Cleide Nascimento Giupato

Eu ainda tomo chá hoje!

Eu mesmo hoje, quando eu estou com labirintite mesmo. O médico é ela (minha esposa), que o doutor Romildo falou, “a labirintite, não sara com remédio, é com chá”. Ela faz com a erva cidreira, hortelã e com alho. Quando a casa começa a rodar, ela fala, “toma o chá”, eu tomo ali e, dentro de 20 minutos, estou melhor.

Severino Nascimento Giupato

Fotografia 46 – Prato escolhido pela família Ramalho, porco assado



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Nós fazemos porco até hoje

Bom, aqui a gente trouxe é a carne de porco. Que, como todos já disseram nas festas, tinha carne porco, frango assado recheado com farinha de mandioca. Agora, a carne do porco mantém até hoje, a gente reúne a família. Ontem, por exemplo, lá em casa, 50 pessoas da família, estavam lá, todo reunido, aí que nós fizemos uma tachada de carne de porco. Mas aí fizemos o Terço e a janta em família.

Aparecida Ramalho

Nós sempre reunimos a família

O finado pai que reunia toda a família, era na casa do finado pai, porque ele faleceu. Daí agora é na nossa. Todo Natal a gente reúne em casa, mas das famílias, o que mais reúne é os irmãos, família, amigos. É em casa, não é? Porque nós gosta de festa.

Toninho Ramalho

Lembro da mãe enrolando as tiras de lençol no machucado

Ô, a erva Santa Maria, como eles falaram que passavam no machucado. Nós fazia para tomar mesmo, tomava pra... que era pra matar os vermes aí. Tomava ela, macetadinha, tomava no leite. E para machucado a gente usava outra planta, que era o tal do Rubim. Aí amassava, colocava sal e colocava lá nos ferimento, enrolava com um pedacinho, era uma tira do lençol velho que a mãe rasgava. Era isso que eu lembro. E chás! Chás de erva-cidreira, Camomila, hortelã...

Aparecida Ramalho

Fotografia 47 – Prato escolhido pela família Souza, queijo com goiabada e geleia de maracujá



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Quando éramos crianças, não tínhamos condições de comprar um queijo

Então, na verdade, eu sempre quis fazer um queijo saboroso e gostoso, assim, que eu gostasse, né? Tomara que todo mundo goste, porque hoje trouxe a prova concreta. Eu sempre tive vontade. Todo mundo que passava ou estava salgado o queijo, ou estava amargo, ou estava sem coar o queijo. Alguma coisa sempre tinha. E eu toda vida gostei muito de queijo e nossa condição de pequeno, quando criança, não tinha muita condição de comprar queijo, né? E às vezes, quando conseguia comprar num era gostoso. Não era do jeito que tinha que ser. Aí o dia que eu vim pra cá eu falei “vou aprender a fazer um queijo saboroso e bem feito, eu vou tentar fazer” e fui aprendendo.

Iraci Souza

O chá de alho com cebola é uma beleza para respiração

Chá de alho com cebola, essas coisas, é para que tem problema de renite e quando acorda de noite, sai uma secreção na cabeça e uma água meia grossa assim que sai, sabe? E fico meio te afogando assim,

engasgando e daí eu fiquei tomando chá de alho. Põe alho, põe gengibre, põe cebola e ponha água e toma isso. E sumiu! Aí a respiração ficou uma beleza, a dor de cabeça não sarou, mas a parte de que ficava meio se afogando a gente melhorou.

Erasmu Souza

Se você falar que foi um médico que pediu pra fazer isso, eu nego

Eu tenho uma História bem bonita aqui. Logo que nós mudamos ali no sítio. Na verdade, eu não tinha mudado ainda. Tinha gente morando no sítio e o Gabriel quebrou o braço. Ele escorregou do pé de manga. Acho que ele tinha o quê, de 2 para 3 anos? Ele era bem pequenininho, ele só escorregou e bateu cotovelo naquela folharada de manga e conseguiu quebrar o braço. Só que daí ele quebrou só o cotovelo e foi o esquerdo. Daí levei lá e o doutor constatou mesmo. Só é o cotovelo que ele quebrou. Aí ele falou assim, “Oh, nas fisioterapias que você pode fazer em casa”. Ele falou, “você pega a erva de Santa Maria”, o povo do norte fala matruz, outras pessoas falam metruz, né? Ele é um matinho bem fedido. Um cheiro forte. E daí o doutor falou assim, “ó você, ponha o braço dele na água bem quentinha, que ele aguente e dá uma bolinha para ele movimentar os músculos dentro daquela água quentinha.” Eu lembro que eu fui ver o preço da fisioterapia, nós tinha mudado, bem no tempo de não tinha nada mesmo. Só tinha a vida mesmo. Tinha que ter coragem para viver. “Você põe na água de erva de Santa Maria, mas se você falar pra alguém que foi o médico que te ensinou fazer isso, eu vou falar que é mentira. Porque nós médicos, nós não podemos ensinar esse tipo de medicina” que a maioria não acredita, mas eu não sei se é a fé na medicina, na planta, mas que cura.

Iraci Souza

Fotografia 48 – Prato escolhido pela família Bassani, pão caseiro assado



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Era maravilhoso sentir o cheiro de pão na vizinhança

Eu trouxe “o prato que a Josi não sabe fazer”. Eu fui buscar na madrinha. Está quentinho ainda, acabei de assar. Gente, isso aqui é o pão. Esse aqui é o da Luzia. Mas é nesse pão aqui que eu identifico muita gente. Eu identifico minha madrinha, minha avó, dona Aparecida, que está aqui. Como tantas outras comidas que já falou, chegava o sábado, era maravilhoso sentir o cheiro da vizinhança ou a fumaça dos fornos a lenha, que todo mundo assava pão. E minha madrinha e minha avó, depois a mãe com a tia Rosa, que sempre estavam juntas. Então eu me identifico muito com isso. E até hoje, tipo assim, eu acho que é um alimento que, pode ser o pão caseiro, pode ser um pão francês. Eu acho que é um alimento universal. Eu falo assim, eu não consegui aprender a fazer pão, na hora de enrolar o coitadinho ali.... Acabei desistindo também.

Josi Bassani

Eu ia na roça pra comer a comida de vocês

Então assim, eu lembrei do biscoito. É, porque a avó, são mineiros, né? Acabei não conseguindo fazer também. Mas avó, nossa, a gente

chegava de domingo na casa dela, o saco de biscoito estava lá dentro do armário. Tinha um povo que roubava o biscoito. A simbologia de se lembrar das coisas boas que eram.

Josi Bassani

A gente evita tomar remédio de farmácia

O Rodrigo um tempo atrás machucou o joelho, ele estava até para fazer cirurgia, já agendado e tudo para fazer a cirurgia. E a mãe e o pai, começou “filho, amaceta o Rubim, põe nesse joelho, pega a folha de mamona e ferve, é muito bom”, e ele acabou fazendo. A gente levou ele também num massagista, mas ele acabou colocando uns dias onde macetava Rubim, punhava sal e ponho no joelho dele. Então a gente tem ainda assim, algumas coisas que a gente segue, procura não tomar remédio de farmácia. Mas ainda a gente pede algumas coisas.

Josi Bassani

Fotografia 49 – Prato escolhido pela família Malaco, pudim



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Me lembro quando comi pudim pela primeira vez

Então esse prato aqui que eu trouxe, é o seguinte. Nós, quando era na nossa casa, a gente não comia essas coisas não. Não tinha nada disso,

dessas coisas. Daí, passado um tempo, eu não lembro na casa de alguém que eu fui, que eu comi 1 pudim desse, bem simples, ele é o mais simples, o mais básico possível. Aí eu falei, “nossa, mas o negócio é muito bom, eu vou querer receita desse negócio.” Aí meu Deus o dia que eu fiz esse pudim. Gente, quase se acabemo comendo.

Evanir Malaco

Ninguém ficava separado no almoço e na janta

E uma outra tradição também que a gente tinha. Meus pais tinham, que eu acho que isso nunca vou esquecer. Era assim, hora de almoço, de jantar, ninguém comia separado um do outro. Era nós na mesa, no almoço e janta, a não ser que não tivesse em casa, que não tivesse como fazer. E toda noite a gente jantava, ninguém levantava da mesa, a gente colocava o prato para lá e a gente rezava toda noite, toda noite. Aí a gente rezava o Terço. Aí depois a gente pedia benção para os pais da gente, ali na mesa assim e depois as meninas, já que eram mais velhas minhas irmãs, elas iam lavar louça e o pai ia brincar com nós, ele gostava de brincar com nós de cavalinho, sabe? Então é uma coisa assim, uma tradição que eu tento trazer.

Evanir Malaco

A mandioca sempre fez parte da nossa mesa

Principalmente a mandioca, que eu lembro lá quando acabou em 80/82, a lavoura de café não foi mais, a gente ia meio assim sem jeito, meu pai não gostava de lavoura branca de jeito nenhum. Aí comecei a plantar, a lavoura de mandioca. E além de ser uma fonte de renda, que foi para nós, fez parte do prato da mesa, uma mandioca cozida, uma mandioca frita, uma sopa de mandioca. E a gente até fazia farinha, né? E agora todo dia vai pra mesa. Mesma coisa que eu vi os outros falar assim, eu vi o Dorva do porco, mas ele não começou lá no começo, que tem que tratar o bichinho lá no chiqueiro. E o outro não falou do leite que a vaca, se não botar comida

na boca dela, não veio leite. E assim também foi com a gente. Se a gente não plantasse, se não cuidasse. Talvez não teria até hoje. Foi muito bom.

Luiz Malaco

Não sei se era a fé que sarava

Aí, uma coisa também que a mãe fazia para nós, era chá de folha de laranja. Acho que o Toninho falou da folha da laranja, né? Era só nós ficar gripado lá, ela ia buscar folha de laranja. Daí ela fervia, e fazia com bastante açúcar. Ela fazia um xarope e tinha que tomar quente. Não podia tomar frio, tinha que tomar bem quentinho e era bom, cara. E era bom aquele negócio, funcionava mesmo. Não sei se será a fé, mas sarava.

Evanir Malaco

Fotografia 50 – Prato escolhido pela família Maiolli, lasanha



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Nossa família era italiana e fazia muita massa

O Celso chegou pra mim e falou 'Você vai fazer uma lasanha'. Aí eu falei para ele, 'mas por que lasanha?' 'Ah, porque a minha mãe fazia muito macarrão, fazia tortelli, fazia muita massa. E então eu queria que fizesse lasanha". Aí nós fizemos, peguei, fiz a lasanha para ele. Isso vem da tradição dele e da minha mãe também... meu vô, era baiano. A minha avó

era filha de italiano legitimo e fazia polenta e todas essas coisas. Lá em casa já tinha, mas só que a gente era menos do que eles.

Maria Inês Maiolli

Era massa pra todo lado!

Comentar um pouquinho da massa. Meu vô era italiano, né? Então daí ele morava 2 anos lá em casa com nós, com a minha mãe e 2 anos com a minha tia. Ele vinha e já trazia a máquina de fazer macarrão e aquilo era macarrão para todo lado, fazia depois pra encher aquelas peneiras. Naquela época de café, daí forrava com uma toalha aquelas peneira, enchia de macarrão e deixava no sol secar e “dele” macarrão e polenta. E daí a gente se criou gostando muito de massa.

Celso Maiolli

A medicina era sal, álcool e vinagre

Eu vou contar outra que aconteceu quando eu era bem pequenininho ainda. Acho que poucos que vai lembrar disso. Severino se lembra que esse carroção, aquele carrinho de roda dura. Cada roda era mais de uns 2 metros e pouco de altura. Aí meu pai resolveu engraxar, tirar uma roda daquela. Aí juntou ele e meus dois irmãos, que era grande, ergueu e eu fui punhar um toco assim de baixo, para ficar alto, para tirar aquilo. E eu coloquei toco mal colocado e aquele eixo de ferro pegou nas minhas costas e arrancou tudo. E daí a medicina do meu pai era sal, álcool, vinagre e ponha em cima daquilo. Cozinhava tudo.

Celso Maiolli

Eu não acreditava muito em simpatia

Esses negócios de chá, todas essas coisas que a gente falou, que eu até hoje tomo, eu tinha bronquite, eu quase morri e passava a noite inteirinha

e era cheio de chá pra tomar. O meu pai foi até Roncador buscar aquele Pinhão, aquele nó de pinho. Aí ele rachava, tudo bem pequenininhos, mandava fazer com capim gordura que eu não sei o que é lá e adoçava com mel, quanto remédio que eu tomei! Depois tomei uma surra do meu pai porque não acreditava em simpatia. Ensinaram para ele, que se fizesse um buraquinho da altura minha na porta e colocasse não sei quantos fios de cabelo ali dentro, quando eu passasse por ali eu ia sarar. Meus irmãos virou um sarro em cima de mim. Quando ele veio pra tirar meu cabelo, eu corri e estava chovendo e eu rouca de bronquite, corri, fui para chuva. Ele pegou o reio.... Fui sarar só depois de velha.

Maria Inês Maiolli

Nessa primeira parte do encontro, cada família trouxe um prato típico do espaço rural onde vivem, que tivesse um significado em sua vida, acompanhado de uma narrativa sobre as medicinas do campo que faziam ou ainda fazem em suas propriedades. Foram muitos os sabores e saberes, dos mais variados possíveis, que mostram as delícias encontradas no mundo rural.

Nas mônadas “O porco assado sempre reunia a família”, “Lembro da mãe acordando pra fazer o manjar”, e “Esse remédio que a mãe fazia”, da família Giupato Bassani; nas mônadas “A gente fazia tudo no forno a lenha”, da família Nascimento Giupato; “Lembro da mãe enrolando as tiras de lençol”, da família Ramalho; “Quando éramos crianças, não tínhamos condições de comprar um queijo”, da família Souza; “Era maravilhoso sentir o cheiro de pão na vizinhança” e “Eu ia na roça pra comer a comida de vocês”, da família Bassani; “Não sei se era a fé que sarava”, da família Malaco; “A medicina era sal, álcool e vinagre” e “Eu não acreditava muito em simpatia”, da família Maiolli, flagramos um elemento comum em todas essas lembranças: o alimento ou a medicina caseira remete ao tempo de infância.

Em suas obras, Benjamin evidenciou que experiências e memórias “significativas” de fato são construídas durante nossa infância. Ele a enxergava como um vislumbre de descobertas e encantamentos, tendo uma perspectiva única do mundo quando se

é criança. O autor argumenta que as memórias da infância podem ser subversivas, desafiando a ordem estabelecida e abrindo espaço para possibilidades alternativas. Ele via a infância como um momento de liberdade e criatividade, antes que as normas sociais e as estruturas de poder moldem e restrinjam nossa maneira de pensar e agir. Por isso, identificamos nas mônadas onde a memória desempenha um papel fundamental na formação de nossa identidade e no entendimento da História, enquanto a infância representa um momento especial e autêntico em que memórias significativas são criadas. Ambos são importantes para resistir ao esquecimento e às estruturas de poder, permitindo-nos reimaginar o mundo de maneiras alternativas.

[...] as crianças... sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nestes restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, por meio daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso, as crianças formam seu próprio mundo das coisas, mundo pequeno inserido em um maior (BENJAMIN, 1995, p. 18-19).

A professora e pesquisadora Maíra Wencel ajuda na compreensão desse momento tão singular no processo de vida do ser humano, que é a infância, dizendo-nos que:

Portanto, a imagem de criança sustentada pelo filósofo e por essa pesquisadora é de uma criança criadora de mundos, capaz de criar cultura e de ser cultura. É a criança inteligente, portadora de sensibilidades, de linguagem, de racionalidade e irracionalidade, consciência e inconsciência. É também a criança ainda cheia de coragem para atribuir seus próprios significados ao mundo, aos objetos, aos lugares e aos sonhos (WENCEL, 2021, p.50).

A imagem dessa criança é que surge nas narrativas dos moradores(as), que enxergam as melhores experiências de sua vida sendo rememoradas na atualidade na imagem de adulto. Reforço que tais memórias emergem dos sabores e aos aromas que estavam presentes nas memórias involuntárias dos(as) trabalhadores(as) rurais, a qual é cheia de potencialidade, não aquela memória mecânica e automatizada.

Já nas mônadas “Era massa pra todo lado!” e “Nossa família era italiana e fazia muita massa”, da família Maiolli; “Ninguém ficava separado no almoço e na janta”, da família Malaco; “A gente evita tomar remédio de farmácia”, da família Bassani; e “O chá de alho com cebola é uma beleza pra respiração”, da família Souza, percebemos as tradições que ainda se mantêm vivas no cotidiano de cada família. Seja para evitar os remédios de farmácia ou até mesmo um simples almoço que eram feitas as orações em família, percebesse que a importância da tradição evidenciada por Benjamin para manter as memórias vivas no seio de cada indivíduo. Por mais que algumas não existam de maneira prática, ainda resistem nas memórias soterradas das famílias.

Flagramos na mônada “A mandioca sempre fez parte da nossa mesa”, da família Malaco, que os alimentos acompanham a vida no campo, seja no trabalho ou na mesa, de maneira que seria impossível não reconhecer a importância de tal alimento para a família. Seja a mandioca, o leite, as frutas, as verduras ou qualquer outro alimento, notei que todas as famílias reconhecem a importância do seu próprio cultivo no campo.

Nas mônadas “Me lembro quando comi pudim pela primeira vez”, da família Malaco, e “Era maravilhoso sentir o cheiro de pão na vizinhança”, da família Bassani, mesmo dada a simplicidade do alimento, percebemos uma memória tão viva que, quando as narradoras nos contam sobre suas lembranças, parece que nos transportamos para os cheiros e sabores. Seja no pudim simples ou no pão, alimento tão comum das mesas dos brasileiros, percebemos o quanto os sentidos despertam lembranças e conexões com o passado. Tal concepção, elucidada por Benjamin, são as

experiências sensoriais inesperadas que desencadeiam lampejos de memórias sensíveis e carregadas de afetividade.

Nas mônadas “Se você falar que foi um médico que pediu pra fazer isso, eu nego”, da família Souza, e “Hoje é só remédio de farmácia”, da família Nascimento Giupato, percebemos as imposições de saberes produzidos pela dita “ciência”. Novamente, destacamos aqui que não duvidamos dos seus benefícios, com os remédios e vacinas, mas questionamos o porquê dos saberes do campo, principalmente os medicinais, são questionados, mesmo sabendo que possuem benefícios para a saúde dos indivíduos? Os valores científicos são reconhecidos, entretanto permanece a reflexão sobre os saberes do campo ainda serem tão pouco valorizados neste mundo capitalista, que visa muito mais o dinheiro e a acumulação de bens do que a saúde de seus indivíduos.

Percebemos formas de resistir a essas imposições de saberes nas mônadas “Nós sempre reunimos a família” e “Nós fazemos porco até hoje”, da família Ramalho, e “Eu ainda tomo chá hoje!”, da família Nascimento Giupato. Nelas, os(as) trabalhadores(as) rurais ainda relembram as experiências vividas em comunidade, seja para compartilhar os sabores ou para manter suas tradições entre si. Os remédios caseiros também resistem e ajudam a manter uma vida saudável, como é o caso de Severino. Seja nos sabores ou nos saberes, cada família possui uma maneira de manterem suas tradições no campo, tão importantes para sobrevivência desse mundo rural que tanto falamos.

Nessa primeira parte, em que trouxemos as mônadas sobre os sabores e as medicinas caseiras do mundo rural, evidenciamos a importância de tais conhecimentos para além do seu maravilhoso gosto ou até mesmo seu benefício médico. Em todas as lembranças, vemos uma valorização dos encontros para fazer esses alimentos, ou seja, do processo, do meio, e não necessariamente do seu fim. As famílias dos(as) trabalhadores(as) rurais guardam para si memórias que vão além das nossas compreensões dentro dessa pesquisa. Evidenciamos aqui uma dentre milhares de compreensões possíveis, ou seja, minha

preocupação também não é com o fim da pesquisa, mas sim o seu meio, os processos que foram construídos entre mim e as famílias para que tais reflexões fossem possíveis.

Na segunda parte do encontro do 6º cultivo, cada família trouxe uma carta para falar o que eles deixariam de conselho para as gerações futuras a partir do que conversamos nas rodas de conversa. Para inspirar suas escritas, compartilhei a fábula “O fazendeiro e seus filhos”, de Esopo, narrativa muito presente nas reflexões de Walter Benjamin. Nela, o narrador sedentário, no leito de morte, deixa conselhos valiosos para seus filhos, assim como as cartas redigidas por cada família desta pesquisa. Caro(a) leitor(a), convidamos a leitura das cartas produzidas por cada trabalhador(a) rural.

Do que adianta a tecnologia se não formos sábios?

Hoje vivemos em dias difíceis. Ser agricultor e viver na agricultura não é fácil. Cada dia que passa fica mais desafiador, tem que ter muita força de vontade, coragem, além de tudo, ter amor pelo que faz. Estamos cheios de informações e tecnologias, mas não devemos nos esquecer do que nossos avós e pais nos deixaram e que as gerações de hoje estão se esquecendo, ou deixando de lado, que é o respeito ao próximo e a sabedoria. De nada vale tanta informação e tecnologia se não forem seres humanos sábios. Contudo, lute, tenha coragem e nunca deixe o desânimo tomar conta de você. Que dias melhores virão e jamais percam a fé em Deus que ele é maior.

“Ser um agricultor hoje é ser um herói diante de tantos desafios”.

Dorva e Cláudia Giupato Bassani

O maior bem que a gente tem, é a terra

Prezados,

A terra fornece o bem mais precioso, que é o alimento. O alimento é o nosso sustentáculo, nos nutre, nos mantém saciados e de pé. Por isso, é necessário que cuidemos dela, que vocês, nossas futuras gerações, cuidem e zele dela como nós e os seus antecessores cuidaram um dia. Continue nossa História, nossos costumes e as nossas tradições. Zelar de algo tão valioso é gratificante e satisfatório. Sem o homem do campo, o homem da cidade não come, sem isso eles não serão capazes de desfrutar os prazeres da vida. Acolhem-vos e cuidar do campo junto com as vossas famílias, aproveitando o amor que os vossos os contaram.

Cleide e Severino Nascimento Giupato

Prestem atenção nas belezas ao seu redor

Araruna, 10/12/2022.

Venho através desta carta aconselhar os nossos filhos Rafael e Danielli, que sejam adultos responsáveis e nunca deixe de sonhar e lutar por seus objetivos. Coloque sempre Deus acima de tudo o que for fazer, sejam amorosos e não gananciosos, ganhe o suficiente para criar seus filhos com respeito e dignidade. Valorize que seus pais nos deixaram, pois tudo que tem foi construído com muito esforço e determinação. E que saibam usar a tecnologia que tem hoje de maneira correta e o celular seja usado com moderação, prestando atenção que o que tem ao seu redor é muito mais atrativo e saudável. E que o amor a Deus e o respeito ao próximo seja a maior fonte em suas vidas, sejam felizes e Deus os abençoe.

Assinado, Aparecida e Antônio. Obrigado.

Continuem cultivando nossas tradições!

Para os cuidadores das memórias e Histórias para que sempre cultivem as tradições, os costumes, os encontros em família. Esperamos

que as crianças, os jovens, cultivem sempre os costumes, respeitando os agricultores, os pecuaristas, desde os mais pequenos até o maior, porque cada um faz grande diferença para o povo do mundo inteiro. Todas as gerações devem estar cientes de quanto o trabalho e os costumes e as tradições são importantes para a união de todos os povos, não importa onde estejam.

Iraci e Erasmo Souza

Que as gerações futuras tenham orgulho de nós

A experiência que tentamos deixar é de um trabalho com honestidade, sem desanimar nem desistir, buscando sempre melhorar, tentando acompanhar o desenvolvimento e a tecnologia. Mesmo não sendo fácil e nem barato, para que as gerações futuras lembrem com orgulho de nós hoje, como lembramos de nossos pais e avós que trabalharam tanto para que tivéssemos mais conforto hoje e uma vida melhor e mais fácil.

Queremos agradecer ao Gabriel e sua esposa por nos estar ajudando a recordar Histórias e passagens que já estavam ficando esquecidas na memória de um tempo que era mais sofrido, mas de muito mais companheirismo entre os moradores e vizinhos.

Josi e Nilson Bassani

Não sintam vergonha de dizer “eu sou da roça”

Experiências do campo. Meus queridos jovens, nunca sintam vergonha de dizer, ‘eu sou do campo’ ou ‘eu sou da roça’, pois é do campo ou da roça que tiramos o nosso sustento, o alimento que produzimos para matar a fome de tanta gente, ou melhor, de muitos brasileiros, que moram na cidade e muitas vezes desfazem, humilham as pessoas que moram e trabalham no campo. Seja simples, seja humilde, valorize as pessoas. Sei que no mundo de hoje existe “N” tecnologias para tudo, mas nunca se esqueçam, Deus é maior que tudo. O amor é maior que toda essa tecnologia e, acima de tudo, nunca seja o que os outros querem que você seja, em

primeiro lugar, seja você mesmo, ame a vida, pois ela é um presente de Deus para você.

Luiz e Evanir Malaco

Nós moramos na melhor comunidade do mundo!

Lirial de São Luís, dia 10 dezembro 2022.

Queridos irmãos e irmãs,

Com muito prazer vou deixar algumas palavras escritas para as novas gerações. Querido povo do Lirial, nunca desanime nas horas difíceis, porque em cada batalha sairemos mais forte, porque Deus está conosco. Seja um bom cristão, que Deus jamais te abandona. Eu sempre falei para os meus filhos, se for para dar prejuízo para alguém que você leve prejuízo. Se você for maltratar alguém que você seja maltratado. Se for copiar alguma coisa de alguém, copiei só o que é bom, porque o que é ruim, o encardido tá cutucando todos para fazer o mal. Que o Espírito Santo ilumine a nova geração para que não se perca nas drogas, nas prostituições, nas bebedeiras e que eles procurem mais as coisas de Deus e siga a doutrina da bíblia e lute por este país, que é o melhor do mundo, Terra de Santa Cruz. E nós moramos no melhor país do mundo e na melhor comunidade do Brasil.

Celso e Inês Maiolli

As mônadas construídas por meio das cartas dos(as) trabalhadores(as) rurais na segunda parte do 6º cultivo, trouxeram as experiências que consideravam importante partilhar com as próximas gerações. Destacamos que, em nenhuma das cartas, temos uma receita ou passo a passo único que deve ser seguido para alcançar determinado objetivo, longe disso. O que temos é o típico narrador benjaminiano trazendo consigo experiências que apenas eles(as) possuem, por estarem diretamente ligados aos eventos narrados. É uma experiência que tem sentido na vida dos(as) trabalhadores(as) rurais, e não simplesmente um fato a ser transmitido.

Na carta da família Giupato Bassani, percebemos a mônada “Do que adianta a tecnologia se não formos sábios?”, onde a família denuncia, assim como Benjamin, que o acúmulo de informações ocasionadas pela modernidade capitalista não servirá se forem vazias e sem sentido. Para eles, o maior conselho que permanece é se inspirar nas experiências das gerações passadas, saber absorver aquilo que é pertinente e ressignificar com novos saberes, não ocultando suas memórias. Nas palavras da professora e pesquisadora Marli Basseto (2022, p.95), entendemos “[...]que as narrativas diminuíram no campo, porém as pessoas continuam dispostas a trocar experiências; o que precisa é burlar o tempo, ouvido distendido e oportunidade para romper a era da informação e permitir que algo nos aconteça”.

Já na carta da família Nascimento Giupato, com a mônada “O maior bem que a gente tem, é a terra”, o casal de trabalhadores rurais nos alerta para algo que já deveria estar claro para todos os seres humanos: o cuidado com a terra. Este alerta surge de uma família que sobrevive dos cultivos da terra, mas, para além disso, como já evidenciamos nas palavras de Tuan, de uma família que identifica na terra, presente no mundo rural, um lar, um acolhimento, um lugar de repouso, não apenas todas as questões econômicas fornecidas por ela. Este alerta serve para nos atentarmos ao valor da terra, do campo e dos(as) trabalhadores(as) rurais, para valorizarmos seu empenho e sua dedicação com o espaço rural.

Na carta escrita por Aparecida e Toninho Ramalho, com a mônada “Prestem atenção nas belezas ao seu redor”, flagramos novamente a denúncia de uma tecnologia que pode ajudar, mas que, se não for utilizada com cuidado, pode resultar em muito mais malefícios do que benefícios. Assim como na carta da família Giupato Bassani, percebemos a preocupação em deixar para seus filhos e netos a valorização das gerações passadas, do seu esforço e de tudo que foi feito para que eles pudessem ter uma vida mais digna e tranquila. E mais do que isso: ficar atentos as belezas ao

nosso redor, pois tudo na vida pode desaparecer em um piscar de olhos.

Nos escritos da família Souza, na mônada “Continuem cultivando nossas tradições”, há uma preocupação para as futuras gerações: de que continuem mantendo as tradições da comunidade. A partir do cultivo dessas crenças, saberes e costumes, o respeito para com o(a) agricultor(a) deve ser igualmente valorizado, sabendo da sua importância para a sobrevivência da humanidade.

Na carta trazida pela família Bassani, com a mônada “Que as gerações futuras tenham orgulho de nós” e na carta da família Malaco “Não sintam vergonha de dizer “eu sou da roça” percebemos que os(as) trabalhadores(as) rurais querem deixar também um sentimento de orgulho por serem do campo. Por tantas vezes que foram discriminados, desrespeitados ou até mesmo menosprezados por serem do campo, em suas cartas eles lembram que não devemos desanimar frente a tantos desrespeitos. Precisamos fazer o que eles já fazem a muito tempo: resistir. Resistir às palavras de ódio, às palavras de menosprezo, às palavras de desvalorização que, com frequência, são proferidas contra o homem ou a mulher do campo. Somente com a resistência vamos encontrar brechas para continuar compartilhando as experiências e os saberes do mundo rural.

Nas mônadas o que podemos flagrar são narrativas carregadas de sensibilidades, dores, angústias, denúncia e resistência. Elas surgem para questionar um mundo rural que cada vez mais se vê sem apoio, seja da sociedade, com seu desprezo por aquele que vem do campo, ou da própria política do país, que enxerga apenas o agronegócio exportador e marginaliza as pequenas famílias que alimentam os brasileiros. A resistência que flagramos nas mônadas são de trabalhadores(as) rurais que possuem pouco ou quase nada de apoio, financeiro e braçal, e, muitas vezes, resistem no campo pelo seu amor pela terra. São trabalhadores(as) rurais que dizem com orgulho que fazem parte da agricultura familiar e que trabalham para manter a mesa do brasileiro(a), para que não haja

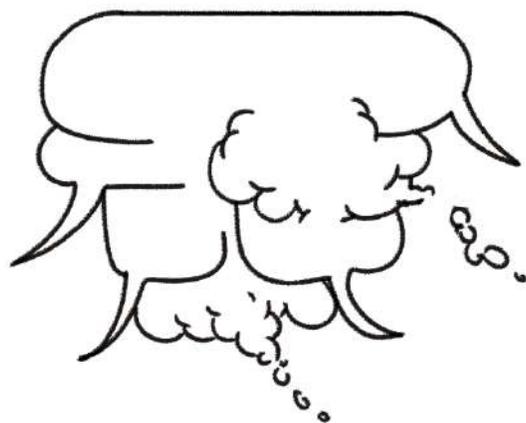
mais miséria e acumulação de bens. Afinal, se eles(as) não fizerem, quem fará esse trabalho por eles e por nós?

Finalizamos as reflexões dos nossos encontros coletivos com a mônada “Nós moramos na melhor comunidade do mundo!”, flagrada na carta da família Maiolli. Nela, percebemos a alegria e o orgulho de todas as famílias de viverem em uma comunidade rural. Seja do Lirial de São Luís, seja da comunidade Santa Ana, do Taquarimbé, do Pinhalzinho, ou tantas outras presentes em Araruna e em outras áreas rurais do país. Os(as) trabalhadores(as) rurais sentem orgulho de serem do campo, pois é nele que eles identificam sua felicidade. Não nas tecnologias, muito menos na cidade e suas “regalias”: é no mundo rural que encontram as experiências que realmente possuem significados em suas vidas.

Após intenso diálogo com tantas experiências, destacamos que não conseguimos trazer tudo que foi compartilhado durante as rodas de conversa. Muito foi deixado, não pela sua falta de relevância, mas pelo espaço delimitado que o próprio livro carrega. Mesmo assim, aquelas narrativas que mais ficaram evidentes nas lembranças dos(as) trabalhadores(as) rurais foram compartilhadas pelos seus significados tanto para aquele que narra, quanto para aquele que lê. Convidamos, caro(a) leitor(a), a conhecer a última parte dessa obra sobre o espaço público construído para compartilhar as experiências vividas dos trabalhadores.

PARTE IV

A PRODUÇÃO
COMPARTILHADA
DOS CULTIVOS



CAPÍTULO XIII - 7º CULTIVO: ESCOLHENDO OS FRUTOS QUE SERÃO COMPARTILHADOS

Assim como na parábola do vinhedo, discutida por Benjamin, percebemos que muito daquilo que foi produzido se deu a partir da escuta sensível e do diálogo constante com cada trabalhador(a) rural. Escutei e transcrevi cada palavra das rodas de conversa coletivas e pensei: qual a melhor maneira para compartilhar saberes tão potentes no ambiente virtual? É possível construir um site com os(as) trabalhadores(as) rurais? E mais importante ainda: como construiria o livro por meio do compartilhamento desses saberes?

A partir das contribuições de Frisch sobre autoridade compartilhada, pensei que não faria sentido eu, enquanto pesquisador, apenas fazer a seleção daquilo que nós consideramos relevante para o site e deixar as próprias famílias, detentoras desses saberes, de fora desse processo, como o mero intuito da divulgação. Nas palavras de Shopes (2003, p.111) “este diálogo não tenha vindo em forma de teorização elegantemente abstraída sobre a construção da memória e o controle de narrativa, [mas] veio mais na forma de reflexões sobre a prática concreta e relacionamentos reais”.

Primeiramente, eu, Gabriel, realizei a transcrição de todas as conversas. Foi um trabalho árduo, afinal, cada roda de conversa tinha de 2 a 3 horas de gravação. Mesmo assim, fiquei muito contente enquanto escutava novamente cada fala dos(as) trabalhadores(as) rurais, pois percebi que todas elas tinham muitas potencialidades e possibilidades de diálogo, tanto no site como no livro. Após o término das transcrições, iniciei a produção das mônadas e que, ao mesmo tempo, fariam parte do site. Feita a escolha, dialogamos com os membros do grupo de estudos Odisseia antes de retornar para as famílias. Elaboramos os textos

escritos e compilei os áudios das rodas de conversa para colocarmos no site.

Ao concluir o processo de transcrição e elaboração dos textos do site e deste livro, retornei para a casa das famílias dos(as) trabalhadores(as) rurais para conversarmos, ou seja, é um trabalho pela via de mão dupla (FRISCH, 2016), entrelaçando nossos saberes de maneira coletiva para selecionarmos aquilo que seria compartilhado. A seguir, alguns registros desse processo são apresentados.

Fotografia 51 – Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Malaco



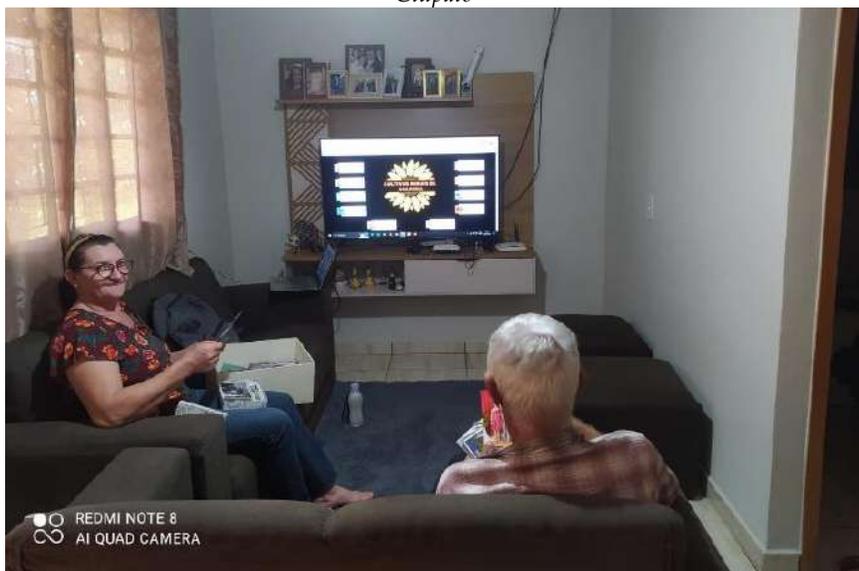
Fonte: Arquivo do autor (2023).

Fotografia 52 – Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Bassani



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Fotografia 53 – Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Nascimento Giupato



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Fotografia 54 – Registros do 7º cultivo realizados na casa da família Maioli



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Durante os finais de semana, circulei pelas propriedades de todas as famílias para mostrar e construir juntos o site e os textos que iriam para este livro. Foi um processo coletivo, assim como os cultivos, em que contribuições foram ouvidas, dialogadas e acatadas na maioria das vezes. Ainda selecionamos as fotografias que ficariam no menu de cada família. Do meu notebook para a tela de suas televisões, o site que estava em desenvolvimento com a finalidade de que todos(as) da família pudessem observar e colaborar sobre o que seria disponibilizado no site.

Destacamos como foi realizado o desenvolvimento deste site: toda sua programação foi feita em ReactJS²⁷, evidenciando a

²⁷ O React é um framework JavaScript desenvolvido pelo Facebook (agora Meta), empregado na construção de interfaces de usuário (UI) para aplicativos web. Sua popularidade decorre da facilidade de uso, alta flexibilidade, escalabilidade, sendo adotado por diversas empresas de tecnologia, tais como Facebook, Instagram e Airbnb.

História local contada por esses indivíduos em um espaço que eles possam continuar refletindo e compartilhando suas vivências. Para isso, um domínio foi comprado e hospedado em uma plataforma gratuita. Foram adicionados no espaço virtual as experiências dos trabalhadores rurais, contendo um menu para seleção do item desejado e sua exibição. Para isso, utilizamos os comentários do Facebook no site elaborado, pois ele possui um controle de moderação, assim, evitando problemas de spam e comentários desrespeitosos, e facilitando a interação daqueles interessados. Ao trabalhar com os fragmentos de memórias e compartilhá-los no site, buscamos evidenciar suas experiências a partir daquilo que ficou latente e escondido por tanto tempo, compartilhando a realidade da cidade de Araruna mediante as experiências vividas pelos(as) trabalhadores(as) rurais. Pensamos na utilização das redes sociais para o compartilhamento de tais experiências, porém, percebemos que trariam uma hierarquização dos saberes compartilhados, na qual as primeiras publicações ficariam submersas e dificilmente seriam acessadas.

Consideramos a importância da construção do site nas palavras de Gallini e Noiret (2011, p.31), os quais afirmam que “Grupos sociais, étnicos, políticos e culturais povoam a rede de testemunhos individuais, utilizando as tecnologias e os meios de comunicação da Web 2.0 para consolidar as suas práticas de memória.”²⁸. Santhiago (2018, p.328) reforça a grande relevância que a História oral tem no espaço público, não só nele, mas também no espaço público digital. Utilizar o site como espaço para compartilhamento de memórias desses grupos se torna uma consequência de todo trabalho coletivo para as partilhas de experiências excluídas da historiografia local oficial. Shopes (2016, p. 82) ressalta a importância das novas ferramentas digitais, abrindo possibilidades para exploração criativa, não linear,

²⁸ “Los grupos sociales, étnicos, políticos y culturales pueblan la red de testimonios individuales, utilizando las tecnologías y los medios de comunicación de la Web 2.0 para consolidar sus prácticas de memoria.”

permitindo que as pessoas desenvolvam caminhos pessoais através delas. Em outras palavras, em vez de uma simples divulgação, o que fizemos foi um trabalho coletivo que resultou na publicização das memórias locais.

Entendemos que “o que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho da História oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas” (PORTELLI, 2016, p.21). Ao trabalhar com a comunidade, a pretensão não era “dar vozes aos sujeitos da pesquisa”, mas escutar e disseminar o conhecimento para além da comunidade, podendo alcançar novos horizontes para outras comunidades rurais.

Além da questão dessas narrativas que há tanto tempo são excluídas da historiografia local, outra preocupação foi com a questão estética do site. A partir do site *Canva*, construímos todo o *layout* do site para que fosse simples, interativo e imersivo. O usuário realmente poderia sentir as experiências trazidas pela narrativa dos(as) trabalhadores(as) rurais, sem perder a sua essência. Para isso, além do *layout* simples, dos textos e das fotografias já escolhidas, também construímos áudios que trouxessem a minha narrativa junto com a dos trabalhadores, para que o site se tornasse mais imersivo possível. No fundo desses áudios, ouvimos sons de fazenda (animais, rios, etc), para que a pessoa que o acessasse sentisse essas experiências de estar adentrando o mundo rural. O nome, “Cultivos rurais de Araruna” está relacionado com os cultivos que foram construídos com as famílias.

Figura 3 – Menu inicial do site Cultivos Rurais de Araruna



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 4 – Menu da família Souza para exemplificar como ficou o layout de cada família



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 5 – Exemplo do layout de como ficou as imagens, áudios e textos de cada família
Trabalho no campo

Ouve o áudio

▶ 0:00 / 1:30 ◀ 🔊

Hoje, Toninho é o secretário da Agricultura e do Meio Ambiente em Araruna. Mesmo ajudando diversas famílias, em diferentes comunidades do município, ele não se sente à vontade com seu trabalho. Na verdade, ele gostaria de deixar seu escritório e a burocracia para ficar com a família, cuidando das flores. Mesmo assim, ele ainda continua desenvolvendo vários trabalhos para as comunidades: conseguiram poço artesiano para diversos lugares; montaram um associação para manter a Feira de Agricultores da cidade; kit barraca para os feirantes; hortas comunitárias, entre tantas outras que só foram possíveis pois Toninho conhece a realidade do rural.

Toninho trabalhando na horta Comunitária em São Geraldo. (Acervo da família, 2023).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 6 – Espaço do site utilizado para o compartilhamento de memórias de outros usuários

Memórias do mundo rural

1 comentário Ferramenta de moderação Classificar por Mais recentes

Adicione um comentário.

 **Gabriel de Souza**
Olá! Me chamo Gabriel Henrique de Souza, um dos criadores e organizador deste site. Neste espaço, você, morador de qualquer comunidade rural, seja de Araruna ou de outra cidade, pode compartilhar suas experiências no mundo rural. Mesmo que você não more mais em uma comunidade rural, pode compartilhar como foi sua vida no campo e qual as memórias que você carrega. Sinta-se livre para escrever da maneira que preferir, seu relato é muito importante para o nosso site!
Curtir · Responder · 4 min

 Plug-in de comentários do Facebook

Fonte: Arquivo do autor (2023).

Para além dos menus que carregam as experiências das famílias dessa pesquisa e que falam sobre como ela foi

desenvolvida, o sujeito que quiser também poderá compartilhar suas memórias em um espaço que, futuramente, também florescera com outras narrativas para que moradores(as) de Araruna possam conhecer e as experienciar.

A realidade virtual construída no site faz parte da nossa época, desse século repleto de novas tecnologias, desafios e possibilidades. Ao construir o site não buscamos que os usuários se relacionassem apenas de maneira passiva, ou até mesmo exploratória, que limita algumas escolhas do indivíduo, mas sim, de maneira interativa, que houvesse, de fato, uma interação, por meio da qual o usuário tivesse poder de escolha na hora de adentrar e conhecer as memórias locais.

Aproprio-me da comparação feita por Frisch (2016) sobre a cozinha digital, dizendo que o processo de colaboração feito nesse espaço digital, que chamamos de *site*, foi para transformar aquela semente, que estava parada, sem a possibilidade de germinar (ou seja, “crua”), em uma bela planta, com a possibilidade de render frutos no futuro (ou seja, “cozida”). Processo esse graças ao trabalho colaborativo feito com as famílias, de intenso diálogo, com escolhas e possibilidades multimídias do próprio site. O retorno para as famílias poderia ser feito de inúmeras formas: livros, mostras culturais, cartilhas etc. Mas a escolha do site se deu justamente pelas inúmeras possibilidades e pelo fácil acesso daqueles que tiverem interesse em acessar e conhecer a pesquisa.

Os arquivos que normalmente ficam escondidos, guardados e longe do público não-historiador, aqui tomam uma nova forma, como possibilidade de acesso por qualquer pessoa que queira conhecer e participar da pesquisa. A *cozinha digital*, definida por Frisch (2016), aqui se torna o *cultivo digital*, também feito por várias mãos e construído pelo viés da autoridade compartilhada. Cultivar juntos se tornou a questão central dessa pesquisa, e o resultado do processo se torna visível na elaboração e publicação do site.

Para além do compartilhamento, que poderia ser feito na íntegra, também foi cuidadosamente elaborado para o espaço digital. As memórias foram fragmentada pelos “menus” das

famílias, com as transcrições e os áudios construídos, para que a experiência de visitar o *site* não ficasse monótona e desinteressasse o leitor.

Ressalto que, desde o início da pesquisa, tínhamos um grupo de WhatsApp, para mantermos uma comunicação ativa e para falar sobre a pesquisa, e para continuar os encontros em família, tão solicitado pelos(as) trabalhadores(as) rurais. Foi a partir das mãos dos trabalhadores, mas também de outras mãos, como da minha orientadora, Cyntia, do grupo Odisseia, do meu cunhado, Luiz Eduardo e seus conhecimentos sobre programação, da parceira Mirian Cardoso, doutora em Letras que revisou tanto o site e quanto este livro, todos contribuíram na construção coletiva desta pesquisa, tornando-se de fato uma produção com uma autoridade compartilhada, multidisciplinar e multiplurizada, com diversas visões de diversas áreas.

Após esse processo de construção coletiva do site, comecei o desenvolvimento final dele para o seu lançamento. Assim, caro(a) leitor(a), convidamos você para acompanhar o último cultivo.

CAPÍTULO XIV – LANÇANDO NOVAS SEMENTES PARA O MUNDO

O oitavo e último cultivo desta pesquisa foi realizado para organizarmos um lançamento do site de forma presencial, em parceria com a Casa da Cultura de Araruna e a Lei Paulo Gustavo, que ajudou nos custos de construção. Antes de recorrer ao poder público para o custeio da elaboração do site, tentei o patrocínio de diversas entidades privadas ligadas à área rural sem nenhum sucesso. Todas argumentavam que o projeto “era pequeno demais” e que para “a empresa patrocinar, deveria abranger outras regiões”. Com tais respostas, percebi que o interesse era puramente mercadológico, então conversei com a diretora da cultura, Suzane, com a qual já havia feito outras parcerias, como a realização do livro de Araruna, para que pudesse auxiliar e consegui o auxílio da Lei Paulo Gustavo.

O primeiro passo foi a realização de *banners* e convites que fiz no *Canva*, os quais, posteriormente, foram enviados para uma gráfica para sua impressão. Com o material pronto, por meio da ajuda de professores, estudantes e dos(as) trabalhadores(as) rurais, divulguei sobre o lançamento do site nas comunidades rurais, escolas e pontos movimentados da cidade.

Figura 7 – Banner de divulgação do lançamento do site

VENHA CONHECER AS HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS DE ARARUNA!



Crianças na Igreja do Lirial, 1962. Acervo da Família Maioli.



Comunidade do Lirial de São Luís reunida para celebração. Acervo da Família Bassari.



Feira de agricultores em Araruna. Acervo de Gabriel de Souza.



Convidamos todos os moradores e moradoras da cidade de Araruna para prestigiarem o lançamento do site "**Cultivos rurais de Araruna**"!

Quando?
28 DE JULHO DE 2023
DIA DO AGRICULTOR
HORÁRIO - 19:30



Onde?
SALÃO DA CASA DA CULTURA

O site é fruto do trabalho de uma pesquisa de mestrado de Gabriel Henrique de Souza, junto com as famílias das comunidades **Lirial de São Luís e Melão**.

Você, trabalhador(a) rural de outras comunidades também poderá participar com **a sua história no site, compareça no dia do lançamento!**

Mais informações entrar em contato através do QR code ao lado



Apoio:



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 8 – Convite feito para entregar pessoalmente às famílias e pessoas mais próximas

CONVITE PARA O LANÇAMENTO DO SITE "CULTIVOS RURAIS DE ARARUNA"

Caro(a) morador(a) de Araruna,

Convidamos você e sua família para prestigiarem o lançamento do site **Cultivos rurais de Araruna**, que contará um pouco das histórias das famílias trabalhadoras rurais que vivem nas comunidades da cidade.

Contamos com a sua presença!

Gabriel Henrique de Souza
(mestrando em História Pública responsável pela pesquisa)

Apoio:

CAPES

CULTURA

UNESPAR

Lei Paulo Gustavo

PPGH

Fonte: Acervo do autor (2023).

Fotografia 9 – Cartaz colado em uma comunidade rural

VENHA CONHECER AS HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS DE ARARUNA!

Convidamos todos os moradores e moradoras da cidade de Araruna, para prestigiar o lançamento do site "Cultivos rurais de Araruna".

Quando?
28 DE JULHO DE 2023
DIA DO AGRICULTOR
HORÁRIO - 19:30

Onde?
SALÃO DA CASA DA CULTURA

O site é fruto do trabalho de uma pesquisa de mestrado de Gabriel Henrique de Souza, junto com as famílias das comunidades Lirial de São Luís e Melão.

Você, trabalhador(a) rural de outras comunidades também poderá participar com a sua história no site, compareça no dia de lançamento!

Mais informações entre em contato através do QR code no lado

Apoio:

CAPES

CULTURA

UNESPAR

Lei Paulo Gustavo

PPGH

REDMI NOTE 8

Fonte: Acervo autor (2023).

Após ampla divulgação dos cartazes e convites pela cidade e pelas redes sociais, chegou o tão aguardado dia escolhido para o lançamento, o qual possui um enorme significado: dia 28 de julho, Dia do Agricultor. Essa data, normalmente ignorada pelas grandes mídias, é sempre lembrada por aqueles que vivem nas comunidades rurais, para buscar uma referência e dizer: este é um dia para reconhecimento do meu trabalho.

O espaço escolhido para realização do evento foi a Casa da Cultura, que fica no centro da cidade. Pensei em realizar nas comunidades rurais, mas devido à acessibilidade, o espaço da cidade seria melhor para que outras pessoas pudessem participar. Gostaria de deixar registrado que as pessoas envolvidas nesta pesquisa nos ajudaram no lançamento do site, assim como no momento de escrita dele e deste livro.

Para o evento, foram feitas camisetas para todas as famílias que participaram da pesquisa, com a temática do site. Todos(as) os(as) trabalhadores rurais subiram ao palco para compartilhar suas experiências durante a pesquisa, falando sobre aquilo que sentiram, viveram e experienciaram ao longo das nossas rodas de conversa. Tudo isso foi transmitido pelos canais da Casa da Cultura e do Lehis (Laboratório de História da Unespar), pelo Facebook e Instagram.

No dia em questão, estava chovendo bastante. Mesmo assim, muitas pessoas foram presenciar: professores colegas de trabalho, estudantes, membros de outras comunidades rurais, parentes, amigos, enfim, todos prestigiando as falas das famílias no palco. Foram muitas falas emocionantes e que poderia trazer todas aqui, mas pela delimitação do espaço, evidenciamos algumas para partilhar com vocês:

“Eu acho que isso (os encontros) foi uma das coisas mais importantes que aconteceu nos últimos tempos pra gente. Eu nasci na comunidade, cresci lá e não conhecia a casa da maioria das pessoas(...) Todos os encontros foram muito gratificantes!” (Cláudia Giupato Bassani)

“Para mim foi muito bom, a gente trabalha e trabalha e nunca somos vistos. Toda o nosso trabalho, desde o passado, fazemos com muito carinho (...). Esse reconhecimento que o projeto do Gabriel trouxe foi algo muito bom!”.
(Cleide Nascimento Giupato)

“(...)Quando o Gabriel foi estudar História, ninguém era favor lá em casa, e hoje ele é o que está mais junto na vida da gente, todo final de semana ele volta para casa para visitar nós.” (Erasmio Souza, pai do Gabriel)

Fotografia 10 – Foto dos(as) trabalhadores(as) rurais reunidos(as) no evento



Fonte: Acervo do autor (2023).

Foram tantas emoções sentidas, falas potentes e experiências compartilhadas que foi difícil decidir registrar neste livro, mas esses acima mostram o quão significativa e importante essa pesquisa foi, não apenas para mim, mas também para todos os envolvidos nela. O que pude sentir no dia foi uma alegria imensa, e uma sensação de trabalho “concluído” com tantas falas significativas sobre a pesquisa.

Após o término do evento, saímos para uma confraternização. Esta que não seria a última, mas sim uma das várias que ainda ocorrem até os dias de hoje. A pesquisa e seus objetivos haviam terminado, mas longe de concluir os saberes que os(as) trabalhadores(as) rurais ainda querem compartilhar. Com essas

palavras, convidamos você, caro(a) leitor(a), a caminhar para as (in)conclusões da obra.

Fotografia 11 – Confraternização após o término do evento



Fonte: Acervo do autor (2023).

(IN) CONCLUSÕES: REFLETINDO SOBRE OS FRUTOS COLHIDOS (E OS FRUTOS QUE AINDA VIRÃO)

Ao narrar as experiências dos(as) trabalhadores(as), não tínhamos como proposta “salvar” ou “resgatar” suas memórias: buscamos potencializá-las, a partir da própria realidade do mundo rural. O debate com a História Pública permitiu perceber a necessidade de colocar o conhecimento acadêmico e comunitário em diálogo constante, bem como escutar diferentes realidades, experiências e múltiplos sujeitos para refletir sobre questões latentes no presente (ROVAI, 2018).

Flagramos múltiplas memórias que estavam soterradas e que emergiram durante a pesquisa, carregadas de saberes, experiências, angústias e múltiplas realidades imersas nesse mundo rural. Tais experiências, muitas vezes, se veem sem espaço pela modernidade capitalista que tenta atacar os(as) trabalhadores(as) das comunidades rurais, não só de Araruna, mas de muitos lugares do Brasil. Nas palavras de Basseto, compreendemos que:

A modernidade capitalista expulsou os camponeses da área rural, e os que resistem enfrentam o problema do desarraigamento (BENJAMIN, 1985), por meio da memória da tradição passada, desempenhando um importante papel na experiência e na memória de cada geração, resistindo à imposição de um modo de vida citadina que torna as pessoas estranhas e individualistas (BASSETO, 2022, p.37).

E em meio a tantas imposições, encontramos resistência. Seja nas memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais e/ou na sua luta para continuar trabalhando no campo, ou ainda em atos que eles e elas fazem para manter suas tradições, costumes e ensinamentos que

encontram pouco ou nenhum espaço para continuarem vivos. A imagem que trago e salta desse trabalho é a *resistência*.

Essa resistência não acontece por causa de apoios externos ou valorizações, mas pelo próprio esforço de cada trabalhador(a) rural, por causa do sentimento de pertencimento, como pontua Tuan (1983), em que cada família, com suas experiências e seus modos de ver o mundo rural sobrevivem com suas práticas socioculturais.

Evidenciamos também, denúncias, de uma modernidade que não para de tentar invadir o espaço rural e destruir as relações, os encontros e os trabalhos em comunidade. Essa cultura, no sentido de Thompson (1981), nos traz a multiplicidade fundamental da experiência histórica vivida por esses(as) trabalhadores(as) rurais, atrelada a esse mundo rural tão rico em culturas (e não cultura), tradições (e não tradição) e modos de ver o mundo (e não apenas um modo). Essa compreensão ampla em relação à cultura nos ajuda a entender o papel fundamental na análise das lutas e das resistências trazidas por cada sujeito desta pesquisa.

Essa modernidade também se torna evidente quando percebemos que vivemos em um país que ainda insiste em valorizar o dito “agro”, do agronegócio que exporta, que acumula bens, que envenena nossos rios, que desmata nossas florestas, que recebe todo tipo de benefício em prol, não de um avanço da agropecuária no Brasil, mas pelo ato da busca incessante e desenfreada por maior produtividade sem tomar as devidas precauções e cuidados com a terra e com a distribuição. Esse “agro” não é o mesmo que vemos nas famílias dessa pesquisa, aqui é uma agricultura familiar, que resiste com poucos incentivos, que passa por inúmeras dificuldades para se manter no campo, com a falta de infraestrutura e mão de obra, e que aos poucos veem suas pequenas propriedades sendo vendidas a preços baixíssimos para que donos de terra acumulem cada vez mais esse bem tão precioso, que deveria ser um direito de todos.

Essa pesquisa, para além de uma narrativa das memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais de Araruna, também se configura

como uma história da luta de uma classe que busca seus direitos: o direito de trabalhar no campo, de ter uma vida digna sem passar por tantas dificuldades, de manter sua família na propriedade sem que eles tenham que ir viver quilômetros de distância, deixando suas famílias para que possam sobreviver. Não estamos falando de famílias que querem acumular bens e guardar tudo para si. São famílias que reconhecem o valor da terra e a importância das produções que são feitas nela, que entendem que sem ela, jamais sobreviveríamos em nosso mundo.

Por isso, reconhecemos que a história desses trabalhadores rurais deve caminhar e cruzar novos caminhos em diversos espaços públicos, seja nas cooperativas, em outras comunidades ao redor do Brasil, mas principalmente, nas escolas. Esperamos que no futuro, possamos construir materiais paradidáticos, possibilitando espaços de formação de professores(as) para que os mesmos possam reinventar seu processo de ensino e aprendizagem dentro e fora das escolas. Muitas cidades do interior, não só do Paraná, possuem milhares de estudantes que ainda não reconhecem no espaço escolar uma continuidade dos seus aprendizados adquiridos no campo. Acreditamos que através da formação continuada e de novos materiais possam romper com as amarras e inspirar estudantes a valorizar e entender o mundo rural no diálogo com as suas memórias.

Por fim, o que temos é uma pesquisa como possibilidade de inspirar outros(as) trabalhadores(as) rurais a compartilharem seus saberes, memórias, conhecimentos, costumes e angústias do mundo rural. Ela não termina nessa conclusão, pois a produção de conhecimento histórico pode continuar e ampliar ainda mais. Acreditamos que o potencial de alcançar outras comunidades rurais, para além de Araruna, seja no Paraná, no Sul ou até mesmo em qualquer região do Brasil, afinal, as denúncias e as resistências trazidas ao longo desta pesquisa, não são exclusividades das comunidades rurais da cidade de Araruna.

Ao final deste livro, da sua escrita, do seu desenvolvimento, percebemos que nossa intenção é continuar com ela, para outros

horizontes, para que esse cultivo não fique restrito ou escondido aos olhos de outras pessoas. A autoridade compartilhada contribuiu para o desenvolvimento de cada etapa desta pesquisa, e acreditamos que ela poderá contribuir ainda mais para projetos futuros, compartilhando saberes com outras áreas, seja na área rural ou até mesmo no ensino, com outros sujeitos e com outras formas de diálogo com as memórias.

Trouxemos leituras possíveis, como o florescer de um jardim. Ao mesmo tempo que podemos passear por esse jardim, novos cultivos podem brotar em outras searas. Fica o convite e desafio para se inspirarem com outros públicos e espaços, para além da cidade de Araruna.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. ROVAI, M. G. de Oliveira (Orgs.). **História pública:** entre as “políticas públicas” e os “públicos da História. XVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível em https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364156201_ARQUIVO_TextoFinal_ANPUHNATAL_HistoriaPublica_2013.pdf. Acesso em 06 nov de 2023.

BASSETO, M. B. **Aparecida do Oeste:** memórias e narrativas dos estudantes do campo sobre o lugar em que vivem. 2022. 83f. Dissertação. Mestrado em História Pública - Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná, *campus* Campo Mourão, Campo Mourão, 2022.

BENJAMIN, W. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas** I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e histórica da cultura**. Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1985.

BENJAMIN, W. In **Obras Escolhidas II**. Rua de Mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUNHA, N. R. de C. **Primaveras Compartilhadas: (re)significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2016.

CUNHA, N. R. de C.; OLIVEIRA, A. de. **Tempo e fotografia: sensibilidades entrecruzadas na cidade de Ouro Preto**. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura , v. 26, p. 79-98, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8650365>. Acesso em 06 nov de 2023.

FAGUNDES, B. F. L. **O que é, como e por que História Pública?** Algumas considerações sobre indefinições. In: VIII Congresso Internacional de História - XXII Semana de História - UNESPAR: PR, 2017. p. 3018 - 3026. Anais (on-line). Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3426.pdf>. Acesso em 27 ag 2021.

FRANÇA, C. S.; PAIM, E. Memórias e Narrativas Benjaminianas. In: Elison Antonio Paim; Pedro Mülbersted Pereira; Ana Paula da Silva Freire. (Org.). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, p. 39-59, 2018.

FRANÇA, C. S. **Memória como meio de produção de conhecimentos históricos**. Revista Memória em Rede, v. 12, p.

298-316, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/14858>. Acesso em 06 nov de 2023.

FREITAS, G. H. L. **O papel da memória involuntária em Walter Benjamin para o historiador**. *Labirinto (UNIR)*, v. 23, p. 157-171, 2015. Disponível em: Acesso em 06 nov de 2023.

FRISCH, M. A História pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GAGNEBIN, J.-M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, J.-M. **Documentos da cultura/documentos da barbárie**. *Ide (São Paulo)*, v. I,n1, p. 80-82, 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-31062008000100014. Acesso em 06 nov de 2023.

GAGNEBIN, J.-M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GALZERANI, M. C. B. **Imagens que lampejam: contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos**. *Encuentro de Saberes. Luchas populares, resistências y educación*, Buenos Aires, v. 1, p. 53-64, 2013a. Disponível em https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?co_de=110760. Acesso em 06 nov de 2023.

GALZERANI, M. C. B. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. In: **O Historiador e seu tempo**. São Paulo. Unesp, p.72-77, 2008.

GALZERANI, M. C. B. Memória, tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de História. In: **Cadernos CEOM**, n.28. Chapecó-SC: Unochapecó, p.82-90, 2008b.

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: Goulart de Faria, Ana Lúcia; Fabri, Zeila de Brito; Prado, Patrícia Dias (org.) **Por uma cultura da infância**. Metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, p.154-171, 2002.

GALLINI, S.; NOIRET, S. La historia digital en la era del Web 2.0: introducción al Dossier Historia Digital. **Historia crítica**, n. 43, p. 16-37, 2011.

HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. **Memória Coletiva**: São Paulo (SP), Edições Vértice, 1990.

HUYSSSEN, A. **Passados presentes**: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, A. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

JAQUETE, I. M. de J. F. **Partilha de Memória e Narrativas dos mestres anciãos (ã) Moçambicanos (as) na interface com as Pinturas Rupestres de Chinchamapere**. 2023. 181 f. Dissertação (Mestrado em História Pública) - Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual de Paraná, *campus* Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

MENESES, U. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em 06 nov de 2023.

NORA, P. **Entre História e memória.** A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, vol. 10, n. 10, dez/1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em 06 nov de 2023.

OLIVEIRA, Carolina. **História Pública e formação de professores: relatos de experiência de ser professor na pandemia.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

PAIM, E. A. **Histórias da Educação Brasileira:** uma busca (necessária) pelas memórias e experiências outras. In: Cristiano Ferronato; Ane Luise Mecnas Santos. (Org.). Práticas educativas na tessitura do tempo. 1ed. Aracaju: EDUNIT, 2019.

PAIM, E.; GUIMARÃES, M. **Imagens da modernidade capitalista em Walter Benjamin.** Cadernos Walter Benjamin, Ceará, n. 8, jan/jun 2012. Disponível em http://www.gewebe.com.br/cadernos_vol08.htm . Acesso em 11 out 2023.

PORTELLI, A. História oral como arte da escuta. **São Paulo: Letra e Voz**, 2016.

RICOUER, P. **A Memória, a História, o esquecimento.** Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROVAL, M. G. de O. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo & MENESES, Sônia (orgs.) **História pública em debate:** patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTHIAGO, R. Duas Palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria e ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e SANTHIAGO, Ricardo.

História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, R. Pode-se falar de uma História pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que História pública queremos?** / What public do we want?. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHITTINO, R. O conceito de público e compartilhamento da História. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SEIXAS, J. A. de. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). **Memória e (re)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SHOPES, L. A evolução do relacionamento entre História oral e História pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.) **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SHOPES, L. Commentary: Sharing Authority: Oral History and the Collaborative Process **The Oral History Review**, Vol. 30, No. 1 (Winter - Spring, 2003). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/238409824_Introduction_Sharing_Authority_Oral_History_and_the_Collaborative_Process. Acesso em 06 nov de 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

WENCEL, Maíra Ferreira dos Santos. **As crianças na relação com os espaços da cidade: possibilidades de produção de conhecimentos histórico educacionais**. 126f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

VEDOVATO, Fabio. **(Com)partilhando as memórias das experiências dos professores na interface com os patrimônios culturais**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão, 2021.

Preocupado com a progressiva crise e o apagamento da história local da sua comunidade rural, a obra se dedica em contrariar essa lógica, nessa tessitura que pode ser lida como uma autêntica declaração de guerra contra os epistemicídios e a subalternização das ditas “histórias menores”.

Por isso, os autores desta obra se preocupam com a necessidade de dialogar com os trabalhadores rurais e acolher suas memórias e experiências para a produção de conhecimentos históricos outros, buscando desestabilizar a lógica hegemônica fazendo emergir narrativas “outras” e histórias de trabalhadores de Araruna que pulsam cheias de vidas.

Inácio M. de J. F. Jaquete

